

276

O PATRIOTA,
JORNAL LITTERARIO,
POLITICO, MERCANTIL, &c.

D. O.

RIO DE JANEIRO.

*Eu della gloria só foy contente,
Que a minha terra amei, e a minha gente.*
Ferreira.

TERCEIRA SUBSCRIPÇÃO.

N. 6.º

NOVEMBRO E DEZEMBRO.

Reservado ao Sr. Esq.º
Bibliotecas Nacional

RIO DE JANEIRO.
NA IMPRESSÃO REGIA.

1814.

Com Licença de S. A. R.

*A subscripção se faz na Loja da Gazeta, ou na
de Francisco Luiz Saturnino da Veiga, a 6000 reis
pelos seis numeras. Nas mercas se vendem avulso
a 1000 reis.*

HISTORIA.

Conclusão do Memori sobre o Descobrimento, Governo, População, e couzas mais notaveis da Capitania de Goyaz, continuada do N.º ante- cedente, paginas 3.

Povoação desta Capitania da Correição de Villa Boa.

Barra, Arrayal da — pequeno, cinco legoas a Oeste da Villa, descoberto por Bartholomeo Bueno, logo depois do descobrimento da Goyaz; tem Capella de Nossa Senhora do Rozario, Ejuial de Villa Boa, e huma Companhia de Ordenança. As suas Lavras são ricas, porém faltas de agua, que não pôde ser introduzida sem muita despeza.

Anta, Arrayal da — pequeno, assim chamado por corrupção do Vocabulo de Dantas, sobrenome de hum dos primeiros moradores, em cujas terras foi fundada a Igreja, em seu principio Ejuial de Villa Boa, depois erecta em Freguezia em 1753, com o titulo do Senhor Bom Jesus; tem Capella do Rozario dos Pretos, e huma Ermida de Nossa Senhora da Boa Hora, suas Filiaes. São ricas as suas Lavras, e as do morro de S. José, cujo ouro apparece em folhetas de excellente toque, e a decantada pedreira chamada do Taveira de difficil extracção, por ser profunda, e fazer muita agua. Tem huma Companhia de Cavallaria, huma de Infantaria, e huma de Ordenança. Foi descoberto nos primeiros annos da Capitania, está doze legoas de distancia da Villa, situada a 16º, e 24' de longitude.

Santa Rita, Arrayal de — pequeno, em 2 legoas de distancia d'Anta, pouco povoado, com Capella Ejuial da mesma Freguezia, com denominação a ii

ção desta Santa, em que se vêhori a perfeita Imagen da Senhora das Dores; foi descoberto algum tempo antes do Arrayal d'Anta. Tem huma Companhia de Infantaria.

Theouras, Arrayal de — pequeno, assim chamado da abundancia dos Passaros deste nome, que alli se encontram; descoberto no Governo do Senhor Conde de S. Miguel, de quem tomou o nome a Freguezia, que foi erecta em 1757, sendo o seu primeiro Vigario o Doutor Simão Guedes; as suas lavras falharão, e está quasi deserto, tornando a Freguezia a ser Capella Filial d'Anta. Está 10 legoas ao Norte do Arrayal de Santa Rita em 15° e 16° de longitude.

Ferreiro, Arrayal do — quasi despovoado, assim chamado de hum Ferreiro, que alli viveo no principio, a primeira povoação da Capitania a huma legoa de distancia ao Leste-nordeste da Villa, de quem he Filial a sua Capella de S. João, erecta por deligencia do Tenente José Gomes em 1761.

Carro Preto, Arrayal do — pequeno, assim chamado pela qualidade do seu ouro, tres legoas em distancia da Villa, de quem he Filial a sua Capella de Nossa Senhora do Pilar; descoberto no principio da Capitania pelos primeiros povoadores; as suas lavras ainda são ricas em parte, onde não estão trabalhadas por falta de agua, que não pôde chegar ao Muro, que se diz ter cabedal. Tem huma Companhia de Ordenança.

Carralinho, pequeno Arrayal do — sete legoas ao Leste da Villa, não me consta o seu estabelecimento, que foi feito por alguns roceiros, que povoaram aquelle lugar. Tem Capella de Nossa Senhora da Anadia Filial de Villa Boa.

Pillares, Arrayal de — muito pequeno, e pouco povoado ao Oeste de Villa Boa na estrada do Cuiabá em distancia de 18 legoas; conserva huma guarnição militar; tem Capella do Senhor Bom

Jesus, Filial de Villa Boa, está situada a 16° de longitude.

Anicuns, Arrayal de — ou Descoberto de S. Francisco d'Assis em distancia de 12 legoas ao Oeste-Sudoeste da Villa, muito povoado em razão das suas minas, que são ricas, em que se tem estabelecido huma sociedade mineral, que em 3 annos tem extrahido mais de 8 arrobas de ouro; foram descobertas as suas minas por Salvador Marinho, e a sua rica Pedreira por Luciano de tal no anno de 1809. (1)

Julgado de Meia Ponte da mesma correição tem de habitantes brancos cazados 124, solteiros 469; pretos cazados 57; solteiros 248; pardos cazados 184; solteiros 734; brancas cazadas 120; solteiras 262; pretas cazadas 40; solteiras 264; pardas cazadas 200; solteiras 796. Escravos 13356; escravas 96.

Meia Ponte, Arrayal de — grande, e povoado, em distancia de 26 legoas da Villa, junto ao Rio das Almas, assim chamado de hum Ribeirão deste nome, descoberto em 1731 por Manoel Rodriguez Thomaz, Freguezia de Nossa Senhora do Rozario, com as Capellas Filiaes do Senhor do Bomfim, da Senhora do Rozario, do Carro, e da Lapa no seu recinto, e Capella de S. Antonio em tres legoas de distancia do Rio do Peixe. Tem tres Companhias de Cavallaria, duas de Infantaria, duas

(1) A sociedade mineral de Anicuns he constante de seus Livros que extrahio no anno de 1809 — 2019460735 reis. Em 1810 — 80582187 reis. Em 1811 — 78430500 reis. Em 1812 — 316120000 reis até o mez de Setembro; e calculo, que desde o seu principio se terá extrahido outro tanto, e que tenham dado estas minas duzentos mil cruzados.

de Ordenança, huma de Henriques. Está situada a 16^o, e 50'.

Corriço de Jaraguá, Arraial do — pequeno, e muito povoado, descoberto por pretos fuscadores em 1737; tem as Capellas de Nossa Senhora da Penha, e do Rozario Filial de Meia Ponte. Tem huma Companhia de Cavallaria, duas de Infantaria, e huma de Ordenança. Está situado a 16^o, e 38'.

Corumbá, Arraial do — pequeno, e muito povoada as suas visinhanças de Lavradores, que abastecem a Capitania de toucinhos, fumos, e panos de algodão, ao sul de Meia Ponte em distancia de 3 legoas, tem a Capella de Nossa Senhora da Penha, Filial de Meia Ponte.

Julgado de S. Luzia, da mesma Correição, tem de habitantes brancos cazados 40, solteiros 214; pretos cazados 18; solteiros 174; pardos cazados 110; solteiros 393; brancas cazadas 19; solteiras 230; pretas cazadas 19; solteiras 282; pardas cazadas 203; solteiras 766; escravos 768; escravas 496.

Santa Luzia, Arraial de — bem situado, Freguezia collada da Santa, que deu o nome ao Arraial, descoberto em 1746 por Antonio Bueno de Azevedo, com huma Capella de Nossa Senhora do Rozario dos Pretos. Tem duas Companhias de Cavallaria do 2.^o Regimento, duas de Infantaria, duas de Ordenança, e huma de Henriques. Está situado a 18^o.

Montes Claros, Arraial de — pequeno, e despovoado, em hum visinho cileiro, com Capella de S. Antonio, Filial de S. Luzia, descoberto em 1757, conta, que havendo-se as fezas do ventre de qualquer animal neste terreno, se encontram partículas de ouro, o que faz suppor riqueza na visinhança.

Couris, Arraial de — pequeno, e quasi despovoado, 24 legoas ao Nordeste de S. Luzia; fôz em outro tempo cabeça do Julgado; tem huma Capella, que por direito de posse he Filial de Paracatu. Tem huma Companhia de Ordenança.

Julgado de S. Cruz da mesma Correição, tem de habitantes brancos cazados 122; solteiros 344; pretos cazados 17; solteiros 71; pardos cazados 79; solteiros 324; brancas cazadas 123; solteiras 339; pretas cazadas 21; solteiras 110; pardas cazadas 85; solteiras 322; escravos 302; escravas 380.

Santa Cruz, Arraial de — pequeno, e despovoado, descoberto no principio da Capitania por Manoel Dias da Silva, que passou a Cuiabá, e nas desmarcações entrou por terras de Castilla, e levantou huma Cruz com esta inscripção — Viva El Rei de Portugal —, e teve por este serviço a Mercê do Habito de Christo com Tença de 800 reis. Freguezia Collada de Nossa Senhora da Conceição. Tem huma Companhia de Cavallaria, huma de Infantaria, e huma de Ordenança. Fica ao sul de Meia Ponte 33 legoas. Está situada a 17^o, e 54'.

Bom-fim, pequeno Arraial de — descoberto pouco mais, ou menos no anno de 1774, tem a Capella do Senhor do Bom-fim, Filial de Santa Cruz. Tem huma Companhia de Cavallaria, huma de Infantaria, huma de Ordenança.

Julgado do Dezemboque, enquanto comprehendia o Araxá tinha de habitantes brancos cazados 100; solteiros 410; pretos cazados 9; solteiros 30; pardos cazados 85; solteiros 161; brancas cazadas 209; solteiras 384; pretas cazadas 2; solteiras 88;

pardas cazadas 84; solteiras 118; escravos 413; escravas 247.

Dezenboque, Arrayal do — pequeno, e muito povoada as suas vizinhanças de Lavradores, e Criadores, descoberto, e povoado por alguns Geralistas, augmentando-se depois pela concorrência dos mesmos atrahidos pelo Coronel José Manoel da Silva e Oliveira, que decessidamente os protegia. Freguezia de N. S. do Desterro. Tem huma Companhia de Cavallaria, e huma de Ordenança.

Araxá, Arrayal do — povoado á poucos annos por Geralistas, que se alongarão de Minas Geraes, e aqui se estabelecerão em ricas, e erasçõas. Freguezia com o Orago de S. Domingos, com as Filiaes de N. S. do Patrocinio no Salitre, e S. Pedro de Alcantara; Julgado novamente creado. Tem huma Companhia de Ordenanças. (1)

Julgado de Pillar, da mesma correição tem de habitantes brancos cazados 83, solteiros 173; pretos cazados 32; solteiros 292; pardos cazados 48; solteiros 365; brancas cazadas 33; solteiras 126; pretas cazadas 40; solteiras 479; pardas cazadas 49; solteiras 395; escravos 1307; escravas 538.

Pillar, Arrayal de — grande, e povoado, em seu principio chamado da Papan, pela abundancia deste capim; descoberto em 1741 por João de Godões Pinto da Silveira; Freguezia de N. S. do Pillar, com as Capellas Filiaes do Rozario, de S. Gonçalo, e da Senhora das Mercês. Tem duas Companhias de Cavallaria do 2.º Regimento, duas

(1) Tem o Districto do Araxá tres mananciaes de agua salitrada, que os moradores chamão bebedouros, aos quses concorrem os gados, e todos os animaes, sendo-lhes muito vantajosos para a nutrição.

de Infanteria, duas de Ordenança, huma de Henriques. As suas Lavras forão ricas, e he riquissimo o seu Merro, ainda que sem agoa; o Desembargador Segurado animou os habitantes para este serviço, que he vantajoso, porém prevaleceo a inércia, e depois de principiados os bicaes para a condução d' agoa forão queimados, ou por acaso, ou por malicia. Está situado a 14.º, e 15.º (1)

Lavrinhas, pequeno Arrayal doa — sete legoas distante de Pillar, e quasi despovoado; tem Capella de S. Sebastião Filial de Pillar.

Coarinos, pequeno Arrayal de — com Capella Filial de Pillar, quasi despovoado.

Julgado de Crixá, da mesma Correição, tem de habitantes brancos cazados 8; solteiros 40; pretos cazados 15; solteiros 153; pardos cazados 25; solteiros 174; brancas cazadas 8; solteiras 23; pretas cazadas 19, solteiras 256; pardas cazadas 26; solteiras 222; escravos 422; escravas 212.

Crixá, Arrayal de — assim chamado do Gentio deste nome, que aqui residio, em distancia de 10 legoas ao Norte de Thesouras. Freguezia Colhada de N. S. da Conceição, com duas Capellas Filiaes do Rozario, e da Abbadia, descoberto em 1734 por Domingos Rodrigues do Prado; as suas Lavras são ricas, e de bom ouro, porém faltarão trabalhadores. Tem huma Companhia de Cavallaria, hu-

(1) Calcula-se ter dado o Morro de Pillar mais de 100 arrobas de ouro, e daria muito mais, se lhe introduzisssem agoa. Junto ao Arrayal deste nome perto da estrada se encontrão abertae em pedra algumas figuras imperfeitas de face humana, que huns querem seja obra da natureza, outros deviza de terras de Gentio.

ma de Infantaria, huma de Ordenança, e huma de Henriques. Está situado a 14^o, e 42'.

Contém esta repartição do Sul 9850 fogos; habitantes de todas as classes 36999. Em estado de pagar em Armas 1234.

Julgado de Trahiras, da Correcção do Norte, tem de habitantes brancos cazados 49; solteiros 149; pretos cazados 114; solteiros 428; pardos cazados 268; solteiros 787; brancas cazadas 14; solteiras 160; pretas cazadas 108; solteiras 650; pardas cazadas 250; solteiras 802; escravos 12624; escravas 12118.

Trahiras, Arrayal de — grande povoado, em boa situação. Foi descoberto por Antonio de Souza Bastos, e Manoel Rodrigues Thomar em 1735, e se lhe deu este nome da abundancia deste pescado, que tem o seu Ribeirão. Freguezia de Nossa Senhora da Conceição, para a qual concorreu Sua Magestade em seu principio com cinco mil cruzados; tem dentro em si duas Capellas, do Senhor Bom Jesus, e Nossa Senhora do Rozario. Tem huma companhia de Cavallaria do 2.^o Regimento, huma de Infantaria, huma de Ordenança, e huma de Henriques. Está situado em 14^o, e 15'.

Agua-quente, Arrayal de — assim chamado de hum lago deste nome, descoberto em 1732 por Manoel Rodrigues Thomar, e povoado pelos que fugiram da epidemia do Maranhão. Tem duas Capellas de Nossa Senhora das Mercês, e de S. Sebastião, Filiaes de Trahiras. Tem huma Companhia de Cavallaria, e huma de Infantaria. Neste lugar he que se achou a folha de 23 libras de ouro, que motivou o grande pleito entre o dono do terreno, e aquelle que a encontrou, cuja folha foi remetida ao Erario de Lisboa. Está situado na margem Oriental do Maranhão a 14^o, e 25'.

Cocal, Arrayal do — assim chamado da abundancia de côcos do lugar, quatro legoas em distancia de Agua-quente, descoberto em 1740 por Diogo de Gouveia Ozorio, e pelo Coronel Felix Cattano; foi riquissimo no seu descobrimento, e está quasi despovoado pela falta das suas Lavras. Tem Capella de S. Joaquin, Filial de Trahiras.

Maranhão, Arrayal do — despovoado por huma epidemia; em outro tempo riquissimo pelo ouro, que se extrahia no Rio deste nome; foi descoberto no anno de 1740. Tem havido lembrança de se renovar este serviço vantajoso, para o que he preciso voltar do seu leito o Rio, mas não se tem effectuado; trabalha-se com todo nas suas Enxappas, e ao meio do Rio em Canôas com certo instrumento de ferro, e hum grande tacho de couro; com que extrahem alguma terra, em que encontram ouro, e algumas folhetas de pezo importante.

São José de Trahiras, pequeno Arrayal de — em legoa, e meia de distancia de Trahiras; Freguezia Collada deste Santo, cuja Matriz he das melhores da Capitania, ainda que he falta a altura proporcionada, tem a Irmãdada do Senhor dos Passos privilegiada pelo Papa Clemente decimo terceiro; e as Capellas Filiaes do Rozario, Boa Morte, e Santa Efigenia. Foi descoberto em 1735 por Antonio de Souza Bastos, e Manoel Rodrigues Thomar. Tem duas Companhias de Infantaria, e huma de Henriques.

Cacheira, pequeno Arrayal da — distante de S. José quatro legoas, e meia, descoberto em 1736 por Antonio da Silva Corvoil. Está despovoado.

Santa Rita, pequeno Arrayal da — com Capella desta Santa, Filial de S. José, e quem dista seis legoas, descoberto no mesmo anno pelo mesmo.

Moguem, pequeno Arrayal do — distante de Santa Rita nove legoas, com Capella Filial de S. José do Orago da Senhora da Abbadia, que se festeja a 15 de Agosto com grande solemnidade, e concurso de Romeiros desta, e de outras Capitanias.

Piedade, Arrayal da — descoberto do Gunga; com Capella Filial de S. José.

Amaro Leite, ou *Laurinhas*, pequeno Arrayal de — 16 legoas ao Oeste de Trahiras. Não me consta o anno do seu descobrimento por outro Amaro Leite, que não he o mesmo, em quem temo fallado no descobrimento dos Araes. Tem Capella de Santo Antonio, Filial de S. José. Conserva huma Companhia de Infantaria, e duas de Ordenança.

Julgado de Cavalcante, da mesma Correiço, tem de habitantes brancos cazados 66; solteiros 128; pretos cazados 68; solteiros 183; pardos cazados 157; solteiros 418; brancas cazadas 58; solteiras 86; pretas cazadas 67; solteiras 198; pardas cazadas 178; solteiras 383; escravos 753; escravas 436.

Cavalcante, Arrayal de — assim chamado de Fulano Cavalcante, que alli residio, descoberto em 1740 por Domingos Pires; 19 legoas em distancia do Morro Chapéo. Tem huma polceira riquissima; porém muito rija, e profunda, que os mesmos moradores entulharão. Tem a Freguezia da Senhora Santa Anna, com as Capellas Filiaes do Rozario, e Bô. Monte. Conserva huma Companhia de Cavallaria, huma de Infantaria, duas de Ordenança, e huma de Henriques. Está situado a 13°, e 30'.

Flores, pequeno Arrayal das — na ribeira do Parahã; não me consta a sua fundação: Freguezia de Nossa Senhora do Rozario, e Capella da me-

ma Senhora da Confraria dos Pretos; foi cabeça de Julgado, que se transferio para Cavalcante, e agora tornou a ser novamente Julgado. Esta ribeira toia offerce os melhores pastos para a criação do Gado, que faz ha m commercio consideravel com a Capital, e os Portos de Mar.

Santa Rosa, pequeno Arrayal de — na mesma ribeira com Capella desta mesma Santa; Filial das Flores.

Mão Grossa, Arrayalejo de — da mesma ribeira, com Capella de Nossa Piedade, Filial das Flores.

Julgado de S. Felix da mesma repartição do Norte; tem de habitantes brancos cazados 10; solteiros 29; pretos cazados 23; solteiros 145; pardos cazados 60; solteiros 243; brancas cazadas 10; solteiras 29; pretas cazadas 26; solteiras 196; pardas cazadas 60; solteiras 310; escravos 351; escravas 310.

S. Felix, em seu principio, Carlos Marinho — Arrayal de — em distancia do Arrayal de Santa Rita do Norte 25 legoas, descoberto por Carlos Marinho em 1736; Freguezia de S. Felix, com as Capellas Filiaes de Santa Anna, e do Rozario. Foi assento da Casa da Fundação até ser transferida para Cavalcante. Tem huma Companhia de Cavallaria, huma de Infantaria, huma de Ordenança, e huma de Henriques. Está situado a 13°, e 30'.

Carmo, Arrayal do — pequeno, e despovoado. *Chapada de S. Felix*, Arrayal pequeno, — com Capella Filial do mesmo S. Felix; não me consta o seu principio.

Julgado de Arrayas da mesma Correição; tem de habitantes brancos cazados 43; solteiros 32; pretos cazados 30; solteiros 30; pardos cazados 154; solteiros 134; brancas cazadas 40; solteiras 23; pretas cazadas 48; solteiras 172; pardas cazadas 154; solteiras 213; escravos 232; escravas 287.

Arrayas, Arrayal pequeno de — rico em seu principio, e no descobrimento do ouro podre; foi assim chamado da abundancia deste pescado, que tem o seu ribeiraõ, que entra na Palma; foi descoberto em 1740; o Senhor D. Luiz de Mascarenhas assistio á sua repartição, e alinhou as suas ruas. Tem a Freguezia de Nossa Senhora dos Remedios. Conserva huma companhia de Cavallaria, duas de Infantaria, e huma de Ordenança. Está situado a 12^o, e 43^o.

Morro do Chapéo, pequeno Arrayal do — em sete legoas de distancia de Arrayas; assim chamado do Morro, em que se descobrio ouro, que tem a semelhança de hum chapéo desabado; tem Capella Filial de S. Domingos, foi descoberto em 1769.

São Domingos, Arrayal de — pequeno, e despovoad, 16 legoas ao Leste do Morro do Chapéo; Freguezia do mesmo Santo; não me consta o seu descobrimento.

Julgado da Barra de Palma, que outras denominação da Conceição, e he da mesma repartição; tem de habitantes brancos cazados 46; solteiros 51; pretos cazados 44; solteiros 235; pardos cazados 94; solteiros 274; brancas cazadas 46; solteiras 46; pretas cazadas 43; solteiras 245; pardas cazadas 95; solteiras 181; escravos 204; escravas 380.

Barra da Palma, Arrayal de —, que floreceu

nos principios da Capitania, e nelle tiveram algumas propriedades os Padres da Companhia; foi despovoad, pelas invasões do Genio. Estava situada na Barra do Rio, que deu nome a este lugar a 12^o, e 26^o.

Conceição, pequeno Arrayal da — descoberto em 1741, em distancia da Natividade 15 legoas; Freguezia de Nossa Senhora da Conceição. Tem hum Companhia de Cavallaria, huma de Infantaria; huma de Ordenança; e huma de Henriques.

Principe, pequeno Arrayal do — com Capella Filial da Conceição.

Julgado da Natividade da mesma Correição; tem de habitantes brancos cazados 37; solteiros 74; pretos cazados 72; solteiros 58; pardos cazados 88; solteiros 421; brancas cazadas 13; solteiras 78; pretas cazadas 91; solteiras 433; pardas cazadas 94; solteiras 410; escravos 623; escravas 602.

Natividade, Arrayal da — em set principio chamado de S. Luiz em obsequio ao Senhor D. Luiz de Mascarenhas, vinte e quatro legoas em distancia do Carmo; Freguezia de Nossa Senhora da Natividade, com as Capellas da Chapada, da Natividade, e do Bom-fim, suas Filiaes, residencia d'antes de hum Vigario Geral apresentado pelo Bispo do Gram Pará, e agora do Vigario Geral da repartição desta Prolazia; serve actualmente de intrinca residencia do Corregedor do Norte. Foi descoberto em 1734 por Manoel Ferraz de Araujo. Tem duas Companhias de Cavallaria, huma de Infantaria, huma de Ordenança, e huma de Henriques. Está a 11^o, e 22^o.

Chapada da Natividade, Arrayal da — pequeno, e pouco povoado.

Duro, Arrayal do — pequeno, e pouco povoado.

Julgado do Porto Real tem de habitantes brancos cazados 18; solteiros 32; pretos cazados 25; solteiros 170; pardos cazados 50; solteiros 182; brancas cazadas 19; solteiras 12; pretas cazadas 30; solteiras 204; pardas cazadas 20; solteiras 225; escravos 625; escravas, 219.

Porto Real, Arrayal do — na margem do Tocantins, com Capella, residencia de hum Offi- cial militar Commandante encarregado da inspecção dos Presídios, e do expediente dos Correios, e communicacão com o Gran Pará.

São João das duas Barras, Villa de —, Novo estabelecimento na união de Tocantins, e a Ara- guaia, destinado Cabeça da Comarca do Norte, ainda que o Corregedor tem escolhido para este fim o lugar de Itacabiuna, e sobre a fundação da ca- beça da Comarca pendem requerimentos feitos pelos povos a Sua Alteza, de que se espera a decisão.

Carmo, Arrayal do —, pequeno, e povoado em razão da utilidade das suas Minas, descoberto por Manoel de Souza Ferreira em 1746, Freguezia de Nossa Senhora do Carmo, que em seu principio foi Filial da Natividade. Conserva hum Companhia de Infantaria, hum de Cavallaria, e hum de Henriques. Está situado a 10^o, e 56'.

Pontal, Arrayal do —, assim chamado de huma ponta do Rio Tocantins, de que dista quatro le- goas; Freguezia de Santa Anna; descoberto em 1738, por Antonio Sanchez. Tem hum Compa- nhia de Infantaria, e hum de Ordenança. Está situado a 11^o, e 30'. (1)

(1) Em quatro legoas de distancia do Pontal es- tão as ricas Lavras chamadas da matança, que quatro vezes se quizerão aproveitar, e quatro ve- zes foram amassados os trabalhadores pelo Gentoio.

Tem a repartição do Norte de habitantes, e pessoas livres 8399; escravos 5376; homens capazes de tomarem armas 735. Fogos 12320.

Sendo o total dos habitantes de toda a Capita- nia 50365.

Aldias.

Rio das Pedras, fundada em 1741 pelo Coro- nel Antonio Pires de Campos, e povoada em seu principio por Indios Barorós viados do Cayabá, para desentestar a estrada de S. Paulo dos Cayá- pós; 95 legoas ao Sul de Santa Cruz.

Pitarão, pequena Aldia, para onde se passa- rão alguns cazas, que se mudarão do Rio das Pedras, de que dista seis legoas.

Rio das Velhas, fundada em 1750 pelo mesmo Coronel Antonio Pires, habitada por Barorós até o anno de 1775, em que se mudarão para o La- nhoso, estabelecendo-se aqui os Chacriabás. Fregue- zia de Santa Anna.

Lushoro, assim chamada do nome do primei- ro habitante daquello lugar; em distancia 12 legoas do Rio das Velhas.

Todas estas Aldias supra mencionadas foram re- gidas em seu principio por Jesuitas, até que por Ordem Regia se mandarão recolher. Fizerão de despesa a Real Fazenda até o anno de 1810 — 196348^o24 reis.

Duro, e *Formiga*, em distancia do Arrayal das Almas doze legoas, fundadas no anno de 1734, e regidas no seu principio por Jesuitas, habitadas por Acroás, e Chacriabás. Fizerão de despesa até o mesmo anno 841490^o249 reis.

São José de Moissoneles, fundada em 1755, e Freguezia erecta em 1780, habitada por Acroás, Javáes, e Carajás viados do Duro, que já se ex- tinguirão, e depois por Cayapós, que ainda existem.

Fez de despeza á Real Fazenda até o mesmo anno 67:316\$066 reis.

Nova Beira, formada em 1778 na grande Ilha do Bananal, e deixada depois de se ter feito a despeza de 4:582\$196 reis.

Aldeia Maria, fundada em 1780 junto ao Rio Fartura, doze legoas distante da Villa, habitada por Cayapós, importando a sua despeza até o mesmo anno 13:684\$021 reis.

Carretão de Pedra Terceira, fundada em 1784, em distancia da Villa 20 legoas, habitada de Chavantes, emportando a despeza feita no mesmo anno 24:652\$133. (1)

Nações selvagens habitantes na Capitania de Goiaz.

Cayapós, nação bravissima, e muito numerosa, que com os seus ataques obsteu em principio ao augmento da Capitania; e hoje residentes nas Aldeas Maria, e de São José, ainda que existem muitos ao sul de Villa Boa, tendo diferentes Aldeas, sendo a maior, a que está nas visinhanças de Campaun: allongão-se nas suas caçadas, e correrias até os sertões da Curitiba em distancia de 300 legoas: são valentes, e guerreiros: usão além do arco, e frexa, em que são destruíssimos, de certos pães tostados, e rijos, com que pejeijo de peito: tem alguns ritos judaicos: admittem a polygamia, e o divorcio; contão os mezes por Luas: fazem Festas, e ajuntamentos nocturnos, em que em confuzo procurão a propagação: fazem

(1) Além da despeza feita por Sua Magestade com as Aldeas, pelo povo, pela repartição da Junta da Justiça, pelos Conselhos dos Julgados se dispenderão na sua Conquista, e Reducção 17:600\$812 reis, como se vê de hum calculo feito em tempo do Senhor José de Almeida.

as exequias dos seus mortos com danças, e se tingem de negro em as occasiões do seu sentimento: nas visinhanças da Paschoa pintão em si com tinta de Jenipapo botinas, peitos de armas, e fazem então com grande vzeria as suas Festas, e jogos, sendo o mais celebre, o que chamão de touro, em que disputão luns com os outros as forças na carreira, tomando hums do hombro de outros hum grande tronco, que empregão neste ministerio.

Chavantes, nação feroz, e numerosa, residente na Aldeia do Carretão, ainda que em grande numero, andão dispersos pelos botapes entre o Rio Araguaia, e Tocantins: uzão de arco, e frexa: são cruéis, e roubadores.

Goiaz, nação mais branca que o ordinario dos Indios desta Capitania, e domiciliaria no lugar da Villa, e pelas visinhanças da Serra Dourada; pacifica, e já extinta.

Crixas, nação feroz, que habitava no lugar, onde se fundou o Arrayal deste nome: extinguiu-se, ou allongarão-se de sorte, que não ha noticia.

Araís, nação, que habitava abaixo do Rio das Mortes, em cujas terras entrarão os primeiros Secretanistas, que affirmarão ser abundantissimas de ouro, e terem algumas particularidades, como vedados brancos; porém depois delles não se tem chegado a este lugar, nem ha noticia desta nação.

Cansieiros, nação cruellissima, bellicosa, e que não sabe fugir, resistindo nos seus combates até morrer, investindo furiosamente as mesmas mulheres, e caens bravos, que trazem com siço: girão em canoas, que fazem, pelos Rios Tocantins, Paraná, Manoel Alveres, Barra da Palma, onde tem feito muitos estragos, ainda que se diz terem a sua principal Aldeia entre as serras, que ficão ao lado do Duro, onde tem estabelecimento, a que da nossa parte se não tem chegado. Usão, além de arco, e frexa, de lanças de mais de vinte

palmas dentadas nas extremidades; e são amaciíssimos de carne cavallar, que he o seu mais saboroso alimento.

Apinagés, situados em cinco Aldéas junto á Cachoeira de Santo Antonio do Araguaia, de hum talhe grande, e cabello comprido; girão por terra, e navegação em Ubás, que elles mesmos fabricão. Esta nação estava de paz, porém encontrando algumas pessoas da Guarnição do Presídio do Pará, que destruído as suas roças, os matarão: e em consequencia disto forão cercadas as Aldéas de guarnição militar, que até conduzio para este fim artilharia, e forão assolados.

Capepuxit, nação indolente, e preguiçosa, que não planta, e só vive de roubos, que faz a seus visinhos: tem duas Aldéas junto ao Araguaia no lugar, que chamão estreito: são pouco ferozes.

Coroa, e Coroaerim, nação visinha dos mencionados acima, que vive de caça, pesca, e roubos; girão em terra, e atravessão os rios em balsas. São pouco ferozes.

Terinbás, nação, que existe defronte a hum morro agudo junto ao lugar de Pastos-bons: tem cinco Aldéas; e são pacíficos.

Cherentes e Cherentes de qua, nação, que existe acima da Cachoeira do Lageado no Tocantins, e se estende até os sertões do Duro entre o Rio Preto, e Maranhão, onde tem sete Aldéas. São valentes e trabalhadores.

Tayivapez, nação situada junto ao Rio Grande, antes de ter o nome de Araguaia; são pacíficos; plantão, fião, e tecem. Consta, que vierão para este lugar dos sertões do Rio de Janeiro. No Governo do Senhor Tristão da Cunha vierão alguns desta nação de paz; affirmarão serem as suas terras abundantes de ouro, e prometterão voltar, trazendo tacoaras cheias do mesmo, mas não voltarão.

Carajás, e Carajás, nações, que existem no

mesmo Rio, e nas visinhanças, onde dizem tem sete Aldéas.

Gradatis, Tesemedti, Amadús, e Guaya-gur-tis, são nações, que existem nas visinhanças do Araguaia perto da Ilha do Bananal, e alguns Barroros dispersos do Cuyabá.

Registros da Capitania.

Da parte do Sul.

Salinas.
Desemboque.
Rio das Velhas.
S. Marcos.
Arrependidos.
Lagôa-fca.
Santa Maria.
Rio das Lagoas.

Da parte do Norte.

S. Domingos.
Taguatinga.
Duro.
Boa Vista.
S. João das Duas Barras;

Contagens da Capitania.

Sul.

São João das tres Barras.
São Bartholomeu.
Extrema.
Moquem.
Tocantins.
Amaro Leite.
Descoberto d'Amaro Leite.

Norte.

S. Felix.
Chapada de S. Felix.
Cavalcante.
Arrayas.
Descoberto do Ouro-podre.
Conceição.
Itaúca.
Almas.
Príncipe.
Natividade.
Chapada da Natividade.
Carmo.
Pontal.

Rios consideráveis, que vão ao Norte.

A nota (n) diz navegavel.

A sua origem.

E a sua Barra.

Araguaya. Serra do Cayapó.	(n)	Tocantins.
Rio das Mortes. Tombador.	(n)	Araguaya.
Rio Grande. Na estrada do Cuyabá; he o mesmo Araguaya.		
Rio Claro na Serra do Cayapó.		Araguaya.
Rio de Pilloens. Serra Dourada.		Rio Claro.
Rio Vermelho. Morros do Ouro fino.	(n)	Araguaya.
Rio Terreiro. Cabassaco.		Araguaya.
Rio do Peixe. Dito.	(n)	Thesouras.
Rio de Thesouras. No lugar deste nome.	(n)	Araguaya.
Rio Bugres. Bom bocado.		Rio Vermelho.
Rio Urahú. Sobradinho do Neiva.	(n)	Maranhão.
Rio Crixá. Morro do Carretão.	(n)	Araguaya.
Rio Seberbo. Dito.		Dito.
Rio Branco. Morro agudo de Pillar, R. das Almas.		Maranhão.
Rio Taquarassú. Lavrinhas.		Maranhão.
Rio Verde. Perincos.	(n)	Dito.
Rio das Almas. Lagoa do Pai José.	(n)	Dito.
Rio Maranhão. Lagoa de Felis da Costa.	(n)	Amazonas.
Rio Cristalino. Sertoens do Cuyabá.	(n)	Araguaya.
Rio Bocalhão. Ao Norte de Trahiras.		Maranhão.
Rio Bagagem. Chapada dos Veadeiros.		Dito.
Rio Tocantins, he o mesmo Maranhão, que toma este nome abaixo do Pontal.		
Rio Gamelaíra Grande. Chapada dos Veadeiros.		Tocantins.
Rio Preto. Dito.		Dito.
Rio das Caldas. Lagoa deste nome.		Dito.
Rio Paraná. Couros.	(n)	Dito.
Rio Pardo. Serra das Canastras.		Maranhão.

Origem.

Barra.

Rio do Peixe. Perincos.		Maranhão.
Rio Paranatinga. Lagoa dos golfos.		Tocantins.
Rio da Palma. Serra da Taguatinga.	(n)	Paraná.
Rio Escuro. Ao Sul da Palma.		Dito.
Rio Manoel Alvarez. Serra do Duro.	(n)	Tocantins.
Rio Salobro. Ao Leste de Manoel Alves.		Dito.
Rio Taguatinga.	(a)	Dito.
Rio de S. Domingos.	(b)	Paraná.
Rio das Almas. Chapada dos Viadeiros.		Dito.

Rios que correm para o Sul.

Rio Corumbá. Coca das Periceros.	(n)	Parnahiba.
Rio Capivari. Vertentes do Corumbá.		Corumbá.
Rio Piracanjuba. Costa a estrada de S. Paulo.		Dito.
Rio Braço do Verissimo. Dito.		Verissimo.
Rio Verissimo. Dito.		Parnahiba.
Rio Parnahiba. Minas Geraes.		R. das Velhas.
Rio Furnas. Costa a estrada de S. Paulo.	(c)	Dito.
Rio das Velhas. Serra das Canastras.	(n)	Parnahiba.
Rio Uberabaverde. Farinha podre.		R. das Velhas.
Rio Uberabafalsa. Dito.		Rio Grande.
Rio Grande. S. João d'ElRei.	(d)	(n) Paraguay.

(a) Fôrma huma catadupa admiravel, precipitando-se com estrondo junto ao Registro deste nome.

(b) Corre subterraneo por huma legoa junto ao Registro deste nome.

(c) He admiravel o seu salto junto a passagem: falta-lhe a terra, e se despenha da altura de 20 braças, borritando na sua queda o contorno, e formando abaixo do salto huma caverna, onde se ajuntão, e se ajuntão muitos passaros.

(d) Consta que muito ao Sul da Passagem tem hum longo dihiadeiro, em que de nenhum modo se pôde vencer a correnteza, e que depois se es-

<i>Origem.</i>	<i>Barra.</i>
Rio Anicuns pequeno. Ao Sul do Descoberto.	Rio Grande.
Rio Anicuns grande. Dito.	Dito.
Rio Turvo dito.	(n) Rio Grande.
Rio Ponte-alta. Chapada de S. João.	Corumbá.
Rio Montes-claros. Vendinha.	Dito.
Rio S. Bartholomeu. No Mestre de armas.	(n) Rio Grande.
Rio Preto. Na Lagoa Fã.	Rio S. Francisco.
Rio S. Marcos. Chapada do Embirussu. Parnaíba.	

Caldas.

A hum lado do Arrayal de S. Felix, em distancia de tres legoas da estrada, estão cinco vertentes destas agouas Calibaes, que são tão proveitosas na Medicina, e tão uteis em muitas enfermidades; hum mananciaal he summamente quente, e os mais são tepidos á proporção. Chamão-lhe Caldas de Frei Reinaldo.

A hum lado do Arrayal de Santa Cruz, estão as Caldas deste nome, que dizem ser sulphureas; tem diferentes origens na mesma visinhança, e diferentes grãos de calor: tem sido uteis a muitos, principalmente em molestias cutaneas; formão hum ribeirão deste nome, que a pouca distancia perde o calor.

No Districto de Pilloens, na margem oriental do Rio Grande, nasce na abertura de huma pedra hum Ribeirão, que tem em circumferencia da sua origem diferentes mananciaes de Caldas, que dizem, são muito uteis, e se incorporão com o mesmo

tagna junto a hums mórros, e forma hum longo alagadico, que se pôde vadlar; que desaparece por algumas legoas porbaixo da terra, e que surge depois com toda a abundancia das suas agouas, e corre a formar o Rio da Prata.

Ribeirão, mas ainda não forão examinadas, e nem se sabe o seu principio, e a sua virtude.

Seis, ou sete legoas ao Nascente das Terras novas do Descoberto de Nossa Senhora da Piedade, existem Caldas junto a hum lago do mesmo nome, donde sabe o Ribeirão, que se diz tambem das Caldas, e estas se chamão do Moqueem.

Lagoz mais consideraveis.

Hortigas, ou Alagão do Padre Aranda na margem do Rio Grande junto á estada do Cuyabá; entra pela abertura de dous Morros, e se estende pelo interior da terra, e não se sabe até onde, porque se não tem examinado. Nelle residem muitos monstros aquaticos, como Suciriz, Jacarés, e Minhocoens prodigiosos de extraordinaria grandezza, que tração hum Cavallo, ou hum Boi; estes se communicão ao Rio Grande, e se conservão nelle em poçoens, e ainda á pouco tempo devorãrão duas bestas a hum pastagem.

Lagga-fã, digoa deste nome pela sua situação medonha, com mais de huma legoa de extenção, e de huma profundidade, que se não tem podido sondar; as suas agouas em razão do fundo pareceem pretas, e são cobertas de certo musgo, povoadas de Jacarés enormes, e outros ranstros, e tambem de excellente pescado, principalmente Traliras. He origem do Rio Preto.

Lago da Agua-quente, em huma legoa, e quarto de distancia do Arrayal deste nome, em lugar superior ao Arrayal, e em situação, que horroriza, e não deixa examinar as suas cavernas. O seu fundo conhece-se, que he irregular, e que tem baixios, e profundidades. As suas agouas, que nunca tem diminuição, são quentes, salobras, e de hum cheiro quasi sulphureo, e formão hum grande Ribeirão.

Lagoa dos Golfos, meia legoa antes do Paranatinga, nas vazantes do Macanhão, habitação de muitos monstros.

Lago do Poço grande, na Ribeira do Paraná, junto à Fazenda do Boqueirão, além da dos Macacos; he profundissimo, e abundante de peixe.

Entre a Fazenda da Catassara, e Jaburá da mesma ribeira, se encontra hum grande Lago, a que os habitantes chamão Ipoçeta, muito profundo, e abundante de peixe.

Na Ilha do Bananal, que está no Araguaya, e que se calcula de mais de cem legoas de comprimento, e trinta de largo, ha hum famoso Lago, em que se entra por hum pequeno saugralor, pelo qual se communica com o Rio, e navegando-se por elle dentro parece hum mar, porque se perde de vista toda a terra, e com o vento se levantão tempestades.

Grutas mais notaveis.

A de Trohiras em huma legoa de distancia do Arrayal deste nome, tem capacidade grande, e profundidade, a que se não tem chegado: de sua cupula destila certo humor, que se petrifica, e fórma columnas, pilas floradas, e outras muitas diferentes fórmas, e estas pedras, que se fórmão, feridas tem o som de metal.

A do Morro dos Macacos na estrada de Anta ao Sul do caminho, nos mezes de Agosto e Setembro destila certa materia acre, e bituminosa, que por averiguações feitas por hum Cirurgião de Macapá se assentou ser enxofre, porém verdadeiramente não se conhece, o que seja.

A do Ouro-fino, em huma legoa de distancia do Arrayal, em a cavidade do Morro se gela certa materia branca, e fravel, que se supponh Salitre,

atnda que por averiguações feitas na Casa da Fundição se assentou ser o Alumem.

A de S. Felix começa na ponta de huma serra, que tem a fórma de huma tropoa negra, fica duas legoas antes de Arrayal, e junto da estrada; fórma huma concavidade, de que se não conhece o fundo, e que o pavor não deixa, nem tem deixado examinar.

A do Duro, a huma legoa de distancia deste Registro, he da mesma sorte na ponta de huma serra, e se faz notavel pelos diversos repartimentos, que tem no seu interior, á maneira de cubuculos.

A do Paraná junto à Santa Rozza, perto da Fazenda de Santa Rita, dizem que he vasta, e nella se fórmão as mesmas petrificações, como na de Trohiras.

Serras mais consideraveis.

A Serra do Estreito, na estrada de Amaro Leite para o Bananal, corre de Nascente ao Poente, além do Arrayal, e os Sertanistas, que tem girado este lugar, affirmão ter ouvido nella por vezes grande estampido, o que lhe fez dar o nome, que conserva.

A Dourada entra pelos Sertões do Rio das Velhas, corre toda a Capitania, e vai a Mato Grosso.

Ferineos he a mesma Serra Dourada em distancia de quatro legoas de Meia Ponte, onde se julga o lugar mais alto da Capitania, e d'onde nascem para todos os lados Rios caudalosos, que correm a diferentes rumos.

A das Caldas he admiravel, porque se levanta da terra em tres legoas de distancia do Rio Corumbá, e fórma como hum edificio de quatro faces, para os quatro rumos cardaes, tendo cada face a distancia de quatro legoas, cercada por todos os lados de pastagens excellentes, e de Ribei-

ros, que della nascem, e todos tem ouro. Na sua summitade, que he plana, se achão lagos, e se crião muitos cervos, e outras caças.

A dos Cristaes em 15 legoas ao Leste de Santa Luzia, entre S. Marco, e S. Bartholomen, assim chamada dos cristaes de diferentes cores, que nella se encontrão.

Serra de José Machado, onde estão as Fazendas deste, estende-se dos Sertoes de Amaro Leite até este lugar, e he altissima.

A do Panha está entre Crixá, e Amaro Leite, e tambem he summamente alta.

A de Miguel Ignacio fica junto ao Rio Verde, entre Meia Ponte, e Filar, e tambem he alta, e extensa. Corre de Leste ao Oeste.

A do Duro, Taguatinga, e S. Domingos, he a mesma cordilheira; cerca as terras do Norte da Capitania, e he muito alta, tendo só algumas bocanais, por onde se pôde passar, e onde se estabelecêro os Registros.

A estas se devem ajuntar alguns grandes montes de huma aminencia pasmosa, que tem servido de baliza aos primeiros Sertanistas: a saber, o dos picos junto ás Fazendas de Antonio Luiz Tavares, que acaba em tres pontas muito elevadas, e que se vêm de muita distancia: o Morro do Pico, no Districto da Barra da Palma, onde torão as Fazendas de S. Felix de Cantalicio, e de João de Godoi de Mello: o Morro do Moleque, na entrada de S. Domingos, junto á cordilheira no Districto de Arzayas: o Morro do Chapeo no mesmo Districto, e outro, que ainda não tem nome muito ao Sul da Campanha do Neiva, que he altissimo, e apelles, que o tem subido, antes de chegarem ao cume, affirmão que todas as montanhas da circumferencia parecem que se abatem, e se aplanão.

Produções naturaes.

Ouro, encontra-se em quasi todas as terras da Capitania com mais, ou menos abundancia; e ainda existem lavras riquissimas, que se tem deixado por alguma difficuldade do seu serviço; e por falta de escravos, que se occupem neste exercicio, e nem he crível que toda a riqueza desta Paiz tão vasto, e tão incognito, estivesse só nos lugares, que estão lavrados dos primeiros, e que os montes, que se devem considerar como matrizes do Ouro, que se acha nos Ribeiros, que estão quasi todos intactos, não sejam o deponito de muitas preciosidades.

Prata, se diz, que foi encontrada neste terreno, logo depois do seu descobrimento, e Marcos de Azevedo, que morreu em huma prisão na Cidade da Bahia, sem revelar o lugar, em que a tinha encontrado, assim o affiançava.

Ferro, se encontra em abundancia quasi em todos os lugares da Capitania, principalmente na república do Norte, e já por vezes José da Moya o tem extrahido em pequenas fundições, e juntamente ago.

Estanho, se diz, que foi encontrado nas vilhanças do Corumbá, de que hum Caldeireiro fizera alguns pratos, e não he de presumir, que o houvesse só naquelle lugar.

Chumbo, ouvi dizer ao falecido Coronel José Manoel da Silva e Oliveira, que havia em abundancia nesta Capitania, mas não revelou o lugar das suas minas.

Diamantes, se encontrão no Rio Claro limpidissimos, e em Lavras da Barra, e em outros lugares se encontrão os Cativos, que são infalivel indício desta preciosidade.

Rubins, appareceo hum em Portugal, que se dizia extrahido, ou encontrado entre Santa Cruz,

e Corumbá, e sendo procurados por Ordem Regia de 15 de Dezembro de 1781, se não encontrão.

Anchitas, se tem encontrado a hum lado da estrada de S. Paulo, no lugar das Furnas, e o vi hum gr. tipo dellas lindissimo, formadas no interior de huma pedra na apparencia bruta, que se acaso feza quebrar, ficando como em huma concha, em cujo interior estavão como apinhadas, e faceadas por naturcza.

Cristaes brancos, amarellos, mais ou menos escuros, e alguns verdes, se encontrão no Morro dos Cristaes, nas Furnas, e em lugares da Serra Dourada.

Agalhas se achão em huma Ilha, que está no Rio Grande junto á passagem de S. Paulo, de que já no Rio de Janeiro se tem feito caixas de tabaco, e he provavel, que tambem se achem no mesmo Rio.

Asiatico, ou pedra incombustivel, se encontrou d'antes nas Lavras da Barra do Capitão José Ribeiro da Fonseca.

Pedra do Navigão, dou este nome a certas pedras, que se encontrão no lugar deste nome na estrada velha de Meia Ponte, que tem no interior certas veias grossas, e negras, que se separão, são rijas, que cortão o vidro como o diamante.

Grandas, ainda que pequenas, se tem encontrado em Lavras de Santa Cruz, e nos Serroes de S. Domingos.

Iman, ha em abundancia no Districto de Pilo Isens, junto ao Morro do Tubo.

Pedras elasticas, ou melhor flexiveis, se encontram junto a Meia Ponte, que por veas torção pedidas de Portugal, as quaes se curvão, até ficarem em semicirculo, e depois se torção rectas. Os moradores se servem dellas para fornos de fazer farinha.

Pedras de afar, se achão na Barra da Palma

Arrayas, Trahiras, e em varias partes, são finas como as do Norte.

Pedernizas de espingarda, se achão em abundancia nos ditos Arrayaes, e tambem junto á Contagem da Extrema, na Serra de Miguel Ignacio, e de boa qualidade.

Pedras de toque, em quasi todas as Lavras, e muitas em Rio Claro.

Alumen, se presume haver na Gruta do Ourofino.

Salitre, se extrahie em muitos lugares da Capizana.

Salgema em abundancia nas Sallinas.

Lians, certas conchas, que se crião nas alagões do Paraná, e as maiores são as da Barra da Palma, que tem hum palmo de diametro com a mesma côr, e lustro da Madreperola, de que se tem feito excellentes marchetados, e tambem colheres.

Malacaxetas, mais limpas, e maiores, que as de Veneza, e de Allemanha, que já forão pedidas para lanternas das Náos, e que suprem a falta do vidro para as janellas, as ha em o districto de Trahiras; e já vi sobre ellas applicado o aço, e formado hum espelho, que tinha a vastagem de se não quebrar.

Arvore de papel, de que os Asiaticos o fórmão, que lhe dão o nome de Morcira, ha na Serra Dourada.

Pedras Metalicas, Pyrites, tanto Agirites, que tem a côr de prata, como Christites, que tem côr de Ouro, em todas as Lavras principalmente do Maranhão.

Paoya, em todos os campos, e ajuda nos desta Villa.

Quina branca em todos os campos, de que se servem nas suas enfermidades os Camponoes, e lhe achão as mesmas virtudes da Casca Peruviana,

Herba do Paraguaya, que faz hum Commercio

lucroso entre os Americanos Hespanhoes, nas vizinhanças da roça do Neiva, na Barra, e no Desaboque.

Rhaa, de que se extrahê o sangue de Drago, em muitos lugares.

Pirite, he muito vulgar.

Raiharbaro da terra, assim chamão a certa raiz, de que ha abundancia, e que tem a mesma virtude do Raiharbaro da India.

Cupitiba, oleo que he de tanta virtude na Medicina, em todas as matas se encontrão Arvores, que o produzem.

Mama, se tem encontrado em certa planta silvestre, com a mesma virtude purgativa.

Balanço, encontrão-se as suas arvores principalmente no Districto de Santa Luzia.

Sine, em todos os campos.

Baonilha, nas margens, e em abundancia no Sertão de Amaro Leite, que só he aproveitada pelos passaros, e Macacos.

Saria Patrilha, em todos os campos.

Indigo nasce espontaneamente, e de diferentes qualidades.

Insenio, foi encontrada a sua arvore no Marro do Peixo d'Anta.

Resmas, e gomas diferentes, e de boa qualidade, que se podem empregar em vernizes, e outros usos.

Campêche, no districto de Pilloens, e outros muitos paços, de que se podem extrahir tintas, de que se não sabem os fixantes.

Nos campos do Arrayal de Santa Rita, d'Anta, e nos Sertoens do Norte, se encontra certa aranha, que fabrica huma tãa mais forte que a ordinaria, de cor gemmada, e que tem o mesmo lustro da seda.

Estrada do Nascente, e legoas de Povoação a Povoação.

	Legoas.
Da Villa ao Ferreiro.	2
Ao Ouro-fino.	2
Ao Corrego de Jeraguê.	15
A Meia Ponte.	8
A Santo Antonio de Montes Claros.	13½
A Santa Luzia.	9
A S. Bartholomeu, Contagem.	5
A Arrendidos, Registro.	9

são 62½

Estrada do Sul.

Da Villa a Meia Ponte.	26
A Bom Fim.	18
A Santa Cruz.	15
Ao Rio das Pedras, Aldêa.	35
Ao Pissarrão dita.	4
A Santa Anna dita.	6
Ao Rio das Velhas, Registro.	1
Ao Lanheso, Aldêa.	12
Ao Rio Grande.	10

127

Estrada do Norte.

Da Villa a Barra.	5
A Anta.	8
A Santa Rita.	3
A Thesouras.	10
A Crixá.	10
A Goarinos.	6
A Pilar.	3
A Lavrinhas.	7
A Agua-quente.	9
A Cocal.	4

	Transporte.	65
A Trahiras.		4
A S. José.		1 $\frac{1}{2}$
A Cachoeira.		3
A Santa Rita.		1 $\frac{1}{2}$
A Cavalante.		22
A Arraías.		20
A Conceição.		17
Ao Príncipe.		10
A Natividade.		5
A Chapada.		2
Ao Carmo.		22
Ao Porto Real.		6
Ao Pontal.		3
A S. João das Duas Barras.		100

282

Estrada da Bahia.

A Meia Ponte.	26
Ao Rasão.	3
A Severina.	4
A Guararobas.	4
A S. João das Tres Barras.	6 $\frac{1}{2}$
Ao Mestre de Armas.	5 $\frac{1}{2}$
Ao Sitio Novo.	3 $\frac{1}{2}$
A Lagoa-fca.	5
Ao Bezerra.	4
A S. Domingos.	7 $\frac{1}{2}$
Ao Cruz.	2 $\frac{1}{2}$
Ao Silva.	8

76 $\frac{1}{2}$ *Estrada do Correio do Rio para o Gram Pará.*

Do Rio de Janeiro a Arrendidos.	801
A Cavalante.	40
Ao Porto Real.	78

919

Estrada do Poente.

Da Villa a Pilloens.	18
Ao Rio Grande.	20

38

Eis-aqui tudo o que a respeito de Goyaz pude descobrir no curto espaço de pouco mais de dous mezes, no meio da confusão, em que estavam estas noticias; e nem devo duvidar, que, apesar da minha deligencia, em alguns pontos me falte a exacção. Mas quem reflectir, que não sahi da Capital, que não entrei na Secretaria, e nos Archivos, que dezejava, e que apenas mendiguei noticias, dos que viajavão com os olhos menos fechados, de Livros de alguns Cartorios, e papeis, que sem critica existião em differentes mãos particulares, conhecerá o trabalho, que tive; que fiz, quanto me foi possível, e que assim mesmo talvez sirva ao Publico, estimulando a outros mais habéis para escreverem a este respeito.

Mas isto mesmo, que encontrei, he quanto basta, para fazer conhecer a vantajosa situação de Goyaz, que ainda mesmo na maior decadencia, em que se considera, e a que differentes motivos derão principio, tem proporções para se levantar, para resurgir, logo que se possão applicar a seu beneficio os Paternaes cuidados do Príncipe Regente, Nosso Senhor.

E que quadro tão brilhante se apresenta agora á minha imaginação! Eu vejo reduzidos á sociedade e li

civil tantos milhoens de habitantes selvagens, que nos rodeão, tornados em Cidadãos uteis, e laboriosos; vejo povoadas as margens de tantos Rios navegaveis, girando por todas as partes as Embarcaçoens com as produçoens do Paiz, e ao mesmo tempo empregadas as aguas em mover pesadas Maquinas, que poupem o trabalho dos homens: vejo adiantadas as Artes, e as Sciencias, promovida a industria, animado o Commercio; penetrados os Sertoes, e descobertas as suas preciosidades: vejo marchar de hum passo igual a Agricultura, e a Mineração; cobertas de rebanhos as campinas; coroadas de vinhas os Oiteiros; crescerem as Povoaçoes; fundarem-se Cidades. He verdade, que para tudo isto he preciso tempo, são precisos dispendiosos sacrificios; mas nada he impossivel. Os grandes Reinos tiveram o seu principio em pequenas Sociedades: em dous homens principiou a população do Universo.

Nós temos a vantagem de vermos fundada no nosso Continente a Corte do mais Piedoso, mais Justo Principe do Universo: temos quem promova os nossos interesses, e represente as nossas necessidades; logo que das espadas se possão forjar arados, e que se restabeleça a paz; logo que as Sábias Providencias do Principe Regente Nosso Senhor de mais perto attendão ás nossas necessidades, Goyaz florescerá, augmentará o esplendor do Throno, e se tornará a mais brilhante porção dos Dominios Portuguezes. Villa Boa 30 de Setembro de 1812.

TOPOGRAFIA.

Conclatões das Reflexões sobre as notas do Roteiro do Maranhão, &c.

CAPITULO 13.

Em que se mostra como no Maranhão se verificão os principios estabelecidos, e como he interessante á mesma Capitania a execução do projecto.

§. 125. Sendo excellentes todas as terras da Capitania do Maranhão, e sendo manifesto que ás do Mirim e Cumá são sem controvérsia as melhores, vê-se que a povoação e cultura se tem adiantado, e estendido mais pela parte de l'Est, desviando-se do rio Itapucurú, desde a sua foz até a Freguezia de Pastos Bons, por entre os dois rios Itapucurú e Parnaíba, e buscando-se ao Norte a costa do mar; serião, em que se comprehendem os rios Igua-rá, Pracá, Preguiça, e Tutoyá, e todas as freguezias, que por esta parte bordão o rio Parnaíba; e que pela parte do Sul, correndo-se do rio Itapucurú ao Oeste pelos Perizes, Pindaré, Mirim, Maracá, e Cumá, pouco passa a povoação da costa do mar; e apenas mais se dilata para o interior, pelas margens do rio Mirim com algumas fazendas, buscando a povoação dos Camellos.

§. 126. Vê-se que da parte de l'Est rodeião a Capitania do Maranhão as freguezias de Pastos Bons, Aldeias Altas, e as mais, que estão sobre o rio Parnaíba, descendo á foz, o qual separa a dita Capitania do Piauí, que tambem a rodeia pela mesma parte.

E que pela parte do Sul, buscando do rio Itapucurú a Oest, a que chamaremos parte de Oest, não ha povoação alguma interior, e he o

Sertão, que vai terminar a Goyaz, e dá lugar ao projecto.

§. 127. Não havendo pois outra razão, a que se possa attribuir a maior extensão da povoação pela parte de l'Est, que não seja a existência das ditas freguezias de Pastos Bons, Aldeias Altas, e das mais, que descem até a foz do Rio Paraiíba, com povoações do interior da mesma Capitania do Maranhão, a que são sujeitas: a dependencia, em que estão para della receberem os panos de algodão, as manufacturas, e mais generos da Metropole; o mesmo Commercio, que o Maranhão por ellas faz com a Capitania do Piauí, e terras novas de Goyaz: o commercio, que nos gados das ditas freguezias faz tambem o Maranhão, por terra, e pelo rio Paraiíba, com as Capitania da Bahia, e Rio de Janeiro; commercio, que traz ao Maranhão por equivalente dos ditos gados o dinheiro do Brazil; não havendo pois (digo) outra razão além das referidas, fica evidente que por esta parte se verifica no Maranhão o principio estabelecido que as povoações do interior, sendo dependentes das Capitania da Marinha, e tendo com ellas communicação, concorrem para o augmento tanto intensivo, como extensivo, da povoação e cultura das Capitania da Marinha.

§. 128. Não havendo tambem pela parte de Oest razão alguma para não ter passado a povoação e cultura das visinhanças da costa, que não seja a falta de povoações no interior, e communicação por ellas com as outras Capitania, he evidente que se verifica tambem por esta parte no Maranhão o principio: que sem esta communicação, e commercio com as Capitania e povoações do interior, não excederão as Capitania da Marinha na povoação e cultura a certos limites.

§. 129. Do que acabamos de mostrar segue-se claramente: que o Maranhão pela parte de l'Est

póde com dobrada força augmentar a sua povoação e cultura: porque concorre não só com as suas proprias facultades, mas com as alheias, que são as que participa das Capitania do Piauí, Goyaz, Bahia, e Rio de Janeiro.

Póde utilisar a Metropole, não só com os generos, que se costumão a ella exportar, mas com o dinheiro, que recebe das Capitania do Piauí e Goyaz, a troco dos seus panos de algodão, das manufacturas, e mais generos da Metropole, e com o dinheiro, que recebe da Bahia e Rio de Janeiro a troco dos seus gados, generos que não exporta a Metropole.

§. 130. Segue-se tambem que pela parte de Oest, nem a Capitania do Maranhão, nem a Metropole podem ter iguaes interesses aos que temos ponderado, tanto porque a povoação e cultura não podem ser augmentadas com forças alheias, como porque os generos, que produz, além dos que exporta a Metropole, não podem exceder ao necessario para a sua subsistencia, porque não póde por elles receber equivalente de fóra.

§. 131. Os factos, que passamos a referir, confirmão em parte o que acabamos de dizer. No anno de 1767 para 68, principiando a Capitania do Pará a sentir grande difficuldade na sua subsistencia pela falta de gados, procurou remedial-a, introduzindo-os do Maranhão e Piauí, tanto por terra, como por mar; e parecendo ambas estas vias difficulosas (1); foi mais facil que hum negociante da

(1) Difficultosa a de terra, porque entrando-se nella do Maranhão nos campos do Maracú, além de ser preciso atravessar toda a matta, que corre até o rio Guamá, sem mais povoações que a do Toriacú, ultima do Maranhão, Gorupi, primeira do Pará, e Porto Grande sobre o mesmo rio Gua-

Villa de S. João da Parnaíba tentasse a mais arriscada, e com a perda de huma embarcação sua.

mas, e além de ser necessario descer pelo dito rio, e transportar quasi tres dias os gados em canoas, para chegar á Cidade; he nos mezes de inverno inteiramente impraticavel, tanto pelo consideravel numero de rios, que se atravessão, os quaes ainda que de verão não embarcam a passagem, não a admittem, quando vão cheios, e inunão as suas margens; como porque a estrada, nem se achava aberta, mas antes occupada com grandes troncos e arvôres, que com os ventos e inundaçoens cahem da mesma matta que a cobre, nem poderiam por ella passar numerosas boiadas sem experimentarem falta de pasto na mesma estrada, nas margens do rio Guamã, e nos suburbios da Cidade, onde de necessidade se havião deter, em quanto se transportassem, ou em quanto não entrassem no talho; sendo impossivel o poder-se de tal modo regular a introdução das boiadas, que em huma ou outra parte não tivessem de parar.

Difícultosa a do mar; porque, ainda que as sumacas, em que se faz o transporte das carnes secas, como embarcaçoens de maior bordo, não podião fazer a mesma navegação, que terra á terra fazem as canoas do Maranhão para o Pará; e sahindo do porto da Parnaíba principiarião logo por montar ao largo a coroa grande, e todos os mais baixos, que, como se sabe, defendem esta costa; com tudo não se apresentava esta viagem para o Pará tão difficulosa, porque he favorecida dos ventos e correntes das agos, como se representava a tornaviagem, para a qual julgavão necessario hir primeiro buscar a altura de dez grãos ao Norte da Linha, para poder vencer os ditos baixos sempre com ventos e agoas contrarias.

chegasse depois a introduzir no Pará gados, tanto do Piauí, como da parte de l'Est do Maranhão, que no Maranhão se consentisse que pela via de terra se extrahissem os gados da parte de Oest, vendo-se prudentemente que o Maranhão por esta parte não soccorreria ao Pará, sem se reduzir á mesma falta. Falta que, sem huma boa direcção, não deixa muitas vezes de acontecer, naquelles generos comestiveis do paiz, até o excesso de ver parecer á fome muitos individuos; não sendo a causa desta miseravel consternação outra que não fosse o desprezo, que imprudentemente havião feito os agricul-
f

Evaristo Rodrigues, natural de Pernambuco, foi mandado do Pará abrir a estrada de terra, e introduzir por ella gados, como tinha promettido; com effeito depois de a desembarcar dos troncos e arvôdos, chegou a introduzir algumas rezes creadas da parte de l'Est do Maranhão, a que se seguirão outras da Capitania do Piauí, mas como subsistem todos os mais obstaculos das inundaçoens e falta de porto, e subsistirão de novo tambem os mesmos, que elle moveu, pela facilidade, com que costumão cahir das matas as mesmas arvôres e madeiros, nunca esta estrada se fará praticavel em quanto a dita matta não for por toda ella povoada.

João Paulo Diniz, negociante da Villa de S. João da Parnaíba foi o que primeiro se atreveo á viagem do mar com infeliz successo, porque perdeu huma embarcação sua com toda a carga, perda, que chegaria a vinte mil cruzadas. A elle se seguiu o Piloto Francisco Carvalho, o qual foi tão feliz, que não passando na torna-viagem da altura de dois grãos ao Norte da Linha, se achou com dezesseis dias de navegação defronte da barra do rio Parnaíba, tendo sempre tido ventos de servir, e vencido com bordos a corrente.

térès da cultura dos ditos generos, para haverem em maior quantidade aquelles, em que commercio com a Metropole.

§. 132. Sendo pois a falta de povoaçoens no interior do paiz dependente do Maranhão, que o rodeiem pela parte de Oest, e tenham commercio com as outras Capitánias, o principio, porque o Maranhão não tem por ella as vantagens da parte de l'Est, e sendo a-materia do exposto projecto o estabelecimento das mesmas povoaçoens, fica tambem evidente que da execução do mesmo projecto dependem não só os interesses, que nella ponderámos, mas tambem ter o Maranhão pela parte de l'Est, e tirar com ellas a Metropole muitos amiores utilidades.

CAPITULO 14.

Em que se mostra como na Capitania do Pará se verificavão os principios estabelecidos, antes do castigo dos Indios, e da administração temporal, que nellis exercitavão os Regulares.

§. 133. A Capitania do Pará he notavel entre todas as outras Capitánias, assim por muitos e grandes rios, que a regão e fertilisão, como pela variedade dos preciosos e particulares generos, em que abunda. Posta pela Natureza nesta admiravel disposição, ella parece que podia levar a sua povoação e cultura mais adiante que todas as outras Capitánias; mas não tendo este sido o successo, para della fallarmos com os principios estabelecidos, veremos primeiro, em quanto nos for necessario, a situação, a origem, e estado da mesma povoação e cultura.

§. 134. Lançando pois a esse fim os olhos por toda a vasta extensão do seu paiz, todas as povoa-

çoens, que nelle se descobrem, estão postas á borda dos rios, e pela maior parte distantes entre si. O Paiz, que resta, ou he habitado de naçoens silvestres, ou inteiramente despovoado e inculto.

§. 135. As povoaçoens, que vemos mais apartadas da Capital, são todas de Indios naturaes do paiz, os quaes vierão á nossa sujeição, ou conservando-se nos mesmos lugares, em que forão conquistados, ou mudando-se para aquelles, que mais agradarão aos seus conquistadores.

As povoaçoens, que vemos mais chegadas á Capital, são aquellas, em que vivem, e entre as quaes se estabelecerão os brancos, ou os que não são Indios legitimos.

§. 136. A sua cultura poderia ser de todas as produçoens do Brazil; porque de todas he capaz o seu fertilissimo terreno, mas os seus habitantes, applicando-se mais a cultivar, e a extrahir os generos, que lhe são particulares, apenas cultivão dos outros o que julgão necessario para a sua subsistencia.

§. 137. A extracção dos generos e drogas, que a natureza produz sem os auxilios da agricultura, a que chamão commercio do sertão, fezão antigamente os brancos, ou mandavam canoas ao sertão remadas por Indios, extrahindo com elles os mesmos generos e drogas, ou havendo pelas povoaçoens as que os Indios ja tinham extrahido a troco de quinillarias, e outras mercadorias pouco importantes. Este era ordinariamente o commercio dos Missionarios, e daquelles que mercão o seu favor, e he talvez ainda hoje em parte, a pezar de toda a vigilancia, dos Directores, Vigarios, e seus favorecidos.

§. 138. De duas maneiras se podem considerar as ditas povoaçoens, ou cada huma por si separadamente, ou todas juntas constituindo o corpo da Capitania.

Se todas estas povoaçoens, assim dispersas, se-paradas, e postas sobre as margens dos grandes

rios, considerar-mos como outras tantas povoações da Marinha, posto que unidas na sua Capital, com a qual se communicão pela navegação, vendo-se por huma parte que ellas não passão das visinhanças dos seus portos, bem se pôde dizer que por isso era tenue a sua cultura, e não se estendia para o interior, porque nelle faltavão outras povoações, que fossem delles dependentes, e tivessem com ellas communicação, e que desta sorte se verificava nellas o principio que as Capitãias da Matinha não tendo communicação com as Capitãias do interior, não passaria a sua povoação, e cultura de certos limites, e dentro dos mesmos limites não serião bem povoadas; mas vendo por outra parte que as ditas povoações em si mesmo não tinhão ainda chegado a aquelles limites, a que poderiam chegar independentes das povoações do interior, limites, que se regularião pelo valor, que tivessem as suas producções, quer nos portos respectivos, ou na Capital relative à Metropole, como já estabelecemos por principios, dos quaes deduzimos o que acabamos de ponderar, de necessidade devemos conceder que nestas povoações houve outra razão, ou vicio, que obstasse ao seu augmento, tanto intensivo como extensivo.

§. 139. Considerando-se porém as mesmas povoações como partes, que constituem unidas a Capitania do Pará; pelo que temos dito já sabemos que ellas não forão todas povoadas com gente, que de fóra concorresse, mas que a maior parte foi estabelecida com gente, que já existia no mesmo paiz, o qual por beneficio da navegação dos seus rios pôde ser penetrado, os seus habitantes, com mais facilidade do que aconteceu nas outras Capitãias, procurados nas suas mesmas habitações, conquistados, e reduzidos à nossa sujeição.

Separemos na mesma Capitania esta parte dos habitantes já existentes, a que chamaremos parte

da conquista, da parte que nella entrou de fóra, a que chamaremos da Colonia, e vejamos o estado, em que huma e outra se achava, tanto na povoação como na cultura.

§. 140. Por hum argumento tirado das outras Capitãias, nas quaes havendo muitos Indios sem comprehender-mos a multidão, que se extinguiu a ferro e a fogo, a parte conquistada, sendo muito consideravel, se foi aniquilando, e se acha hoje em algumas quasi extinta, bem nos deviamos persuadir qual seria o seu estado na Capitania do Pará à proporção da sua antiguidade, sendo quasi o mesmo paiz, os mesmos conquistadores e conquistados; nos temos porém decisão positiva, e pela qual devemos estar: as leis, que temos havido sobre este objecto, claramente nos instruem que tanto esta parte da conquista não se achava augmentada, que ella se via no numero dos individuos muito decadente daquelle estado, em que tinha vindo à nossa sujeição.

§. 141. As mesmas leis nos dão tambem a conhecer, pelo que respecta a esta parte da conquista, a razão ou o vicio, que na combinação, que acabamos de fazer, tomando a cada huma das povoações sobre si, concedemos ter havido, e de tal sorte nos prescrevem os meios para o podermos delles apartar, que nós veriamos como de novo crescer o numero de individuos, e florecerem as povoações, se na execução das mesmas leis apparecesse a actividade, e prudencia, a probidade, o zello e desinteresse, que ellas requerem, e que merecemos nos felizes tempos encontrando-se com frequença nos Governadores, muito raras vezes se achão nos Directores, e Vigarios das mesmas povoações.

§. 142. Passemos à parte da Colonia. Mallograda a boa disposição, que temos ponderado na fertilidade desta Capitania, na preciosidade, abundancia, e especialidade dos seus generos, em muitas e largas estradas, que se vião abertas, nos

grandes rios, para com a facilidade, que permitta a navegação, penetrar-se o paiz, e conquistarem-se as nações silvestres, servindo-se delles os conquistadores na mesma navegação, na aquisição e condução dos generos, com todas estas vantagens, achava-se a sua povoação e cultura em tal estado, que apenas se podia comparar ás Capitánias do Espirito Santo, Porto Seguro o Ilheos.

§. 143 A Capitania do Pará, ainda que foi descoberta pelo interior do paiz, e conquistada com os auxilios das Capitánias do Brazil, tinha-se posto dellas em total separação, communicando-se só com a Metropole. Nestas circumstancias he evidente que esta parte da Colonia, pelo que respeita á povoação, não podia ter augmento, sem que este proviesse, ou directamente da Metropole, ou da alliança com a parte da conquista; não tendo pois sido consideravel, como he notorio, a concorrência da Metropole; tambem não poderião ser os cazamentos, com a parte da conquista, unico meio desta alliança, e muito mais quando se sabe que a parte da Colonia vio sempre com tal desprezo a da conquista, que toda a mistura, em que ella ultimamente se poz, nasceu nos primeiros tempos culpavelmente do acaso, e sem as bençãos do matrimonio.

§. 144. Do pouco progresso, que acabamos de mostrar na parte da Colonia, e da decadencia, em que as leis nos confirmão a parte da conquista, trataríamos agora por infallivel consequencia que a cultura desta Capitania, não fazia grandes avanços. Esta conclusão, posto que seja verdadeira, não chega a dar buma justa idéa do miseravel estado da cultura. Para o conhecermos ainda mais miseravel unamos estas duas partes, que vimos separadas, e formalisemos o corpo da Capitania com a parte da conquista, que em todas as suas obras lhe servio sempre de braços.

§. 145. Nos principios desta Capitania, em

quanto os seus conquistadores e povoadores, conserva-
vando as idéas, que tinhão adquirido na cultura das Capitánias do Brazil, não só fazião lavouras dos generos comestiveis, mas levantavão engenhos de assucar; chegarão e ter nestes effeitos mais do necessario para a sua subsistencia; tanto porém que faltou a concorrência das ditas Capitánias do Brazil, obscurecendo-se as idéas, com que tinhão principiado, familiarizarão-se a viver quasi á maneira dos mesmos Indios.

A caça e a pesca fez o principal da sua subsistencia, e os effeitos da cultura entravão nella como accessorio.

§. 146. Além de ser a caça contingente, e fazer-se cada dia mais custosa, porque se vai cada dia augmentando e extinguindo (1); além de ser tambem a pesca contingente pelas mesmas razões; e por muitos outros acontecimentos, que resulto da inconstancia do tempo, ella he nesta Capitania muitas vezes infructifera, entretendo inutilmente o tempo, como de ordinario, á cana, á fleza, á figa, e com outros temolhantes inventos; sendo certo que feita com mais industria pôde construir bum ramo de commercio (2). Applicados os habitantes destas

(1) Isto he tão evidente que hum dos signaes para em qualquer sertão se conhecer que habião nações silvestres he a falta que se encontra de caça, tanto quadrupede, como volátil, e ainda mesmo dos insectos, porque tudo devorão, e de tudo se mantem.

(2) A pesca das tartarugas he a mais proveitosa; ella faz a nutrição dos habitantes das margens do rio Negro, e dos outros rios, em que ha dellas abundancia. Os Indios as pescão, ou cação, estando occultos até que ellas saão d'agua, e venhão a pôr em covas, que fazem na areia, os seus ovos: então

Capitanias a estes exercicios já quasi por costume, e incitados pelo recreio, que nelles achão nos dias de fortuna, antes se querião expor a todas as contingencias, e remedia-las com o uso das raizes e fructos silvestres, do que segurar pelo trabalho da cultura huma melhor subsistencia. Eis-aqui neste barbaro modo de subsistir nova razão para conhecermos ainda mais atrazados os avanços da cultura.

§. 147. Os generos e drogas, que a natureza liberalmente produz nos sertões desta Capitania, sem os auxilios da industria, sendo huma das suas mais consideraveis vantagens, forão tambem no modo, com que se adquirirão, outra nova razão para nos confirmarmos no mesmo conhecimento.

As canoas, que fazião a extracção, ou commercio destas admiraveis produçõens, sahião quasi todas da Capital, servidas e navegadas por Indios

correm a ellas, e a toda a pressa as vão pôndo immoveis, virando-as com o casco superior para baixo. Isto a que os Indios chamão viração, he perigoso fazer-se, porque as extremidades dos cascos na careira, com que logem as tartarugas, se roçã as pernas com as mãos, he golpe certo; o que evitão facilmente os Indios, virando-as com os remos das canoas, que são accommodados a isso, por terem a figura das pás de tirar a terra, com a superficie da parte larga plana por huma e outra face. Postas assim immoveis as tartarugas, as conduzem depois com muito socego ás canoas, e nellas as levão para as suas povoaçõens, onde as conservão em curraes em quanto as vão comendo.

As tartarugas não chocho os seus ovos: depois de os cobrirem com areia, os deixão. He admiravel ver como esta criação se explica com o calor do Sol; e como estando em estado perfeito, rompe a areia, que a cobre, e vai logo como a figur metter-se n'agos.

os unicos capazes deste trabalho, tanto pela experiencia, que tinham da navegação, como pelo conhecimento das matas dos mesmos generos, e lugares, em que ellas se produzão.

Estas canoas, ou hão logo providas de mantimentos necessarios, e affiançadas, ou dellas se provião em algumas povoaçõens de Indios a trucka de quinquilharias e outras mercadorias de pouco valor, e algumas inúteis e prejudiciaes, como o tabaco e as agoridentes. O nosso equivalente recebeu tambem os Indios, que não erão escravos, pelo trabalho desta extracção, ou por aquella porção de generos, que lhes vinha a pertencer, segundo os ajustes com a parte da Colonia, por quem se fazia este Commercio.

Indo as canoas providas do necessario, e affiançadas tambem na caça, e na pesca, passavão sem tomar os portos de muitas povoaçõens, e humas vezes por não precisarem dos seus generos, outras por lhes serem defendidos pelos Missionarios. Feita a extracção, em que se gastava grande parte do anno, erão os generos conduzidos à Capital, e nella guardados até se exportarem à Metropole.

§. 148. Do que acabamos de expor vê-se que a acquisição dos generos, e drogas do sertão, era toda feita com o trabalho da parte da conquista, e só dirigida pela parte da Colonia.

Vê-se que o equivalente tanto deste trabalho, como dos poucos effeitos commutaveis da cultura pertencente à parte da conquista, era insignificante.

Vê-se que ainda deste insignificante equivalente não se aproveitavão aquellas povoaçõens, a que não apportavão as canoas.

Vê-se ultimamente que na mesma acquisição se

§

Os Indios se utilisão tambem dos ovos, e fazem dellas manteiga, que serve de condimento ás suas iguarias, e de azeite, com que se aliamão.

consumia grande parte do anno, e que os generos adquiridos não tinham consumo na Capitania, e erão exportados à Metropole.

§. 149. Não entrando pois nesta acquisição mais do que as partes já existentes da conquista, e colonia, nem tendo as canoas necessidade de apporitar a todas as povoações, e consumir os effectos da sua cultura, segue-se que por influxo desta acquisição nunca se levantarião novas povoações, nem haverião todas as que existem remotas da Capital, se não fossem, como ponderámos, outros os principios dos seus estabelecimentos. Eis-aqui outra nova razão para conhecermos como na causa retardados os avanços da cultura.

§. 150. Consumindo-se na mesma acquisição dos generos grande parte do anno; não tendo elles consumo nesta Capitania, e sendo exportados à Metropole; segue-se que a cultura perdia todo o tempo, que se empregava na dita acquisição, e só poderia nella influir com o equivalente dos generos, e do tempo, que consumia.

Sendo pois o equivalente, que recebia a parte da conquista, tanto do tempo como dos generos, que adquiria e cultivava, não só insignificante mas muitas vezes inutil e prejudicial; segue-se que nem ella tirava deste equivalente a sua subsistencia, nem elle lhe dava forças para poder augmentar a cultura, mas antes a diminuia com o tempo, que se perdia. Ora se juntassemos nesta Capitania, que conquista era a mais numerosa nesta Capitania, que novas razões não se acharião para conhecermos os poucos avanços, que teria feito a cultura?

§. 151. A parte da conquista, tanto neste commercio do sertão, como em todas as outras applicações, se houve sempre nesta Capitania a manciara daquellas maquinas, que paradas, ainda que não utilisão, conservão-se; mas tanto que se poem em movimento ellas vão arruinar-se, e nada do que

laborão lhes pertence. A parte da colonia parece seria aquella, que se aproveitaria na raina da parte da conquista, e que, ainda que se não adiantasse na povoação, se adiantaria nos haveres. Esta immutabilidade não se verificou em geral, porque a maior parte dos seus individuos com os costumes dos Indios participava tambem da mesma sorte, porém ella foi evidente nos que dierão a administração temporal dos Indios, ou o seu dominio, que era o mesmo.

§. 152. De quanto temos dito da povoação, ou cultura desta Capitania, vê-se concludentemente que nella a concorrência dos habitantes de fora era muito pouco consideravel; que o consumo dos generos comestiveis, não só era restricto à subsistencia, mas que dentro destes estreitos limites, se achava ainda mais restricto na causa, e, pelo diverso modo de subsistir, nos effectos pelo insignificante equivalente do trabalho, e dos generos extrahidos e cultivados.

Sendo estes os principios do augmento da povoação e cultura, e não havendo pela separação, em que esta Capitania estava das outras, nem concorrência dos habitantes consideravel, nem consumo significativo do superfluo da subsistencia, como era necessario para que, tanto na povoação, como na cultura, houvesse augmento, fica evidente que na mesma Capitania se verificava o principio estabelecido, que sem huma reciproca communicação, e commercio com as Capitania do interior, não passaria a povoação e cultura das Capitania da Marinha de certos limites, e que dentro dos mesmos limites não serião tão bem povoadas.

CAPITULO 15.

Em que se mostra como na Capitania do Pará se verificou depois da extinção do captiveiro dos Indios, e mais se podem verificar, os principios estabelecidos, e como he interessante á mesma Capitania a execução do projecto.

§. 153. No estado, que acabamos de mostrar, se achava a Capitania do Pará até a feliz epocha da sua restauração, até o Alvará com força de Lei de 7 de Junho de 1755, que veio abolir a administração temporal, que tinham os Regulares, nas povoações dos Indios, ou para melhor dizermos, que veio tirar das mãos dos mesmos Regulares a principal parte do governo de toda a Capitania, porque sendo os Indios, como temos dito, os unicos braços deste corpo, todas as suas operações pendão do concurso dos Regulares, que os dirigião, e que com mil affectados pretextos illudião a cada instante as ordens dos Governadores, apartando os Indios de tudo, que se oppunha aos seus illicitos e particulares interesses.

§. 154. Sem esta providencia, nenhum effeito teria a declaração, que se fez, da liberdade dos Indios, pela qual com simulado zelo clamavão os Regulares: não a fim de procurarem, como membros do Estado, as utilidades, que della se requerião, mas só a fim de sujeitarem tambem á sua administração aquella parte dos Indios, que della se achava desmembrada, e dominada pela parte da Colonia; persuadidos de que este era o meio de mais promoverem os seus ambiciosos interesses, e de conserva-la com diverso titulo na mais rigorosa escravidão. Assim manifestarão as declamações, as petições, e suggestões, que contra a referida declaração da liberdade dos Indios fizeram os mesmos Regulares entre o resto da Colonia; logo que acaba-

ção de conhecer que elles não ficavão na condição pretendida.

§. 155. São bem dignas de reflexão as avariadas medidas, com que esta lei foi executada no meio de hum povo, que os Regulares, ainda nos lugares mais sagrados, tinham excitado e movido; para verem della nascer a ignia, que levavão á eminente da mais triste, e fastidiosa pobreza: certos, pelo que com elles tinha em outro tempo acontecido, de que nenhum fantasma era capaz de espantalo, e metter em desordem.

§. 156. A notoria falta de humanidade, com que na nossa America são tratados os escravos, cria nelles huma tal aversão aos Senhores, que muitas vezes se termino em horrosos assassinios. He bem raro hum delicto destes, que não seja concedido na mesma causa. Desta aversão nasceu tambem a repugnancia, com que os Indios, que até aquelle tempo tinham supportado o pezo do jugo do cativo, se accommodavão a servir aquelles, dos quaes acabavão de ver escravos. Elles querião plenamente usar do ocio, de que são amigos, e sendo compellidos a serem reprehendidos e admoestados por aquelles, que tinham de lhes pagar os jornaes. Destas admoestações e reprehensões, feitas continuamente com o tiranno ar, que a parte da Colonia conservava ainda de Senhor, se originavão as queixas, com que os Indios hão continuamente aos Governadores.

§. 157. Sendo difficilissimo alcançar a verdade em factos domesticos, que não podem ser attestados por pessoas imparciaes, não pôdo as declarações referidas queixas serem sempre as mais injustas, mas (ou justas ou injustas) ellas produzirão alguns máos effeitos. Produzirão nos Indios a facilidade de se subtrahirem ao trabalho, e orgulho,

com que respondião, quando erão increpados, e ameaçados, que fizão com o recurso aos Governadores; não conhecendo aquelles miseráveis, que ainda que elles merecessem huma especial protecção, nunca a podião merecer a sua sciencia; e muito mais quando não faltavão exemções da justiça, com que alguns delles tinham sido punidos. Produzão na parte da Colônia, que era a que lhes pagava os joruaes, precipitarem-se alguns com o orgulho dos Indios, e delictos, que terião talvez principiado justas e necessarias advertencias, e fizessem outros ainda mais orgulhosos de se aproveitarem do trabalho dos Indios, antepondo aos seus interesses o pundonor de não soffierem as reprehensões dos Governadores, a que ellas chamavão descortezias, e ás quaes se sujeitavão pelas queixas dos Indios.

§. 159. Quem não vê que nestes, e outros maiores abusos e disorders, tinha maior parte a ignorancia dos Indios, e o não animo, com que a parte da Colônia via a declaração da liberdade, do que as decisões dos Governadores, as quaes não erão tão irregulares, que não tivessem por objecto hum fim virtuoso e politico: tal era defender, levantar e favorecer os miseráveis Indios opprimidos, tiravidos e abatidos: para, segundo o espirito da mesma declaração, promover com a sua elevação os interesses do Estado, e fim que a parte da Colônia não podia ver, tão cega como ella estava da sua ambição, e costumada a tratar sempre os Indios como se foão feitos de huma rija e dura massa, a qual podia soffrer todos os tractos mais violentos, sem estalar, ou gemer.

§. 160. Quando da liberdade restituída aos Indios não se seguisssem outras vantagens nas circumstancias de poder ficar a parte da Colônia utilisando-se do trabalho dos Indios por hum equivalente tão insignificante, como erão quatrocentos reis por meaz,

os quaes apenas poderião chegar para se vestirem os Indios de algodão tecido no mesmo paiz, era pois esta restituição huma admiravel providencia, para que a parte dos Indios destinada a este serviço fosse tratada com mais humanidade, e tirasse do seu trabalho o necessario fisico á sua subsistencia, o qual, como por via de regra, ímpia e tirannicamente lhes faltava, em quanto erão escravos.

§. 160. Com esta pratica entre nós desusada principiamos a ver promoverem-se os interesses do Estado, promovendo-se a felicidade dos Indios. E na verdade nós não tinhamos achado na nossa America o Imperio de Montezuma, os Reinos de Mocoacum, dos Incas, e as republicas de Pustacala, e Tlanala, e nem da Religião, nem das leis, nem dos costumes, nem das forças sempre desunidas dos nossos Indios, poderiamos receber affectos, que os movessem a huma formal opposição, ou poder, que a sustentasse, para assim nos justificarmos do abatimento, em que os tinhamos posto. Principiamos a apartarmos das vulgares maximas, e com que a Poltica trata as conquistas, e a procurarmos fazer cidadãos daquelles, que até alli tinham sido considerados no canto da plebe dominada e invilecida.

§. 161. O Directorio, que no anno de 1758 foi mandado observar nas Povoações dos Indios do Pará e Maranhão, he huma evidente prova do que acabamos de dizer, e nós tiravimos delle ainda mais afortunadas consequências na felicidade dos Indios, e interesses do Estado, se a feita, que já considerámos nos Directores, não detivesse os seus progressos. A jurisdicção directiva, unico que compete aos Directores, tem passado a coerciva. Os Indios só no nome conservão o governo temporal das suas povoações; a sua simplicidade vê-se continuamente invadida e perplexa com as pretensões, com que os Parocos e Directores quereut

transgredir os limites do seu Ministerio; de sorte que, ou entre estes riuões ha de apparecer huma indigénza condescendencia em prejuizo dos interesses dos Indios, ou se ha de ver huma opposição escandalosa perturbadora da paz, e necessaria, para que floresça a povoaçãõ, e inquietadora dos Governadores, que a deixãõ muitas vezes impunida pela falta, que experimentão de sujeitos habéis para executar os referidos Ministerios.

§. 162. Promovida a parte da Conquista, vio-se tambem promover a parte da Colonia de huma maneira bem accommodada ao seu genio costumado até então a dominar, e persuadido que a escravidão influa na cultura. Ergio-se a companhia geral do Commercio de todo o Estado, para que podesse introduzir nelle os escravos d' Africa, vende-los a credito, e receber o preço em generos do paiz; o que não se poderia esperar, posto este commercio em liberdade, tanto pela divisão do seu capital, como porque preferindo-se nelle os interesses particulares aos do Estado, procuraria cada hum dos commerciantes augmentar a parte, que tivesse no mesmo capital, de que muitos seriam meros commissarios; e não se sujeitarião a conserva-la por largo tempo, como tem feito a companhia, passada em mãos alheias, exposta a mil contingencias.

§. 163. As utilidades, que desta providente obra se tem seguido, são bem manifestas. A povoaçãõ tem crescido tanto com a introduçãõ dos escravos, como com a concorrência de habitantes promovida da Metropole. O consumo, que nesta Capitania se faz hoje dos generos comestiveis cultivados, he dobrado: e elles faltarião ao menos pela ametade, assim como acontece a respeito dos gados, se pela ametade não tivesse tambem augmentado a cultura.

§. 164. Parecerá com tudo menos racional este calculo, vendo-se que a exportação annual,

que faz a Metropole, do cacão desta Capitania, montara em outro tempo a setenta, e oitenta mil arrobas; e que no presente tem decido de quarenta. Para se conhecer que podia descer esta exportação, sem se diminuir a cultura, bastará saber-se que ainda que este genero tambem se cultiva, quasi todo o que se exporta he extrahido das mattas, onde, como já dissemos, a Natureza liberalmente o produz. Antes de descer a exportação melhor se poderia suppor augmentada a cultura, ou no mesmo genero, ou em outros; porque se poderião nella empregar os individuos, que faltassem á extracção, sendo porém esta a causa da decadência da exportação, não he a do augmento da cultura.

§. 165. A extracção do cacão e outros generos he toda feita com Indios, como tambem já dissemos. Os Indios, segundo o §. 15 do Regimento das Missoens, e o §. 63 do Directorio, devem-se dividir em duas partes: huma para se conservar nas povoaçoens, occupar-se no serviço da Fazenda Real, e defeza do Estado: outra para se distribuir aos moradores, que della se servião, na cultura do paiz, e na extracção dos ditos generos: faltando pois a applicação, que se fazia desta segunda parte, pela diversão, que della se tem feito, para as obras da Cidade, do Macapá, expediçoens do Rio Negro, Matto Grosso, cortes de madeiras, e muitos outros objectos, que se tem multiplicado com as funcões do Governo, que admiração pôde causar que falte a exportação pela ametade, e que não seja esta a causa do augmento da cultura?

§. 166. He á introduçãõ dos escravos que se deve o grande augmento, que tem tido esta Capitania na cultura dos generos comestiveis: elles não só chegarão para sustentar a parte da povoaçãõ, que tem crescido com a mesma introduçãõ, e com a concorrência da Metropole, mas para sustentar a parte dos Indios tirada das suas povoaçoens, e

occupada nos referidos objectos do Governo. Augmento, que se fará ainda mais evidente a quem souber que todo o que tem tido a povoação menos, costumado a viver da caça, e da pesca, procura alimentar-se dos generos cultivados; e quem souber tambem que destes mesmos subsidios da caça, e da pesca, não se podem utilizar os Indios occupados nos referidos objectos do Governo, como farião empregados na extracção dos generos.

§. 167. Ultimamente do que temos ponderado conheceremos agora qual seja a razão, porque á proporção das respectivas facultades he maior a exportação, que a Metropole está fazendo dos generos cultivados no Maranhão, do que dos cultivados no Pará. O Maranhão pôde-se dizer que só tem augmentado a sua povoação com a introdução dos escravos; o Pará a tem augmentado com os mesmos escravos; e com a numerosa concorrencia de habitantes da Metropole, a qual he sustentada pelo trabalho dos ditos escravos; e sendo com o mesmo trabalho tambem sustentada em grande parte a multiplicação de Indios apartada da cultura, he evidente que será no Pará maior o consumo dos generos cultivados do que no Maranhão, e que pôde á proporção ser no Maranhão maior a quantidade do superfluo, que he o que se exporta, do que no Pará, sem nos persuadirmos pela exportação que o Maranhão tem feito maiores progressos na cultura do que tem feito o Pará.

§. 168. Em todo este Estado se tem augmentado a cultura, não só nos seus effeitos, como temos mostrado, mas na disposição de os procurar; quero dizer, no genio para a mesma cultura. Os habitantes, que se vião obrigados á satisfação dos escravos, que recebem a credito, apartarão de si a sua antiga ociosidade, e difficulosamente se não tra hoje hum só, que nestas circumstancias se não tenha tornado hum incassavel agricultor. Este he

sem duvida outro effeito bem admiravel da providente obra da Companhia. Effeito, que se comprova com a pessima ociosidade daquelles, que não são considerados pela mesma Companhia, dos quaes hums vivem errantes sem certa habitação; outros aggregando-se ás honestas familias, e importantes ao Estado, lhes servem quasi sempre de pezo, e discreditado; e muitos em fim, tendo apenas levantado hum choça de palha, em que algumas vezes se mettem, a que dão o nome de caza, são reputados agricultores, sem que o Estado perceba os fructos das suas lavouras.

§. 169. Hum mappa geographico, civil, e economico de todo este Estado; no qual não só se notassem distintamente todas as povoações, e moradas, mas se descrevesse com exactidão o numero e condição de cada hum dos habitantes, as suas occupações e facultades, tanto naturaes como adquiridas, seria huma boa prova do que acabamos de dizer; e se os Governadores ornassem com semelhantes taboas os seus gabinetes, não para hum simples instrução, mas para hirem nellas notando o que de novo acrescesse, ou faltasse, combinando a cada instante, não só em tolo este corpo, mas em cada hum das partes, que o compoem, as forças preteritas com as presentes, ainda vendo-as muitas vezes augmentadas no todo, elles não se persuadirão ter satisfeito ao seu officio, em quanto não vissem que todas as referidas partes tinham á proporção corrido para este augmento; elles se hurrisarão de ver o grande campo, que apparecia vazio com a perda de hum deligente e abundante agricultor; e ao mesmo tempo se contristarão tambem de ver que persistião neste corpo, amecandando maior ruina as aberturas, que elles tinham a seu cargo encher como material dos ociosos.

§. 170. Para mais promover-se tanto a parto da Conquista, como a da Colonia, passou-se a estabelecer

lecer novas povoações; taes são as do Rio Negro, e da parte do Norte. Tendo-se com tolas as referidas providencias augmentado, como temos dito, a povoação e cultura desta Capitania, poderemos por ventura esperar que ella fça iguaes progressos ao Rio de Janeiro, Bahia, Pernambuco, e Maranhão pela parte de l'Est? Poderia acontecer, se a concorrência dos habitantes da Metropole, e introdução de escravos de Africa, fosse igualmente continua, e numerosa; sendo porém impraticavel esta continuação, para a qual he preciso forcejar, nunca esta Capitania se poderá considerar em igual disposição, enquanto, além do immediato concurso da Metropole, ella por si mesma voluntaria e insensivelmente não augmentar a sua povoação, e cultura; porque de outra maneira, tanto que cessar a concorrência da Metropole, e se diminuir a introdução dos escravos, he evidente que não só se deterão os progressos da povoação, e cultura, mas que decerá do estado, em que estiverem. Só restaria para sustenta-los a propagação. Em que parte nascente da nossa America não foi sempre maior a concorrência do que a propagação? Os fructos humanos são tardios, e serão necessarios quinze e dezeseis annos para que elles principiassem a encher os rios, que em todo esse tempo tivessem feito os estragos da morte. A fecundidade e benignidade do Paiz admittem nesta parte o cahir vantajoso sem se promoverem os cazamentos, tanto da parte da Colonia dominante, como da dominada.

§. 171. Esta disposição, que temos ponderado, e que falta em toda esta Capitania, falta tambem nas suas partes, ou novas povoações. Cessando nellas o immediato concurso da Capital, veremos pararem, e mesmo diminuir-se os seus progressos, principalmente naquellas, que ficarem mais remotas, porque produzindo-se nellas os mesmos gene-

ros, que se produzem no resto da Capitania, pelos principios, que temos estabelecido e demonstrado, os seus habitames as despozarão insensivelmente, e virão fazer as mesmas lavouras mais proximas a Capital, para que sendo menor a distancia e despeza nas conduções dos generos, podessem dellas tirar maiores interesses.

§. 172. E qual será pois esta feliz disposição, em que voluntaria e insensivelmente se possa augmentar a povoação e cultura desta Capitania, que não seja a que já fica demonstrada a respeito das outras Capitania? Estabelecer huma reciproca dependencia e communicação com as Capitania do interior. Só nesta disposição o Pará augmentará a sua povoação e cultura, pelo que respeita á parte da Colonia, não só com as suas proprias facilidades, quero dizer, com a concorrência da Metropole, com a introdução dos escravos, e com a propagação, que de huma e outra resultar, mas tambem com as facultades alheias, com a concorrência dos habitantes, que a si atrahirá das outras Capitania, e com o influxo dos generos, em que ente si commercierem.

§. 173. A communicação, que vemos estabelecida com o Matto Grosso, tende a este fim; ella he importantissima; mas della não tirará o Pará todas as vantagens, em quanto todas as mercadorias da Metropole, que se consomem no Matto Grosso, não forem exportadas do Pará.

A communicação com Goyaz pelo Rio Tocantins, por onde já houve quem decesse, contribuirá para o mesmo fim; e esta communicação não será menos vantajosa que a primeira, porque se pôde fazer em menos tempo; e porque abrirá o caminho a novos descobrimentos. Por ambas estas vias decerá ao Pará o ouro das Minas, a tropa das mercadorias da Metropole, dos panos de algodão, assim dos que se fizereem no Pará, como dos

que actualmente se fazem no Maranhão. As Povoações de Indios, postas á borda dos respectivos Rios, virão com mais facilidade á nossa sujeição. Ellas e toda a Capitania receberão os influxos do ouro na povoação e cultura.

§. 174. Sendo porém certo que o ouro tanto influe na povoação e cultura, quanto se detem girando pelo corpo, que anima, e promove; elle não poderá influir do mesmo modo, se passar sem demora a outras Capitánias; passagem, que será mais ou menos rapida, conforme a natureza do equivalente, e se for em genero da primeira necessidade, será sobre todas a mais violenta e instantanea.

Consideremos agora a todas as Capitánias relativamente á Metropole: se nós nos persuadirmos que só no ouro consistem as pertenças, que nellas tem a Metropole, acharemos ser indifferente a sua extracção por esta, ou aquella Capitania; e que quanto mais rapidamente chegar o ouro á Metropole, mais se adiantarão os seus interesses, mas se nós nos persuadirmos, como devemos, que as pertenças da Metropole não se restringem só ao ouro; e que ella interessa muito em que se promova a povoação, e cultura do Pará, tanto pela situação desta Capitania, como pela especialidade das suas produções, acharemos tambem que a instantanea passagem do ouro por esta Capitania he prejudicial aos progressos da sua povoação, e cultura, e que este dano e prejuizo não se repara tornando a Metropole ao Pará o ouro, que lhe tirarão as outras Capitánias, se a mesma Metropole o tem outra vez de receber pelas ditas Capitánias; porque he evidente que neste circulo o ouro não se detem no Pará, onde não pôde influir sem demora, e que o Pará perde todos os influxos, que receberia do ouro, se o tempo, em que gira por todas as Capitánias, vai á Metropole, e torna ao Pará, se detivesse girando

pela mesma Capitania, até sair directamente para a Metropole.

§. 175. Isto he o que está ha tres annos acontecendo no Pará com a passagem, que pelo equivalente das carnes secas está fazendo o ouro por mãos dos commerciantes da Bahia, Pernambuco, e Rio de Janeiro para as ditas Capitánias, pelos portos da Paraiaba e Ceará, donde não pôde tornar ao Pará. Virão-se sahír ha dois annos borrachas de ouro no mesmo estado, em que tinham desido do Mato Grosso. E que indico recebeu deste ouro a Capitania do Pará? O mesmo que recebe de quasi vinte e cinco contos de reis, que tem por este commercio extrahido della as reteridas Capitánias. E esta he toda a força da razão, que no principio do Capitulo 6. dissemos ser attendivel para a execução do projecto.

§. 176. Sendo pois, por quanto fica dito e demonstrado, necessario estabelecer nesta Capitania communições pelo interior com as outras Capitánias, para que ella como voluntaris e insensivelmente florea trazendo a si das ditas Capitánias não só a concurrencia de habitantes, mas tambem o ouro:

Sendo necessario applicar os meios, que evitem a instantanea passagem do ouro pelo equivalente dos generos da primeira necessidade, como são as carnes secas:

E sendo tambem a execução do projecto não só o meio de estabelecer communições desta Capitania com todas as que a cercão do Sul para Est, mas sendo a dita execução (como já dissemos) o mesmo estabelecimento da criação do dito genero, fica tambem demonstrada a necessidade que ha da execução do projecto.

§. 177. E quando, executado este projecto, nós virmos principiar a girar da Capital para os Sertões a troco da parte dos gados necessaria para a sua subsistencia, o dinheiro, e o ouro, que nella

entrar, e o vimos descer outra vez para a mesma Capital por equivalente das mercadorias da Metropole, com giro intrinsecos, incluindo na povoação e cultura; quando a troco do superfluo dos mesmos gados, que, como disse nos no §. 29, terão a extracção commua com a freguezia de Paitos Bons para o Porto da Patrulha, vimos entrar tambem nesta Capitania o dinheira da Bahia e Rio de Janeiro, e utilisar-se com este equivalente à Metropole, que não exporta o referido genero.

Quando vimos tambem concorrer para esta Capitania, como ponderamos no §. 172, os habitantes das outras Capitania, facilitar-se por ellas a communicação com Guyaz pelo rio Tocantins, augmentar-se a conquista das nações silvestres: Quando em fim vimos a esta Capitania como ligada e unida pelo interior ás Capitania do Maranhão, Piauhí, e Guyaz, servindo-se, e utilisando-se pela communicação e commercio das forças das Capitania do Brazil, das quaes existe em total separação: veremos tambem que por nenhum outro estabelecimento poderia esta Capitania ao mesmo tempo unir todos os fins ponderados, e que em todas as referidas vantagens se verifica nella o principio, pelo qual estabelecemos — que as Capitania e povoações do interior dos paizes, sendo dependentes das Capitania da Marinha, e tendo com ellas communicação, concorrem para o augmento tanto intensivo como extensivo da povoação, cultura, e commercio das Capitania da Marinha — assim como faltando as referidas vantagens, temos até agora visto verificar-se tambem nella o principio contrario.

Da Perlassa, e da Potassa.

Havendo no Brazil tanto de que fazer cinzas, e sendo tão facil extrahir destas hum artigo de commercio chamado Perlassa, e depois de calcinado, Potassa; pareceu-me bem escrever a este respeito aquillo, que eu sei, o que talvez utilisará até que alguém escreva comzua melhor.

A America do Norte exporta annualmente duzentas mil arrobas destes generos, Danzick, Petersbourg, e o resto do Balico quatrocentas mil pelo menos, aggregando o que sahe da Hungria, e outros lugares, não se pôde avaliar a menos de hum milhão de arrobas, que entrão annualmente no commercio; o preço medio nos lugares do consumo pôde estimar-se a dois mil e quatrocentos reis; por tanto parece ser hum ramo de industria, a que se podem applicar algumas peccas, e tanto mais facilmente que para obter a Perlassa não ha preciso fazer previamente grandes despesas; algumas formas de barro como as que servem nos ingenhos, e huma caldeira de ferro são todos os peccuchos, que se necessitam para fazer este sal com muita facilidade; he verdade que huma fabrica em ponto grande será de algum custo, mas tambem será productiva em proporção.

A Perlassa reduzida a Potassa pela calcinação he ingrediente de primeira necessidade para muitas fabricas, e para as operações chemicas.

Definições.

Todos sabem que a *Decoada* he o liquido, que resulta da filtração da agua pelas cinzas.

Perlassa he o residuo, que no fundo da caldeira deita a decoada evaporada ao fogo, o qual

esfriando toma a apparencia de sal de diferentes cores, segundo as cinzas, de que foi feita a decocção; n. de cor amarellada he a melhor.

Potassa he este mesmo sal calcinado ao fogo, por cuja operação se torna esbranquiçado. Este sal alkalino não se extrahê só das cinzas das plantas, muitas terras tem este sal, e algumas pedras tambem.

Todas as plantas tem mais ou menos deste sal, (exceptuando as que nascem em terrenos empapados de sal marinho, as quaes dão soda assim como o sal commum,) as ervas tem mais do que os arbustos, estes mais do que as arvores; as folhas dão mais do que os ramos, estes mais do que os troncos, que dão muito pouco: as raizes de Pinheiro dão alguma *Perlissa*: quanto mais amargo tiver a planta, tanto mais deste sal contém communmente.

Methodo simples de fazer a Perlissa.

Tirada a decocção das cinzas, como se tira para servir nos engenhos, e para fazer sabão, &c. e conhecendo-se pelo acre do sabor que está bem forte, bote-se na caldeira, e faça-se evaporar, mexendo-se depois que principia a engrossar, para que se não pegue à caldeira; de tempo em tempo faça-se esfriar huma porção pequena, logo que coahar facilmente está a *Perlissa* feita; procure-se que lhe não toque a humidade, embarille-se, e está prompta para a venda: neste estado vale mo-tade, e não he tão procurada como a *Potassa*, por isso que a calcinação he trabalhosa, e tem quebras.

Outra Methodo.

Tenha-se hum coche com alguns boracos em huma estremidade posto de sorte, que esta extrê-

midade esteja sobre a caldeira; logo depois de ferver a decocção, com huma escumadeira tire-se do fundo o sal, que se vai depositando, e deixe-se no coxe, d'onde escorre para a mesma caldeira; este sal assim feito he *Perlissa* feita d'outra sorte, e de melhor vento.

Não ha hum só Rocioiro, que não possa cada dia fazer alguma *Perlissa*, e isso pela agencia até dos rapazes; do que pôde tirar lucro vantajoso do emprego de bem modico capital: deve haver cuidado de fazer a evaporação em dias secos a fim de que a humidade não destrua o sal.

Methodo de fazer Perlissa, e Potassa, que poderá servir em huma fabrica grande.

Edificio.

Levantar-se-há humz caza com capacidade, e com pilares intermédios a fim de que não se precizem para formar o telhado madeiras de grandes dimensoens, como talvez inconsideradamente se usa nos engenhos: a grandezza, e figura da caza depende do local, e da extensão, que se quiser dar ao trabalho; havendo capacidade para hum fogão, supponhamos com duas caldeiras, para hum forno como o de cozer pão, para duas tintas grandes, e espaço para se menearem os embalhadores, será a caza sufficiente; junto a esta deve haver outra para o Tancoiro fazer os Barris, e se embarillar a *Perlissa*, ou *Potassa*; esta ultima coza dividida, servirá a parte mais bem tapada para Almazem dos Barris promptos: hum edificio assim feito tudo que será sufficiente.

Das Tinas, e do modo de fazer Decocção em grande.

Tenhão-se duas Tinas de seis pés de altura e

de diametro proporcionado, as aduellas devem ter pelo menos quatro polegadas de grosso embaixo, e huma e meia em cima, além de que os arcos não corrao, e portanto que não gotejem facilmente; ca-da huma terá huma torneira quasi ao nível do fundo, sobre este ponha-se huma camada de travessas de qualquer madeira branca, como supozhamos cal-xeta; depois outra de seixos bem lavados; mais acima, polegada e meia de carvão miúdo, mas não em pó; (o carvão faz com que a Decoada seja mais clara;) sobre estas tres camadas, a das travessas, e a dos seixos, e a do carvão, lance-se a cinza, de que se quer extrahir a Decoada, de sorte que fique palmo e meio da Tina por encher de agua, que estará fervendo, lance-se sobre a cinza até que fiquem duas polegadas por encher; deixe-se a agua duas horas na cinza, tire-se depois pela torneira, e torne-se a lançar sobre a cinza, esta operação deve repetir-se tres vezes; a ultima he decoada; depois deixe-se agua fria sobre a cinza, que se deixará estar vinte e quatro horas, ou mais; esta agua serve para ferver depois, e para extrahir novas decoadas de novas cinzas.

Do que está dito se vê, que as duas tinas devem estar cada huma posta sobre hum tanque, que terá dois pés de fundo, ou ambas sobre hum tanque, que terá tanto diametro, quanto tiverem as duas tinas.

Fornalhas para a evaporação da decoada.

A construção de fornalhas para evaporar os líquidos com pouco fogo he já sabida por alguns; no engenho da Oitreira acha-se hoje huma feita, que pôde servir de modelo para todas; eis-aqui huma breve descripção.

A fornalha deve servir de cinzeiro, de fogão, e de chaminé; sobre o fogão he que se assentão

as caldeiras: o cinzeiro, parte inferior da fornalha, deve ter porta com diametro igual ao da grelha; sobre que se faz o fogo; esta porta não deve estar exposta á corrente de ar muito violenta; no tecto do cinzeiro, que fica servindo de pavimento ao fogão, se assenta a grelha, sobre que se ha de fazer o fogo; a grelha, como se disse, deve ter tanta abertura, quanta he a da porta do cinzeiro; as barras de ferro, de que deve ser feita a grelha, estarão postas em cruz, ou horizontalmente, mas não pregadas humas nas outras; porque o ferro quente, ou frio, occupa diferentes espaços.

Das Caldeiras.

As caldeiras, sendo de ferro coado, devem ter ao menos tres pés de diametro, e dois de fundo; a primeira se assentará de sorte, que o seu ponto central não corresponda ao centro da grelha, porém sim mais para dentro, de sorte que a chamma, que sobe primeiro verticalmente, toque o lado da caldeira, e vá depois rodando-a, antes que passe á segunda: a segunda deve estar assentada em linha horizontal com a primeira; entre as duas se levantará huma parede, que tenha de grosso a largura de hum tijolo com huma abertura vertical, que chegue ao pavimento do fogão; por esta passagem vai o fogo de huma para outra caldeira; bastara, que a passagem tenha de largura a sexta parte do diametro da porta do cinzeiro; as caldeiras estarão assentadas de sorte, que tenham livres das paredes duas terças partes.

Da Chaminé.

A chaminé terá a sua entrada junto aonde se ont a segunda caldeira á parede; o seu diametro deve ser metade do diametro da porta do cinzeiro; a sua

figura será quadrada por ser a mais facil a construir; na parte superior, que deve apparecer por cima do telhado, se porá huma porta de dobratilhas, de sorte que debaixo se abra, ou feixe, segundo convier mais, ou menos calor no fogão. Como o ar he quem alimenta muito o fogo, he visivel, que pela porta do cinzeiro basta que entre tanto, quanto pôde passar pela grelha, e fogo, e que pela chaminé basta que saia a porção inflamada, de que já se não precisa, e tendo empregada nas caldeiras todo, ou quasi todo o calor.

O fogão terá a sua porta sempre fechada; serve para a introdução da lenha, e importa pouco que esteja vertical ou lateral á do cinzeiro.

Evaporação.

Opere-se, como se disse no modo simples de fazer a Perlassa.

Calcinação da Perlassa, e da Potassa.

Para operar a calcinação, far-se-ha hum forno como para cozer pão, com o maior diametro possível, e a menor altura da aboboda; deve ter duas portas, por huma se fará o fogo, e estará sempre aberta, pela outra se ha de introduzir a Perlassa, e ajudar á calcinação; esta estará bem fechada em quanto se aquece o forno; huma vez quente, o que se conhece pela côr dos tijolos, puxe-se o brazido para a porta, e se continuará a fazer fogo allí, se se julgar preciso; pela outra porta então se introduz a Perlassa, a qual se seca, e muda para côr branca; haverá todo o cuidado de a mexer, e quando parecer que está seca, tire-se hum pedaço, que se quebrará; logo que appareça branca por dentro, está feita Potassa; que se encharriará quanto antes, para que não apanhe humidade, que a decompõe ainda mais do que ao assucar.

Ha outros modos de construir os fornos para a calcinação, porém este, como já sabido, e facil, pôde ser usado, até que se familiarize o modo de fazer os outros, que he mais complicado.

Em algumas partes usão agua de charcos, aonde tenhão apodrecido plantas, para fazer a decoada; he possível que esta agua esteja saturada de algum sal, com tudo parece-me, que os gases desenvolvidos em tal caso perjudicarão mais á saude dos que trabalharem na fabrica, do que utilizará o pouco sal, que renda.

As cinzas amontoadas por algum tempo antes de servirem, adquirem pela fermentação, segundo a opinião de alguns, mais facilidade em largar o sal; por tanto bom será ter sempre grande provisào de cinzas; he verdade, que outros dizem, que a Perlassa he menos pura.

Huma fabrica em ponto grande, pôde ter huma ordem de caldeiras, como tem qualquer engenho.

As pessoas, que poderem, farão bem, para provar, se a decoada tem sufficiente sal, de fazer uso do Aerometro; quando o de Baumé se mergulha entre doze, e quinze grãos, está a decoada bem saturada.

As cinzas, depois de tirada a decoada, nem por isso são inúteis; são hum precioso estrume para as terras humidas; que se querem reduzir á pastos; servem para se fazerem copellas, ou copelhas, em que se funde o ouro; e partes iguaes destas cinzas, e de areia volcanica, são materiaes, de que se faz optimo vidro de garrafas ordinarias, sendo a areia volcanica composta de hum terço de areia quartzosa, e de dois de productos volcanicos.

MINERALOGIA.

Algumas observações Barométricas, e Geognosticas, &c. feitas na Capitania de Minas Geraes por G. L. de E.

Desde que cheguei ao Brazil, forão sempre os meus desejos visitar a Capitania de Minas Geraes, Província dos Estados da America, a mais digna da attenção de hum Mineralogista, e Geologista, pois que deu, desde o seu descobrimento, immensos cabedacos, em ouro, diamantes, e outras pedras preciosas; e de certo, ainda esconde maiores nos seus leitões antigos até agora intactos e desconhecidos (1).

O zelo, com que o actual Governador, o Excellentissimo Conde de Palma, se presta ao serviço do melhor dos Príncipes, e a bondade, com que procura esclarecer os Povos desta Capitania, sendo-lhes deste modo o mais util possível, me tem facilitado extremamente os meus passos, e a este respeito nada me resta a dezejar. Seria objecto de huma extensa memoria, mas apenas poderei apresentar agora extractos de algumas observações principaes, e conclusões geraes.

Não será desagradavel ao Publico dizer eu alguma cousa da elevação desta Capitania sobre o nível do mar, e do seu terreno Mineral, e Vegetal. Hum Viajante alguma cousa observador, logo que passar o Rio Paraíba, na estrada do Rio de Janeiro para Minas, não deixará de conhecer, que, apesar dos frequentes morros, que sobe, e desce,

(1) O Quinto do ouro importou no anno de 1763 em 118 arrobas, e desde o descobrimento de Minas até o anno proximo passado, importou em mais de 6:805 arrobas, ou quasi 85 milhoens de cruzados. Hoje está reduzido a pouco mais de 20 arrobas por anno.

por pessimos caminhos, em fim se acha esta vez mais elevado, observação, que chega a ponto de certeza, combinando-se o estado do Barometro em diferentes lugares ao longo desta estrada. Deste meio he que me servi para levantar hum perfil exacto dos altos, e baixos dos terrenos.

Observei no Rio de Janeiro o estado medio de dous Barometros por espaço de hum anno, e sobre estas observações calculei todas as seguintes, cujos resultados são.

O Ponto mais elevado da Serra dos Orgãos-pés 3606 (1)	
Corrego Seco.	2495
Somidouro.	1838
Rio Paraíba, na passagem.	610

Huma altura pouco importante para hum rio, que corre ainda trinta, e mais legoas até a sua embocadura, e que se podia fazer navegavel com facilidade por este motivo; mais difficiloso se faz o Rio Paraíba, que corre na sua passagem com huma queda de 890 pés, e consequentemente, até onde se une ao Paraíba, com hum terço de rapidez mais, se corre por hum plano inclinado, e senão, cabe sobre grandes Cachoeiras, sendo a sua união com o Paraíba só 6 legoas distante do Registo.

Sobe-se agora consideravelmente para a	
Vargem.	pés 1479
Juiz de Fora.	2049
Chapeo de Uvas.	2270
João Gomes.	2679
Serra da Mantiqueira.	3160

Esta Serra, faz huma das principaes divisões nesta Capitania nos Reinos Mineral, e Vegetal; ella corre quasi de Sul a Norte, desde a Capitania de S. Paulo, e fórma huma consideravel Cordilheira.

(1) Todos estes calculos são feitos, segundo as gradações dos meus Barometros em pés Ingleses.

ra de baixo de diferentes nomes até Minas Novas, cujas vertentes para Este até o mar consistem de hum terreno montuoso, cheio das mais bellas florestas, e, segundo o estilo barbaço deste paiz, proprio para a cultura de grãos, e plantas. Parece-me que a decomposição das rochas primitivas, como são o Granito, Gneis, e Sienito, de que se achão formadas estas montanhas, e com algumas camadas de Pedra Herbílica, e Pedra Verde sobrepostas, produz em geral huma terra vegetal mais forte que as outras rochas secundarias: observação, que tambem já fiz por muitas vezes em Portugal.

O Terreno para Oeste desta Cordilheira he mormente calvo, e com grandes planicies altas, cortadas de fundos Valles, e ornadas de altos morros isolados, cujas bordas unicamente são cobertas de alguns matos de pouca consideração. A terra vegetal he de pouca espessura, e sua base he de ordinário hum Chisto argiloso, Chisto Chlorites, camadas de manganez, e Pedra de Sabão; os morros altos consistem de pedra arenoza Chloritica, ou são montanhas ferreas; isto he minas de ferro mi-caceo, magnetico, e especular, com huma camada de mina de ferro vermelho sobrepostas.

Da Serra da Mantiqueira passa-se depois por huma planicie alta, e calva para a Borda do Campo.

	pés 3570
Barbacena.	3530
Gama.	3580
Queluz.	3130
Até Congonhas do Campo.	2860

Aqui são os confins da planicie, que está rodeada de altos morros, como o de — Deus te livre — braço da Cordilheira, que corre da Serra da Mantiqueira de L'Est a Oeste; e a alta Serra de Tapanhuacanga, continuação de huma Cordilheira, que vem de Sabará. Atravessão-se muitos morros, e baixos até esta Villa onde está o Palácio dos Governadores em

sobre o nivel do mar, ainda 173 pés acima do ponto mais elevado da Serra dos Orgãos.

Estando esta Villa n'huma posição tão alta, e cercada de montes ainda muito maiores, entre os quaes o escabroso Itacolomi se distingue com huma altura de 2000 pés sobre a Villa, e 5780 sobre o nivel do mar, he muito natural, que a temperatura esteja muito baixa, a atmosfera mui humida, assim como os ventos inconstantes.

Ha anno e meio, observei que o Thermometro de Fahrenheit não tem subido a 78º, nem descido a 54º nas horas, em que o sol passa pelo Meridiano. O Barometro se conservou sempre entre 26 — 56½, e 26 — 90; huma differença de 0 — 474, que faz huma differença na altura, e baixa da atmosfera de 437 pés; o pezo, ou a elasticidade, he maior desde o mez de Maio até fim de Outubro, pela metade, do que desde Outubro puz diante até o mez de Abril. Os Hygrometros de Deluc se conservão entre 60 e 80."

Cabe agora dizer tambem alguma coisa sobre a força magnetica, que observei nesta Villa, com o Inclinatorio magnetico de Borda, que me deu em repetidas observações no Rio de Janeiro huma inclinação da agulha marear para o Sul — 28º 44' 30", e n'hum minuto 21 oscillações verticaes. Nesta Villa achei a inclinação 29º 20', e 20½ oscillações n'hum minuto; huma differença de 16' 30" mais na inclinação, e quasi 1 oscillação menos. E daqui se conclue que a força magnetica he maior em Villa Rica do que no Rio de Janeiro, e que ella está em certa proporção com a inclinação; assim como corresponde com as observações do celebre Humbold, ser a inclinação para Oeste maior do que para L'Este.

Descendo-se de Villa Rica para o Ribeirão do Carmo abaixo até a barra do Rio Guayo ao pé de S. José, acha-se esse lugar 1117 pés sobre o

nível do mar, huma altura consideravel em tão pouca distancia do mar, que poem grandes difficuldades á navegação do Rio Doce, nome, que toma poucas legoas abaixo de S. José. Atravessando-se d'aqui algumas vinte legoas para o Norte os Rios do Peixe, Prata, Tanque, Santa Barbara, e mais outros menores, (sobre terreno primitivo de Granito, Gneis, e Chisto micáceo) encontra-se o Rio Santo Antonio, segundo braço principal do Rio Doce. Tambem neste se não apresentão melhores esperanças para a navegação, estando elle ao pé do Quartel de Cubas, penultimo destacamento da 1.^a divisão — 1165 pés sobre o nível do mar. D'aqui para o Serro do Frio, por obscuros matos habitados pelo antropophago Botecudo, se vai subindo pouco e pouco pelo Arrayal de Nossa Senhora do Porto de Guanhas, que está 1965 pés sobre o nível do mar, Serra do Quilombo 2955 pés, e Villa do Principe 3085 pés, Milho verde 3471, até Tejuco 3715 pés. Está este bello arrayal quasi no mesmo nível de Villa Rica, e ambos quasi nos extremos oppostos de huma longa Cordilheira, na qual se distingue ao pé de Villa Rica, como já disse, o alto Itacolomi, e na visinhança de Tejuco a calva serra do Itambé, que he ao meu parecer ainda mais alta que o Itacolomi.

O coração do viajante fica desafogado, sahindo do triste, escuro, e fechado sertão do Rio Doce para os alegres campos da Villa do Principe, mas entristece-se com o aspecto esteril da Demarcação Diamantina. Montes crespos, e escabrosos, quasi sem terra vegetal alguma; rochedos de Grés elevados nas planicies altas, formando, ora pyramides, ora ruinas de castellos velhos, e outras figuras, ás quaes a imaginação facilmente dá alguma applicação, offerecem-se á vista de longe, e de perto.

Acho aqui proprio para notar que a Villa do Principe, segundo as minhas observaçoens, está 1.^o

8^o de longitude occidental do Rio de Janeiro, e 17^o 38' 40" de latitude. Tejuco 1^o 25' 30" de longitude, e 17^o 13' 20" de latitude, huma differença consideravel das observaçoens dos Padres da Companhia, que pozerão Tejuco do Serro em 18^o 13' de latitude, assim como Villa Rica em 20^o 21' 7" de latitude, quando se acha em 16^o 52' 15" de latitude, e 1^o 26' de longitude do Rio de Janeiro.

Retrocedendo-se de Tejuco pelo caminho chamado de Matto dentro, passa-se sempre ao longo de huma grande cordilheira n'huma consideravel altura, que nunca he menor de 6000 pés, cujo ponto mais alto será a serra da Lapa, que dizem ser calcarea, em quanto as outras são de Granito, Gneis, e Grés, e nas baixas as formaçoens auríferas. Passa-se por differentes Arrayaes, como Paranna, Congonhas, Conceição, Morro de Gaspar Soares, e mais outros.

Cazas cahidas, outras fechadas sem moradores, e o estado de pobreza dos que ainda se achão, são provas da maior decadencia possível; grandes escavaçoens, terras mechidas, e cascalhos amontoados em roda destas povoaçoes, são indícios da antiga opulencia, em que estiverão.

Hoje em dia dizem que já não ha ouro para desculpar a decadencia. Será verdade que agora se não encontre tanto a flor da terra como o que tirarão; mas outro tanto se achará, e ainda mais, onde os mineiros do Paiz nunca procurarão, nem sabem procurar.

Tomando-se da Fazenda de Domingos Affonso para Caeté, e Sabará, atravessa-se a grande cordilheira junto á fazenda do Arião, que está n'huma altura de 2785 pés. O paiz se torna mais calvo na outra banda da Serra; mas o que a natureza distribuiu mesquinhamente no reino vegetal, parece ter supprido com abundancia no reino mineral. Nestes

distritos se tem achado as mais ricas minas de ouro, entre as quaes se tem distinguido principalmente a de Felix Perreira, que deu tambem o grande, e magifico exemplar de ouro maciço, e cristallizado, que se achava no Real Museu, da Ajuda em Belem. Examinei a dita mina, que está inteiramente abandonada; vi com espanto só hum buraco cheio d'agua, que me disserão, segundo me parece, tinha 150 palmos de fundo, e donde haviam tirado todas as riquezas, mas que se não continuava por não haver meios de tirar as aguas, e por falta do ar para a respiração (que miséria!).

A Villa do Sabará está n'hum altura de 2300 pés sobre o nivel do mar, altura consideravel, mas, não obstante isso, estando ella situada, e rodeada de montes altos, o calor vem a ser bem forte, de modo que em 7 de Novembro de 1811 de manhã antes das 7 horas o Thermometro de Fahrenheit estava em 74.

Além da margem esquerda do Rio das Velhas corre outra cordilheira debaixo do nome de Serra do Curral d'El Rei, pelo S. Paulo, interrompida pelo Rio Parapeba, e corre depois debaixo do nome de Serra de Itaipaga até a Capitania de S. Paulo.

Esta cordilheira para Oeste he o paiz plano, com poucos altos, e baixos, dos quaes se elevão em algumas partes montes, e montes isolados, como o de Matheus Leme, e os montes de Pitangui. O Rio Parapeba na ponte das Almorreimas tem hum queda até o nivel do mar de 2205 pés. O Arroyal das Bicas está 3095 elevado: Matheus Leme 2475: A Villa de Pitangui 1985: Do alto da estrada sobre Pitangui, goza-se humas das melhores vistas, que se pôde ter diante: os olhos se estendem até não differenciar a terra da atmosphera, que está sobre ella: falto do extenso sertão do Rio de S. Francisco. Mais perto estão entre pequenas cordilheiras as bellas fazendas de S. Joânico, e Pompeo,

que de longe parecem amenos campos plantados, e rodeados de arvoredos e de fructos: e esta primeira vista me transportou á minha Patria.

A fantasia não fica porém muito tempo illudida; descendo-se para os Campos não se acha cousa, que se assemelhe a alguma cultura; pastos magros, e miseraveis arbustos, e de vez em quando meia duzia de cabeças de gado, que se encontra, he tudo o que se vê. Chamão a estas fazendas de crear, mas são tão grandes (como por ex. a do Pompeo, que tem 168 legoas quadradas) e em comparação tão limitada a creação, que não ha dez cabeças de gado para cada legoa quadrada.

Mas que bello paiz para a agricultura! que grandes povoaçoens não podião existir na vizinhança do navegavel Rio de S. Francisco! Este Rio encravou-se profundamente na extensa planicie, obra do seu antigo curso, que acompanha as suas margens, e cujo terreno consiste de hum chisto argiloso secundario, inormente ferruginoso, e que passa em muitas partes a argilla chistosa corada por diferentes grãos de oxidação. Na passagem do Rio de S. Francisco, deixando a Fazenda do Pompeo, a chei a sua queda até o mar 1:655 pés, altura pouco importante para hum curso de mais de 600 legoas até a sua embocadura, logo que se construío barcos proprios para isso, e que se providenciem os incommodos dos transportes por terra, motivados pelo grande salto de Paulo Alfonso. Hoje em dia, pobres, desgraçados pescadores, e valios são os moradores das margens deste rio, dos quaes os primeiros vivem miseravelmente do peixe, e do pequeno negocio do sal, que vão buscar nas salinas, e os outros, cujo numero he mui grande, e que de ordinario são matadores refugiados para estes sertões, vivem do furto do gado nas fazendas vizinhas.

Passado o Rio de S. Francisco, para a mar-

gem esquerda se entra na nova demarcação Diamantina do Serião do Indaia, que verdadeiramente não se pôde chamar serião, visto que já se acha muito pozada a margem direita do Indaia; a margem esquerda sim está ainda inteiramente despozada. Pequenas Cordilheiras acompanhão os rios Indaia, Borrachudo, Tiros, e Abaeté, que todos correm parallelamente, n'hum espaço de 14 legoas, para o Rio de S. Francisco, e que nascem da mais alta Cordilheira chamada — Matta da Corda. — Os Rios Indaia, e Abaeté, com pouco trabalho, e despezas, podem tornar-se navegaveis, tendo só a pequena queda de 300 a 350 pés até o Rio de S. Francisco. Este terreno diamantino se distingue muito do do Serro Frio. A perspectiva differe inteiramente: lá os montes são escabrosos; aqui arredondados: lá a terra em geral he esteril; aqui fructifera; lá abundão pedras arenosas, ou grés; aqui quasi tudo he Chisto argilloso; poucas vezes pedra arenosa forma algumas cabeças; e além do Abaeté acha-se a formação de pedra calcarea grega densa com o vieiro de galena, e boas esperanças de se formar aqui hum estabelecimento para fundir Chumbo, e extrahir-se a prata, que nelle se acha com bastante conta. São estas terras coroadas das mais bellas matas, e as margens do Abaeté dotadas dos melhores pastos. As florestas deste paiz, como na maior parte do Brasil, se distinguem muito das da Europa. Lá são mui simples, consistindo de Pinheiros, Sobreiros, ou Carvalhos inteiramente unidos segundo suas especies; aqui pelo contrario são as florestas mui compostas, de tal modo que n'hum espaço de poucas braças quadradas se encontrão cem arvores de diferentes especies.

Eis-aqui, hum esqueleto das terras da Capitania, por onde passei; e torno agora a fazer algumas reflexoens sobre a mineração do ouro, e da decadência das suas minas.

A apparencia do ouro nesta Capitania vem de baixo de diferentes fórmãs, ou em vieiros, ou camadas, ou empregando por toda a formação de montes auríferos, como principalmente a de huma argilla chistosa ferruginosa pouco endurecida, e nas terras de aluvião ou cascalho dos antigos, e presentes leitos dos rios. Ha mais de havi seculo, que muitos mil braços tem sido occupados em extrahillo, e o mineiro estrangeiro viajante, que vem a este paiz em justas esperanças de ver grandes minas para observar o interior das montanhas, de vêr methodos vantajosos de minerar, methodos para segurar a mineração para o futuro, engenhos bem applicados, perfeição da appuracão mechanica, e chimica do ouro; que espera ver veneraveis corporações de mineiros, que vão de madrugada para os seus trabalhos, alterando os lugares com os seus cansados camaradas, reconhecendo-se primeiro, debaixo da direcção do Mestre das minas, as suas almas a Deos, de tudo isto nada vê absolutamente; dehaide se procura por todas as partes. Vem-se montes arruinados; terras revolvidas; mortos cahidos, e para cahir; calhaos amontoados; agoas turvas, e rios aterrados; vê-se nas chamadas lavras, rebanhos de escravos meio nús, muitas vezes cheios de fome, debaixo da disciplina do hum Felitor encostado a hum formidavel chicote, e nas vizinhanças destas lavras poucos falcadores, que aproveitão o que as agoas da lavra com sigo levão; vêm-se os braços e a cabeça do negro applicado como unica maquina, dando-se-lhe huma pedra alavanca, hum almocafe, e hum carumbé, com que trabalha; vê-se de vez em quando hum pesado rotario, unico engenho para esgotar as agoas, que os mineiros do paiz conhecem; poucas vezes se vê hum perguicoso monjolo a soccar pedras, e mais raras são os engenhos de soccar com duas mãos.

Os vieiros em geral se podem dizer intactos;

a sua dureza os tem protegido. As canadas vêm-se mal tratadas, ou por pequenas minas mal dadas, que abtem logo, ou não cheias d'agua, ou nas quaes falta em pouco espaço a respiração; ou por trabalhos de talho aberto, ruita para todas as minas, e rios, que lhes ficia inferiores. O ouro empregnado nas formações de terras não se aproveita pela maior parte; os antigos leitos dos rios, vêm-se hoje repulados só a 100 palmos debaixo da terra novamente cobrida, e depositada dos demónios, por meio d'agua, nas terras mais elevadas. Vê-se fazer nas amarrações de hum modo para se lamentar: em hum se vê tudo o que se não esperava encontrar. Não se deve reconhecer a hum mineiro do paiz, mais do que hum trouador, que sempre na esperança de tirar hoje, ou amanhã grandes riquezas, não se lembra de regular a sua mineração, para que os filhos, ou netos possam trabalhar, e continuar com as mesmas vantagens. He afferrado aos seus antigos costumes, e nenhuma cousa o pôde dissuadir: — elle antes dará 200000 reis para hum escravo, que se arrisca a morrer a manhã, do que 20, ou 30 reis para hum engenho vil, que lhe poupe 10 escravos: — elle empregará antes meia duzia de escravos, para acarretar terra á cabeça, do que mandará fazer hum carrinho de mão, com o qual huma só pessoa conduziria de huma vez o que conduzem os 6, assim se vêm muitas outras cousas dignas de compaixão.

Reflectindo sobre todas estas cousas, nenhuma pessoa formada na sciencia montañística se admirará da decadencia das minas deste paiz. Os nacionaes dizem, por huma parte, que a falta de braços, carestia dos escravos, e por outra a falta de ouro, e a carestia do ferro, demandas sobre terras mineiras, pobreza, &c., são causas da decadencia das minas: tudo isto confesso terá alguma influencia nas diversas circumstancias, mas não he o principal

objecto. Na ignorancia dos mineiros, e na falta de leis montañísticas adequadas he que se deve procurar toda a origem da actual miseria. Minas ainda abunda em ouro, e poucos paizes haverão no mundo, que se possam comparar com ella, basta dizer que os mais pequenos corregios, nos quaes se acha ouro, e que foram mil vezes mechidos, e remechidos, ainda sustentão muitos pobres, que de hum modo mais material o aproveitão. Minas algum dia ha de florescer, ainda mais do que tem florecido; ha de dar ainda mais ouro do que tem dado, logo que seus trabalhos não sejam feitos por escravos; logo que o mineiro estude, tome por exemplo outras rações, introduzindo methodo regular, trabalhando nos vicios; seguindo as canadas; segurando as galerias, aproveitando as terras impregnadas; introduzindo, e applicando engenhos, e maquinas, e principalmente unindo-se em grandes sociedades mineiras, que devão trabalhar debaixo da Inspeccão Regia, como se tem adoptado em outros paizes; onde particulares as explorão, e a isto he preciso acco- dir em tempo, para se não perder tudo.

Muito mais do que levo dito terá a dizer, se me permittisse o tempo, e se não recessasse a minha re- zerva por tanto para outra occasião as mais reflexões, e concluo por agora asseverando que he este hum objecto assás digno da Real Attenção, e que sem duvida pôde cooperar muito para o lustre da Nação, e prosperidade do Estado. Villa Rica 1.º de Novembro de 1813.

G. B. d' E.

Essaio sobre algumas propriedades físicas de differentes madeiras. Pelo Tenente General Carlos Antonio Nodden.

OS Físicos, que sabem unir a Theorica á Practica, convêm unanimemente que em geral se devem contemplan as consequências, que se tirão das experiencias físicas, como aproximações do que he na realidade; mas convêm tambem que estas aproximações são preciosas para a practica; porque sem esta guia se não deixaria de cair em grandes erros.

He debaixo desta consideração, que me atrevo a apresentar as experiencias seguintes sobre a força, e outras propriedades físicas de diferentes madeiras, e a pezar de que esteja impossibilitado de as levar a hum mais alto grão de exactidão, espero com tudo que ellas poderão ser de humna utilidade real para toda a casta de Architectos, e Constructores.

Se se considera com effeito quantas circumstancias influem sobre as qualidades físicas da madeira, e quanto tempo, trabalho, e despeza custarão ao celebre Buffon as experiencias desta natureza, que elle fez sómente sobre a madeira de Carvalho, he preciso confessar, que resta muito a defficiar sobre as experiencias, que eu apresento de tanta, e tão diversas qualidades de madeiras, das quaes 12 são da Europa, e as outras 29 d'America; mas n este respeito farei tambem observar, que pouco Físicos na Europa se acharão em circumstancias tão favoraveis como Mr. de Buffon para emprenderem experiencias, conforme elle fez, sobre muitas madeiras; e alem d'isto, como a maior parte das madeiras, que eu experimentei nos vinhos do Brazil, e algumas do Norte, me vi aqui na impossibilidade de emprenderem procedimentos analogos aos que praticou Mr. de Buffon. Occupado porém na inspecção

das obras de hum Arceoaal, donde se trabalha continuamente em humna quantidade consideravel das ditas madeiras, era da minha obrigação examinar as suas qualidades físicas, tanto quanto as circumstancias mo permitião, e a pezar de que me não tenha sido possível alcançar todos os meios, e todas as noções necessarias para dar ás minhas experiencias hum maior grão d'exactidão, tenho com tudo conhecido em algumas, que ellas combinão com o que os operarios por humna dilatada practica tinhão observado sobre as qualidades de muitas especies de madeiras, e sobre as obras, a que as destinavão.

Humna das maiores duvidas, que podem ter sobre a utilidade destas experiencias, he a confusão, que reina na nomenclatura das madeiras, que vem do Brazil; por que, segundo me affundio, ora vem de varias Capitãtias madeiras diferentes debaixo do mesmo nome, ora se lhe applicão cá na Europa denominações diferentes das que tem n'America, e tambem a mesma madeira terá diferentes denominações em diversas Capitãtias, sem fallar das muitas variedades de madeiras, que ás vezes pertencem ao mesmo genero, e a que se dão diferentes nomes, ou que se não distinguem bem entre si; mas a isto respondo: que, a pezar de todas estas difficuldades, o que interessa directamente á practica he conhecer por ora as qualidades físicas das madeiras, que nos vem do Brazil, e do Norte, debaixo dos nomes triviaes, porque se distinguem nos Arceoaes, se são verdadeiros, ou falsos; alem d'isto, como nas minhas experiencias tenho examinado não só a resistencia relativa, mas tambem varias muitas outras propriedades físicas das mesmas madeiras, os Naturalistas poderão com o tempo, e com o soccorro destes caracteres, vir a descobrir se as madeiras, que eu examinei, tem as suas verdadeiras denominações, ou se será preciso mudallas. Em fim creio, que a pezar de todas estas objecções, não deve-

mas deixar de continuar as nossas indagações, sobre matérias, que temos entre mãos, e dos quaes he preciso servir-mo-nos communmente; e responder a todos os que exigirem huma maior exactão; *Si quid avortit rectus istis canibus imperii, si non his atere necum.*

Entre tanto o Coronel Carlos Julião, que tem feito hum estudo particular sobre as madeiras, o que possui huma rica collecção dellas, teve a bondade de prestar-se ás minhas instanciaes, e communicar-me algumas observaçoens interessantes a respeito de diversas madeiras, as quaes se acharão no fim desta memoria.

Nestas experienciaes me ajudarão tambem os Officiaes da Companhia d' Artifices, não só na execução dellas; mas tambem no calculo, e redução dos mappas.

Para melhor examinar, e comparar entre si os resultados, que obtive nas minhas experienciaes, aranjei-os todos em fórma de Mappa.

Na primeira columna do primeiro Mappa se indicão ás forças respectivas das madeiras; isto he o peso, que quebrarão os páos, postos em progressão crescente, e expressos em artoeis. A base de fractura destes páos era exactamente de huma pollegada em quadro, e a distancia entre os dois pontos, orale os ditos páos se apoiavao livremente, era de 33 pollegadas, e 7 linhas. Estes sarrafos erão cortados segundo, quanto foi possível, a direcção das fibras, e exactamente no meio se lhe punhão os pesos, marcando as flexas de curvatura como se vê na primeira figura, que não exige explicação alguma. Estas mesmas flexas do curvatura marcadas no momento de se quebrarem os ditos sarrafos fórão a segunda columna do primeiro Mappa.

A terceira encerra os pesos especificos de cada huma das madeiras examinadas com a balança hydros-

tatica. Nada omitti, que podesse contribuir para a possível exactão destas experienciaes. As balanças são muito sensiveis, e sempre me servi de agua destilada, estando o Thermometro de Reaumur entre 11 e 13 grãos acima do ponto da neve, que se derrete, e a altura do Barometro em 30 pollegadas Inglezas, pouco mais, ou menos.

Não sei se até agora tem havido alguma, que tenha feito experienciaes sobre a rigeza relativa das madeiras, a pezar de que este conhecimento possa muitas vezes ser util na pratica.

Na segunda figura MOP representa a maquina, de que me servi para achar a rigeza relativa das madeiras, que experimentei. He preciso que a grossura dos sarrafos *ed*, e a grossura da punção *z*, sejam reguladas de modo, que o maço de metal chumbado *A*, apoiado sobre o punção fique na posição horizontal.

O quadrante DCX pôde levantar-se, e abaixar-se á vontade, por meio do parafuzo *X*, para pôr sempre em zero o ponteiro *n* D, quando o seu braço mais curto *nd* se apoia sobre a parte inferior do braço do martello.

O mecanismo *z*, que sustenta por meio de huma molla o maço levantado, he construido de modo, que se pode fixar em diversas alturas por meio de hum forte parafuzo de compressão; e punção para si a molla, cabe o maço sobre o punção. He preciso por tanto ter a precaução de levantar antes o ponteiro *n* D na posição *n* C, com o parafuzo de compressão *z*, antes de deixar cair o dito maço. Depois de se fazer a immerção torna-se a abaixar o ponteiro, e marca-se os grãos, a que se eleva, e como estas immerções conicas estão entre si na mesma razão dos cabos dos seus lados homologos, e que os eixos destas immerções são representados pelos servos dos arcos indicados pelo ponteiro, segue-se que as alturas immerções se

não proporcionaes aos cubos destes mesmos senos, que tomados em proporção inversa representarão as durezas relativas das diferentes madeiras. He deste modo, que tem sido calculadas as ditas durezas relativas das madeiras da 4.^a columna, tendo-me servido das mesmas madeiras, que servirão nas experiências sobre a força e tendo fêto sobre as quatro faces lateraes de cada huma dellas huma immerção para tonar a media.

O Conhecimento da força com que os pregos estão pregados ás madeiras, em que se achão cravados, podendo servir tambem de alguma utilidade na practica, imaginei o aparelho ABCD, representado na figura 3.^a, por meio do qual se pôde arrancar hum prego, que esteja cravado na madeira Cn, servindo-se de pezos, que se vão pondo pouco a pouco em huma concha de balança E. A figura mostra o prego, de que me tenho servido em todas as experiências, e nas verdadeiras dimensões. O comprimento *ai* da parte do dito prego, que entrava na madeira, era de tres linhas, e a sua maior grossura na parte superior *a* era de huma linha, e tres pontos em quadro. Pela construção do mesmo prego, se vê que não podia entrar na madeira, senão pelo seu comprimento *ai*; e que a cabeça *ce* servia de preza para ser atirada pelo tenaz, e arrancado pelos pezos postos sobre a concha da balança E.

Os números da 5.^a columna exprimem em arreatos os pezos, que foi preciso pôr sobre a dita concha da balança, para arrancar o dito prego das diferentes madeiras experimentadas.

Para examinar se das minutas experiências sobre a força relativa das madeiras se podião tirar consequências applicaveis na practica a madeiras de maiores dimensões, fiz a experiencia sobre duas vigotas de pinho da terra de 5 $\frac{1}{4}$ pollegadas em quadro, livremente sustentadas em dois pontos de apoio, que

se achavão na distancia de 19 palmos exactos entre si. Por meio destes dados, e do resultado da experiencia N.^o 4, servindo-me da fórmula tirada da hypothese de Galileo (1), e de Leibnitz, achei pelo calculo, que as ditas vigotas devião suportar no meio do seu comprimento o pezo de 7035 libras; e procedendo a fazer a experiencia achei, que huma destas vigotas levou o pezo de 7038 libras e a outra de 6805 ditas antes de se quebrarem; de modo, que, tomando a media destas differenças, as sobreditas vigotas supportarão 914 libras menos do que dá o calculo, differença que não chega a $\frac{1}{2}$ do pezo, que as mesmas vigotas deverião levar; mas se se considerar que he muito difficultozo achar pães das ditas dimensões, que não tenham alguns defeitos, e que pelo contrario para fazer as experiências em pequeno, se escolherão sempre com mais facilidade sarrafos de alguma madeira *tr*, e mais bem cortada, segundo a direcção longitudinal das fibras; se se considerarem, torno a dizer, todas estas circumstancias, não devem admirar estas differenças para menos, tanto mais, que no calculo fiz abstracção do pezo das mesmas vigotas.

As differenças achadas entre os pezos, que da Vz o calculo e os que quebrarão as vigotas nas experiências, que Mr. de Buffon fez em pães de 6 pollegadas em quadro, e de 12 a 14 pés de comprimento, não foram menores das que eu achei acima; contudo o Author do 1.^o Volume da Architectura da Encyclopedía Methodica diz a este respeito, que „ Como nas obras de Carpintaria huma viga não deve nunca sustentar mais do terço do pezo, que he preciso para a quebrar, resulta que

m

(1) Veja-se a elegante demonstração desta fórmula na excellente obra de Mr. Girard intitulada *Traité Analytique de la Résistance des solides, et des lois d'égalité de réliténce*, Paris 1798 pag. 10.

o calculo se pôde seguir rigorosamente em todos os casos ,, (1).

Comparando os numeros da 1.^a Columna do 1.^o mappa com os da 3.^a columna, ver-se-ha que em geral se pôde dizer, que a força relativa das madeiras vai crescendo como os pesos especificos, apezar de algumas exceções, que alli se observão, as quaes podem nascer as mais das vezes da disposição das fibras: confrontando v. g. a força do sobre com o seu peso especifico, se pôde deduzir, que a sua força he muito menor do que deveria ser; mas se se der attenção a que as fibras desta madeira são muito entrelaçadas, ver-se-ha a razão por que não pôde supportar maior peso.

A respeito do grão de elasticidade dos sarrafos de madeira se vê que não tem alguma analogia, (2) nem com a força, nem com o peso especifico destas mesmas madeiras; e os que quizerem achar a maior extensão de que são susceptíveis as fibras de cada huma das sobre-ditas madeiras experimentadas, pode-

ão servir-se da formula $b = \sqrt{f^2 (r+1)^2 - f^2}$ dada pelo doutor (3) Mr. Girard, onde a quantidade f indica o comprimento das fibras; r a sua maior extensão, e b a flecha de curvatura, observada nestas experiencias.

Examinando a columna dos pesos especificos se vê, que os das madeiras do Brazil são geralmente maiores que os das madeiras da Europa, e que muitos excedem o peso especifico da agua. Qual he pois a razão deste phenomeno? Certamente não he só o clima; porque muitas madeiras das Regiões Sep-

(1) Veja-se a Encyc. M. Architecture — Art. bois Tom. 1 pag. 294. Edic. de Liege.

(2) Isto deve provir de não terem a elasticidade proporcional á compressibilidade.

(3) No mesmo Tratado citado acima.

entrionizes da America tem a mesma propriedade, como se pôde ver nos mappas dos pesos especificos, feitos por muitos Fysicos, e principalmente nos de Mussembroek, e de Brisson. He verdade, que Mr. de Buffon dá o peso especifico do carvalho maior que o da agua; mas he preciso observar, que este Author fez as suas experiencias sobre a madeira de carvalho ainda verde, como elle mesmo diz. He por tanto hum erro, que tem feito muitos Fysicos, e Mussembroek mesmo, de attribuir á madeira de carvalho hum peso especifico tambão, sem notarem, que isto se entende quando ella não está seca.

Por outras experiencias feitas em França (1) se achou que o peso especifico da madeira de carvalho secca está para o da agua 1:0,857:1,000, e pelas que se fizeram no Arsenal de Tutin (2) o seu maior peso especifico foi 1:0,912:1,000.

No 2.^o mappa arizajei na 1.^a columna as durezas relativas das madeiras em progressão, e vê-se que esta concorda pouco mais, ou menos com a dos pesos especificos, e tambem de alguma modo com a adhesão relativa dos pregos.

Parece-me em fim admiravel, que hum prego com tão pequenas dimensões, possa pregar-se em tantas madeiras com tamanha força.

Pela grande dureza, e resistencia, de que em geral são dotadas as madeiras do Brazil, se lhes deve dar sem duvida a preferença em muitos casos ás madeiras da Europa; mas comtudo he preciso considerar que estas não são ordinariamente tão vidracentas, nem tão pezadas como as do Brazil; circunstancias, que algumas vezes fazem com que se preferão para varias obras ás madeiras da Europa.

m ii

(1) Aide Memoire a l'usage des Off. d'Art. T. 2 pag. 666.

(2) Antoni Instit. Fysico-Mec. T. 2.^o pag. 440.

Observações feitas pelo Coronel Carlos Julião, 1792
sobre algumas madeiras do Brazil.

N.º 5. Oleo Amarello.

O Oleo amarello, he humna arvore, que se acha em quasi todos os districtos da nossa America. O Oleo Caporaiba, e da Cupahiba com as variedades de Vermelho, Branco, Pardo, Macho, e Oleo Femea, que he a Cupiba. O Oleo amarello da Cupahiba dá troncos de 80 palmos de alto, com 5 ditos de diametro, e he humna das melhores madeiras para qualquer obra, por ser incorruptivel, e muito oleoso. Os Arsenaes fazem della hum grande consumo, serve no da Marinha para mistros, madres de lemas, vãos, pranchões, e mais obras do mar; e no do Exército para maquinas, engenbos, reparos de Artilheria, coronhas de armas, e obras de carros. Serve nos edificios para vigas, portas, freches, e mais obras de cazas, e de Igrejas. Na marcenaria serve para moveis preciosos, por ser bonito, receber bom polimento, e ser de muita durção.

N.º 7. Mangue Bravo.

Do Mangue Bravo os synonymos são Mangue Guaperambo, e Guaparaiiba. As variedades do Mangue são Mangue Sereibuno, ou Ceribuna, ou Ceriba, estes tres não crescem muito. Ha o Mangue Vermelho, o Capateiro, o Branco, o Bastardo, e o do Brejo; estes crescem a grande altura, assim como o Mangue Bravo, que chega a 90 palmos de altura com 5 de diametro; e serve para taboados, Vigas, Caibros, páos apique, e de prumo, pernas de machado, e cabos de ferramentas &c.

N.º 10. Triptapes.

Do Carvalho do Norte, ou Triptapes, ou Bordo do Hamel, se distinguem 23 variedades. A America Septentrional distingue 17, de que se servem os Naturaes na construcção dos seus Navios, e para estacarias. Ha Carvalhos na nossa America, que dão troncos de 40 palmos, e mais, com 4 de diametro. Ha o Cuticahem vermelho na nossa America, a que dão o nome de Carvalho, e he boa madeira.

N.º 12. Cupiba.

A madeira de Cupiba he humna das variedades do páo de oleo de Cupahiba, *veja-se oleo amarello*. He ao que chamão oleo femea, ou Copiba. Cresce á altura de 60 palmos, com 3 de diametro; ha na Bahia grande abundancia desta madeira, e he mais macia no lavar, que a do oleo amarello, mas he suscita ao caruncho, e por isso os naturaes a empregão só em taboados inferiores, e caixas para assucar.

N.º 13. Vinhatico.

O Vinhatico he humna arvore, que se acha em quasi todos os districtos da nossa America; e em alguns lhe dão o nome de Subigambuga, e em outros Aranhagato. Ha humna qualidade de vinhatico bravo, a que dão o nome de cacundá. O vinhatico he das maiores arvores do Brazil. Na Bahia se tem achado destas arvores de 100 palmos de circumferencia; mas ordinariamente são ocaes por dentro. O vinhatico he incorruptivel dentro, e fora d'agua, e a sua madeira differê conforme as especies, e o clima onde cresce, porém sobre todos os vinhaticos o melhor he o do Pará, que he sem duvida menos porozo, mais pezado, e muito oleoso, de cor de ocre. Dá taboados de extraordinaria largura. O Vi-

nhatico tem grande consumo nos Arsenaes, para a construcção dos reparos de Artilheria, e immensas obras semelhantes. No Brazil se servem do Vinhatico para canoas de hum só pedaço, serve para obras de mar, de cazas, e de marcenheiro. O Vinhatico das Ilhas he mais claro, e he das melhores madeiras para moiteira de cazas. Ha Vinhatico Amarello, Preto, Vermelho, e Bravo.

N.º 14. *Curandirana.*

A Curandirana, ou Gorandirana, he arvore da Bahia, que cresce pouco, e de que no Brazil não ha grande quantidade: a sua madeira he muito revesca, e por estas razoes he que julgo que se não faz grande uzo della.

N.º 15. *Murta.*

A Murta he arvore, que se acha em alguns districtos do Rio de Janeiro, e principalmente no Para. Varia esta madeira no tamanho, cor, e consistencia, conforme o clima: ás maiores chegam a 20 palmos de alto, com dois de diametro na parte superior do tronco; o póro he muito fechado, e fecha bem o polimento. Serve para obras de marcenheiro; mas tem o defeito de não ser de muita duração; e serve tambem para vigas, frechacs, e cabos de ferramentas, e mais obras de cazas. A Murta brava pouco differe da precedente.

N.º 18. *Pequim*

O Pequim, ou Pequi, ou Piqui, he arvore muito grande, que cresce em varias partes da nossa America. As variedades são o Pequim Amarello, e Branco, o Vermelho, o Preto, e o Meris; o seu tronco chega a 80, e mais palmos de alto;

com a 8 de diametro, e tem grande uzo nos Arsenaes. No da Marinha para construcções dos Navios, para curvas, chaves, taboado e madeiras de costado, e seus esgalhos para cavernas, e no do Exercito para falcas pinas, &c.

N.º 19. *Louro.*

O Louro he madeira, que tem immensas variedades. Deixaremos os muitos Louros do nosso continente, de que a maior parte são os arbustos: os que tem maior uzo nos Arsenaes são os da nossa America; assim como o Louro amarello, o branco, o preto, e o pardo, a que dão o nome de Louronil, que he de grande elevação. Ha Louro macho, Inhabiba, Inga, Giboia, de Cheiro, Batata, o Louro Salsafra, Barruga, Canella, e Louro Sabão. A maior parte destas variedades dão troncos muito grandes, e a sua madeira he muito macia, e facil de lavar, leve, e na sua qualidade não desmerece do vinhatico; e delles se faz muito uso nos Arsenaes. No da Marinha para bastros, e vergas por ser muito grande e leve, e não quebrat facilmente. Da excellente taboado para fornos, barrotes, e linhas de cazas, e serve tambem para adoclas dos tonacs, e pipas, e remedea para remos. Ha Louro na Ilha da Madeira com igual prestimo.

N.º 20. *Caroba Vermelha.*

A Caroba Vermelha he arvore do Rio de Janeiro, que o seu tronco cresce 20 palmos com 1 de diametro, he ordinariamente porosa, e leve, e de pouca estimação. A que se experimentou he da Bahia, que achei hum tanto melhor, porém ignoço o seu prestimo nos Arsenaes.

N.º 21. *Landim.*

O Landim, ou Landy, he arvore de Santa Catharina: a sua madeira chega a 40 palmos de alto com 2 1/2 de diametro na parte superior do tronco. Os Natraes se servem della para mastros de embarcações pequenas, vigas, caixas para asucar, canoas, e aduellas.

N.º 23. *Paroba.*

A Paroba, ou Uperoba, he huma das melhores madeiras, que se conhecem para toda a qualidade de obras; he muito macia no trabalhar, e se acha com abundancia, e facilidade em quasi todos os districtos do nosso Brazil. As variedades são Paroba amarella, amargosa, branca, miri, e a paroba vermelha; esta ultima dá troncos de 30 palmos de alto, com 3 de diametro, as mais parobas crescem de 16 palmos para cima conforme o terreno. Serve na construção das Naões em taboas de costado, cobertas, e forros dos Navios, e para muitas obras do mar. No Arsenal do Exercito tambem se faz grande consumo desta madeira, porque he empregada nos engenhos, maquinas, falcas dos reparos d'Artilheria, e obras de carros. Serve nos edificios para costoeiras, vigas, pranchões, esteios, e mais obras de casaz, e até serve para adoellas de seco, e de molhado.

N.º 24. *Araçá Pirica.*

O Araçá Pirica he arvore, que se acha em quasi todos os districtos do nosso Brazil, de que ha muitas variedades. Ha o araçá do campo, araçá das grandes, miri, do mato, o araçá peri, e o da praia. Os maiores troncos d'Araçá são de 30 a 40 palmos de alto, com 2 de diametro, mas a

maior parte são mais pequenos. He madeira, que tem o poro muito fechado, e serve para mastros d'embarcações pequenas, estacarias, cabos de ferramentas, caibros, frechas, pernas de machados, e mais madeiramentos de casaz.

N.º 25. *Mongas.*

Desta madeira já se fez menção. Veja-se a seguinte experiencia do Mangue bravo.

N.º 26. *Pão Ferro.*

Ao Pão ferro nos nossos Brazils dão o nome de Ibracta, e Antenilha, e ha muita quantidade de madeiras, a que chamão pão ferro, que todas differem na cor, e peso, e algumas são tão leves, que se ignora a razão de lhes chamarem pão ferro; porém quasi todas as qualidades tem pouco uso; porque apesar da sua dureza he muito sujeito ao caruncho, e fica sendo pouco duravel. Ha porém huma qualidade de pão ferro, que he parvo escuro na cor, e tão pezado, que vai ao fundo d'agua, e de que os Chinas se servem para ancoras das suas embarcações, e este nos vem do Rio de Janeiro, do Districto de Guaratiba. Dá o seu tronco de 50 palmos, e mais de alto, com 2 1/2 de diametro, e he o mais pezado. Serve para laucias de levantar, pontes, vigas, frechas, linhas de casaz, e carretas d'Artilheria, e serve na construção dos navios para algumas peças.

N.º 27. *Gondaru.*

O Gondaru, ou Gondaru, he madeira fina, que serve para moveis de casaz, e obras delicadas de marcenaria.

O Roxo he madeira, de que ha varias especies diferentes, ha roxo urubu, e barubu; estas são as de que se faz maior uzo nos Arceaes, das quaes o tronco cresce a altura de 45 palmos, e mais, com 3 de diametro na parte superior. Estas madeiras nos vem da Paraíba, da Bahia, e do Rio de Janeiro, e servem na construcção das náos, para Gintas, vaos, e outras peças semilhamtes, e tambem para rodas de reparos d'Artilheria, varaes, &c., e verga bem; serve em toda a ordem de edificios para vigas, frechaes, &c., os mais roxos são madeiras 'fitas', como o que nos vem do Pará, chamado roxo fino, que he empregado em obras delicadas de marcenaria, porque recebe hum brilhante polimento.

N.º 29. Espinheiro.

O Espinheiro, a que algumas especies dão o nome de Jauba, de Tapagiba, e de Tauba, em quasi todos os districtos da nossa America o ha amarello, branco, e bravo. O espinheiro amarello cresce a altura de 70 palmos, com 3 de diametro, e he excellente madeira para a construcção das náos, e para 'fiteas' de reparos d'Artilheria, obras de engenhos, ferramentas miudas de carpinteiros, e para qualquer obra de marcenaria.

N.º 30. Angelim.

O Angelim tem por synonymos, *Andirá*, *Andurabehari*, e so Angelim amargoso chamão *Aracay*. O Angelim he arvore muito grande, que se achta na maior parte dos Districtos da nossa America, que differo no seu tamanho, e forças, conforme as especies. As variedades são numerosas, porque ha o Angelim amarello, o urarema chamado

do coco, que he dos maiores, e dos mais fortes, e se emprega na construcção, para cavername, e taboados grandes de costado. He o Angelim verdadeiro, o verdadeiro, e que tem maior uso para os reparos d'artilheiro, e principalmente para raios de rodas. Ha o Angelim pintado, e Angelinnema, o Angelim branco do Pará, que cresce muito, e que serve aos naturaes para canoas. Ha o Angelim do campo, o pardo, que cresce pouco. Ha o Angelim pedra, o roxo, e o Angelim de tentos. Servem os Angelins para muitas obras nos Arceaes, e para edificios, por ser madeira de muita duração.

N.º 31. Secupira.

A Secupira tem os synonymos *Sipipira*, *Sepeira*, *Secupira*, *Supipira*, as suas variedades são Secupira amarella, Acari, branca, do brejo, menor, parda, da praia, preta, e Secupira após da horta. Ha tambem a Secupirana, e Secupirana, e ainda que algumas variedades destas cheguem a 80 palmos de alto, a maior parte não passão de 20 até 40; porém quasi todas são corpulentas, e algumas com o diametro de 5 palmos. He a Secupira a melhor madeira, que se tem descoberto, para a construcção das náos, por soffrer bem a pregadura, ser tenaz, e incorruptivel n'agua, e serve para cavernames, curvas, chaves, taboados, e madeiras de corado; a Secupira de miri da Parnaíba he das melhores madeiras, para a Architectura naval, por ser forte, rija, limpa, geltoza, e oleosa, e de maior duração do que as mais; no Arsenal do Exercito serve para cabos do rodame, caretus d'Artilheria, &c. serve tambem para obras de cazas, vigas, frechaes, esteios, &c.

N.º 32. *Morerega*.

A *Morerega* dão-lhe os nomes de *Muserengua* e *Malerenga*; he arvore da Bahia, da qual a sua madeira he excellente, para obras de marcenaria.

N.º 33. *Rabuge*.

A *Rabuge* he huma madeira, de que se acha tão grande e diversa quantidade, que faz julgar que he nome generico, que varios carpinteiros dão a algumas madeiras revessas, e difíceis de lavar, das quaes lhe não sabem os nomes. do Brazil não tenho recebido nenhuma com similhante nome, e tendo examinado isto, parece-me, que a maior parte são os *Jacarandátara*, ou *cabovento*, com tudo he madeira, que tem consumo nos Arsenaes pelas suas qualidades, principalmente na construção das nãos.

N.º 34. *Itapicuru*.

O *Itapicuru*, ou *Itapicura*, ou *Tapicura*, ou *Tapicuru*, he arvore de Pernambuco, cuja madeira he excellente para obras de marceneiros, porque recebe hum bom polimento, e se não tora hum tanto porosa podia passar por madeira fina: ignoro o seu prestimo nos arsenaes.

N.º 35. *Pão da Rainha*.

O *Pão da Rainha*, ou *Madeira da Rainha*, a que os Naturaes dão o nome de *Itirápitanga*, ou *Brazilite*, cresce a altura de 40 até 60 palmos, com 2 $\frac{1}{2}$ de diametro, distinguem-se as suas variedades por branco, preto, macho, e femea; a sua madeira he fina, mas ainda que seja huma das melhores, e mais bonitas madeiras para marcenaria, como he cara, fica reservada para tinta.

N.º 36. *Arco Verde*.

O *Arco Verde* he arvore, que se acha na maior parte dos Districtos do nosso Brazil, onde lhe dão diferentes nomes, conforme o lugar, o mais commum he *Ipe*, e em alguns districtos *Guirapariba*, *Urupari*, e *Talajupoca*, no Maranhão *Pimba*, e *Arapari*, no districto da Villa da Laguna *Upeuna*, ou *arco de pipa*: dão o nome de *Ape*, *Assu*, e ao arco de pipa preto *Mariquinia*; as suas variedades são immensas, porque, além do arco verde, ha o arco azu, de que ha troncos de 80 a 90 palmos de alto, com 3, e mais de diametro, ha arco de flor amarella, de flor felpuda, o arco do brejo *Miri*, do campo, de capoeira, arco molle, roxo, grande, &c., de que todas differem no seu tamanho, e consistencia, mas geralmente he constante ser huma das mais singulares, e das melhores madeiras do nosso Brazil, tanto pela sua duração, por não ser sujeita a caruncho, como pela resistencia, de que se faz hum grande consumo nos Arsenaes, principalmente no da marinha, onde he empregada nas quilhas, cadastes, mastros, vergas, taboas de costado, rodas de poleame, &c., e no do Exercito em toda a qualidade de engenhos, maquinas, carrus de campanha, varaes, e eixos, reparos d'Artilheria, raios do rodame &c. nas obras de caça serve para vigas, frechaes, esteios, caibros, pernas de machados, páos a pique &c., e até he procurado para varas de lagares, em huma palavra serve para todas as obras, até onde chega o seu cumprimento, e grossura.

MAPPA 1.º

N.º	Nomes trijuiza das Madeiras.	Força das Madeiras.	Elasticidade.	Peso Especifico.	Dureza.	Força dos Pregos.	Observações.
1	Amendo.	220 ½	24	0,537	3,715	41,13	Das Rivas.
2	Subro.	224 ½	20	0,809	1,600	76,43	
3	Pinho de Riga (entre casca.)	236 ½	24	0,420	5,689	14,13	He o Sapin femelle dos Fran.
4	Dito da Terra.	237 ½	23	0,569	4,065	25,13	Pinheiro Bravo. (cezes.
5	Oleo Amarello.	241 ½	14	0,690	1,888	63,13	
6	Pinho da Pederneira.	251 ½	28	0,657	3,192	29, 9	Do Pinhal de Leiria.
7	Mangue Bravo.	280 ½	22	0,803	1,784	66,13	
8	Ulmo.	286 ½	20	0,665	2,094	60, 1	De São Verão.
9	Castanho.	286 ½	25	0,617	3,084	50, 9	
10	Triptrapes.	288 ½	26	0,512	2,999	50, 5	Especie de Carvalho do Norte.
11	Pinho de Riga.	310 ½	16	0,573	4,153	26, 5	He o Sapin Male dos Fran- cezes.
12	Cupiba.	312 ½	20	0,330	4,293	33, 5	
13	Vinhatico.	316 ½	27	0,672	3,044	51,13	
14	Gurandirana.	320 ½	20	0,690	2,955	52,12	
15	Freixo.	326 ½	40	0,823	1,385	70, 5	
16	Morta.	338 ½	29	0,740	1,280	77,13	
17	Faixa do Norte.	349 ½	26	0,707	2,468	54,13	
18	Pequim.	350 ½	27	0,822	1,407	29, 5	
19	Louro.	386 ½	29	0,960	1,342	73,13	
20	Caroba Vermelha.	386 ½	13	0,941	1,332	88,13	
21	Landim.	407 ½	22	0,892	1,280	90,13	
22	Nogueira.	412 ½	30	0,695			
23	Paroba.	424 ½	28	0,780	1,697	66, 5	
24	Araçá Piroca.	443 ½	17	0,988	0,642	91,13	
25	Mangue.	470 ½	31	0,926	1,301	76, 5	
26	Pão ferro.	470 ½	21	0,911	0,880	97, 9	
27	Gandara.	472 ½	19	1,108	0,617	129,13	
28	Roxo.	480 ½	25	0,981	0,630	86,13	
29	Espinheiro.	484 ½	18	0,846	1,396	70,13	
30	Agelim.	489 ½	22	1,119	0,803	98, 1	
31	Secupira.	541 ½	19	0,903	1,114	79, 9	
32	Morereanga.	568 ½	17	1,076	0,897	112,13	
33	Rabuge.	605 ½	24	1,166	0,659	93, 5	
34	Itapicuro.	610 ½	23	1,263	0,370		
35	Pão da Rainha.	784 ½	26	1,040	0,975	134, 2	
36	Arco Verde.	808 ½	22	1,215	0,623	109,13	

MAPPA 2.º

He o mesmo que o precedente, tendo na 3.ª caza a Dureza; na 4.ª a Elasticidade; na 5.ª a Força das Madeiras; na 6.ª o Peso Especifico; na 7.ª a Força dos pregos.

(103.)

LITTERATURA.

*Epistola a Sua Alteza Real o Principe Regente
Nosso Senhor. Por Alfena Cymbio.*

COMO em teus hombros validos sustentas,
 Pai da Patria, João, o Luso Athlante,
 O pezo desta vasta Monarquia:
 E com providas leis, castos exemplos
 Em paz, e sãos costumes, nos mantenas:
 Contra o publico bem cu peccatia,
 Se com longo discurso nauseante
 Te consumisise o tempo precioso,
 Em que vais a fazer algum ditoso.
 Graças te damos, Principe excellente,
 Fructo egregio do Ceo abençoado,
 De arvore em mil virtudes florecente:
 Graças te dá o povo ajoelhado,
 As pias mãos a Jehovah erguendo,
 E alvorçadas lagrimas vertendo
 Pelos grandes perénnes beneficios,
 Mil e mil bens, que com a mão profusa,
 Senhor, contornas sobre a gente Lusa.
 Os dotes da tua alma singulares,
 Justiça imparcial, sabia clemencia,
 Alto aviso, sollicita prudencia
 Que para nosso bem véla continuo,
 Há muito, amado Principe, te fazem,
 Mais que o sangue Real, do throno dino.
 Onde seguindo de José o rasto,
 De inextinguível luz, como Elle brilhas
 Na esfera da honra venturosa estrella,
 Accessa pela mão da vera Gloria,
 Cantada pelas filhas da memoria.
 Mal soltas a lucifera carreira,
 Alegrou-se o gentil merecimento,
 E c'rouse de fausta amendoeira.

Surge a Sciência, e prospera vejeia,
Abroilhada de flores cento e cento.
Emmurchescê o fatio pedantimo
Co'a folluda ignorância: a veiga inveja
As serpes arrepella da cabeça;
Em vão brantindo, ao ar as arremesta.

Deikemo-la raivar debalde. Em tanto
Conspicuo a tua orbita descreves,
Dissipando efficaz do Ceo sublime (1)
Com os teus rastos o nublado manto,
Em que se envolve o multiforme crime.
Seu hedondo vulto amostra ás claras;
E com o teu influxo em toda a parte
Brotão contra elle armingeras scarat.
Graças aos teus desvelos! já seguro
O Cidadão pacifico vagueia;
E as nocturnas rapinas mais não teme.
Nem a calçaia lubrica tenticia (2)

(1) Allude ao saudavel Decreto de 10 de Dezembro de 1801, da creação das Guardas Reaes da Policia, com o qual se obviou á desordem e perturbação, em que se achava esta Capital, por causa do enxame de ladroens, e assassinos, que mais e mais grassava: instaurado-se pelo sobredito Decreto o sociego publico, de maneira que não tem que invejar presentemente ás Cidades mais bem policiadas. Providencia esta, que por si só (a não haver outras muitas dignas da nossa gratidão) bastava para immortalizar a Regencia do Nosso Augusto Principe.

(2) Como para se conseguirem os fins, que se propoz n'aquelle nunca assaz louvado Decreto, se fizesse indispensavel a concurrencia dos meios, que facilitassem a sua execução; Sua Alteza Real acompanhou immediatamente a sua publicação com duas efficacissimas Providencias, a illumination, e a limpeza geral da Cidade: impondo de huma vez

Debaixo de medonha escuridade.

A pudica donzella e a casta esposa (1),
Por cumprir co'os officios de amizade,
Ou com pio dever Religioso,
Com o cizudo Pai e o novo ao lado,
Dos insultos brutos caminha forta
De lascivo maneio dissoluto.

Já o nivo da morte não escuto, (2)
Que de horror me estremece e magoa interna,
Que ressoa na lobrega taverna,
Ou no vil lapanar do triste exangue

silencio ás motas e dietorios dos estrangeiros a este respeito, e restaurando a moderna formosura, e nativa salubridade da Capital.

(1) Não se pôde exprimir o auge de devassidão de costumes, a que chegara a mocidade desta Capital, pois não admente de noite affrontavo com gracetas licenciosas, e ainda ás vezes enrovalhão com accens de mais brutal sensualidade, a Donzella sizada, e a Matrona honrada, até na presença de seu Pai, e Consorte; mas tambem de dia nos Templos, e respectiva adros, insultava com as mesmas profanidades e torpezas, desmascando com mais escandalo aquella portão da Milicia, que se diz nobre, a quem consequentemente incumbia o generoso dever, e pelo sangue, e pelo profisso, de proteger e honrar a imagem delicadissima de hum sexo amavel. Graças ao Nosso Augusto Principe, que se vai d'entre nós extinguindo esta peste da devocia publica, que tanto importa aos Estados, que se conserve illesa e intemerata.

(2) Igualmente se deve á sacra disciplina daquelle Corpo, e á vigilancia do seu Chefe, o desapparecerem as scenas horrorosas, que tão frequentes erão, de ferimentos e mortas nas prostridulos, e hiancicos cordidos de Bacho, e de armas curtas perpetrados.

Sobre o chão revolvendo-se em seu sangue,
 Que murmureando aos borbotões lhe mana
 Do roto peito, ou do cretado ventre,
 Por iniana punhal, traidora chôpa,
 Longe de nós: João assim o ordena,
 Longe de nós te affasta, horrenda scena.
 Assim o grande Alcides emulando,
 E da Asia o domador invicto Bacho,
 Principe exímio, sempre decantando
 Pelas Rainhas do Hebeon o paço;
 Em Iyra de outro, em Apollíneo verso,
 A Capital de monstros purificas,
 Como elles expugnerio o Universo,
 Donde alcanção quelle inclito nome,
 Que ao tempo escapa, e á sua voz fôrme.

Mas inda fulminar te resta hum monstro,
 Parto do Averno, horror da Natureza,
 Que as Hydras, e os Pythons venes em veneno,
 D'Atreia o templo enchendo de torpeza,
 Que voou co' a balança ao Céo sereno,
 Eu fallo de Centiceps trapaça,
 Olha como animadissima fêta rapa:
 A cega peira, o lubico suborno,
 Com a adherencia de impeto roupenço,
 Tortuosa caudinea serpentina,
 A mentis versatil e impudente,
 A prevaricação venal, traidora,
 A vil cavillação crocodellina;
 Co' a servil ambíção devoradora!
 Cem e cem fraudes de hediondo vulto,
 Que á propriedade fazem crebro insulto,
 Soete o seu pedestal jamais constante,
 Mas fugitiva sempre, e sempre errante.
 Ah! que nas garras das cruas harpias
 Vejo empolgada á milia aviz herdade,
 No seio da frondifera Rachiollus,
 Resto das foldas dos Gigantes montes,
 Os vicios pomares de aureas frutias;

As crystallinas e perentias fontes,
 Sombreadas de tremolos ulmeiros,
 E os redondos floridos ararifes,
 Que nas suas activas verdes grutas
 Acolhem a sonora variedade
 Dos doces rouxinões, rolas gementes,
 Quando as fêmeas nos vischos vam jazerias,
 Oh! parte de minha alma nasdosa,
 Do meu sensível coração delicias!
 Enquanto me surtibo sorte ditosa,
 Vos vistes inda infante o Vito Alfeno,
 Fagando grato as pateracac caricias:
 Manso e manso sulcando-se dos braços,
 Estampar sobre o rustico terreno
 Os seus primeiros vacillantes passos!
 Vós depois vistes, mal em seu cambalão
 A juvenil lanugem lhe apontava,
 Febo (por vos paspondo a Iyra uadente
 Do Permesia mordaz, da feresca Tempo
 Os fragrantés vergéis deliciosos,
 E os auritos loureiros do arado Pindo)
 Nos seus misterios Febo inclito
 E ao seu virgineo coro presentando

Thalia enixa, egracial-lada a consa
 De madreiliva, pompa das floristas,
 Da flor do endro, que exhalta doce aroma
 Campainhas azues, e da atencua,
 Aos labios lhe applicou a tange avoa,
 Com que out' ora o Pastoz do Sauto Muteo,
 Resonando entre baxos arcedos,
 A corrente enfreou co' os seus accentos
 Fez as azas fechar aos raudos ventos,
 Nella a Deosa lhe adreza os rudos dedos
 E para elle plangendo hum vulto foute,
 Lhe entornou na risonha fistula
 O seu campestre armonico theatro,
 Dos hederosos troncos vem subindo
 Das musgosas caetras gotejantes

As Dryades e os Saryns estantes,
 Leves danças em torão delle urdindo,
 Deos seus sons podem Nymphas e Pastores,
 As abelhas não também entre as florestas,
 Té se em antolha do vinho bosque,
 Que do adunco nãta a Paucilla
 A colera severa, quando o ovvia,
 Vós o visteis então, que do regaço
 Da Irmã ao sen Calliope divina
 O trasladava, e a fruta campesina
 Trocando pela lira altisonante,
 A virtude e Heroisdo consagrada,
 As cordas d'ouro a lerte o ensina
 Co' eburco arco, e o espirito anelante
 De gloria não vulgar, ardido voa
 Pela estrellada Olympica morada,
 Oide com panno escuta, como entoa
 Os hymnes immortaes perante Jove,
 A Musa augusta, que as Esferas move,
 Inscolla armonia ávido bebe:
 E ufano ouve que os Deoses soberanos
 Ora encantados à nectarea meza,
 Ora votando no Concilio aguto,
 Sobre a futura sorte dos humanos,
 Entre si voar fazem alternados
 Os numerosos sons articulados,
 Que o estro ardente por mandra ignota
 Por entre os setis mehilhos labios brota.
 Oh! bosques paternaes, cu vos saudo,
 Amenas hortas, laranjeas formosas,
 Propicuos renascentes limocros:
 Vós n'outro tempo matos espinhosos,
 E cascalho infeliz, brejos lodosos,
 A's puras mãos de meus Avós devestes
 O sacros hoja hospícios sussurrantes
 Do almo Vertumno, de Pomona e Bacho,
 Vós lhes deveis as lymfas murmurantes,
 Em cuja riba os lassos camulhantes

Cozão do choupeiral o fresco oppo,
 E sobre a relva entre as nativas flores
 Os seus galbos restello os Pastores,
 Ou folgo de mater a sede ardente
 Na crespa veia da sadia fonte.
 Vós lhe deveis também a firma ponte,
 Que sobreposta ao charco impervio sea
 Co' as ferreas unhas dos ranceiros bois,
 E co' o chianre carro, que o ar atoa,
 De nada vos valeu o inaccessible
 Forte abrigo Real, que a sece despejo
 Por untre elle se escoa o monstro horrivel;
 Quando hum tempo presentes vos honrao
 E a par do tanque em roda furecente
 Vossas lymfas e fructos já gosarao.
 A nossa Augusta Mãe e Sobrana,
 O seu Regio Consorte, e o excellent
 Principe D. José, ambos estrellas
 No convexo do Impyres relucente,
 E o nosso unico Amor, nossas Delicias,
 João, Nome feliz e caro aos Lusos,
 Já com o pezo do seu vasto Estado
 Para allivio do espirito accorrido:
 Já por dar treguas ás perdes varias,
 Que pelas Cereas campinas passem,
 Que em vão rufando com folmeas azas
 Para rugar os infallivels lamos,
 Com que as alcanção os certeiros canos,
 Buscão sumir-se nas etheras caas,
 E eis semivivas com horrendo estiro
 As precipita do ar cruel peliro.
 Florestas de meus Pais, vergéis avitos,
 De longe vos saudo, e hum eterno
 Ah! que de dor a lingua se entorpece,
 E tolliposo pranto me suffoca!
 Não, o termo fatal de despedida
 Não posso articular, ao peito desce,
 Se antes não morre na gelada boca.

Mas que improviss luz no ar se accende,
 Que através de auras novena do Desgosto
 Seta banhar-me o lagrimoso rosto,
 E aos penetras do coração descendo,
 Delle a dor, e as tristezas adogenta,
 E as marchas esperanças aviventa!
 Já subito alvorço me astreoneo . . .
 Novo sangue girar nas veias sinto . . .
 Ah! cobra amito, Altivo, goza, e exulta.
 Loda felix serás, Inda. Não minte;
 Se ao vate caro o Pêlo, accento si Musas,
 Cysne canoro das ribeiras Lusaz,
 He dado ler no livro do Futuro,
 Envolto em denso vó: o raio puto
 Do Favor, que volveu a ti agora,
 Do Soberano a Estrella beneficitora,
 A vindouro te segura immanita dita
 De vites a cobrar a herdade avita.
 Em pacifico porto então surgido,
 Apenas das procellas do impio fado,
 No seo da innocencia reclinado,
 Velho plebeu acbarás contente,
 Grato com as dulcissimas Camenas,
 João sempre cantando, e o teu Mecenas.

O D E

*Das Annos da Illustrissimo e Excellentissimo Conde
 do Porto. Governador e Capitão General da
 Capitania da Bahia.*

*Tu regere imperio populos, Romane, memento.
 Virg. L. 6.*

NO espaço inatento hum ser, que tudo pôde,
 Milhoens d'astros semita, e providente
 As diversas funções, os fins diversos
 A cada qual prescreve.

Este, da propria luz enriquecido,
 He dos corpos opacos humo centro,
 Empréstado-lhes calor e lume, e
 E sem cessar os puchos.

Estes em giro instavel revolvidas,
 Reflectem liberaes quanto recebem:
 Das ellipses tocando os varios pontos,
 Que tem commum o foco.

D'hum a abrazada cauda o povo aterra:
 Olha brilha, e por seculos se esconde
 Tremem os astros, se de perto avista
 A curva não fechada.

Outros soes, muito longe collocados,
 A grandeza consemem na distancia,
 Da noite o manto tenebroso estalifio
 Sem o favor de Febo.

Tal dos Saldanhas o destino honroso:
 Estes encarão de Neptuno a sunha,
 Vem Eólo em furor, volver ondas:
 Não tremem, não desmaião.

Aquelles ouvem de Vulcano os raios,
 E mais irosos ao combate vão:
 Sobem ao muro em fendas mil abertos,
 Atrombão bronzeas portas.

Qual em raza campina, peito a peito,
 Braço a braço defende o patrio mho,
 Já dos rios engrossão as correntes,
 Co' o sangue dos imgos.

Qual as quinas levando a novos climas,
 A selvages boças entrega a vida,
 Qual, de Marte rival, a Lusa gloria
 Sustenta denodado.

Hum tam na firme dextra o certo prumo
Da politica astuta entre os encolhos,
Outro o patuo esplendor cunheira, e augmenta
Em brillante congresso.

Tal o manio rebanho pastorés,
Que o chefe divina lbe confiera,
Tal a purpura adorna mais sublime,
Qual a dourada mitra.

Mais liberal o fado te concede,
Generoso José, o alto destino
De menezes o lema do governo
No Brazil venturoso.

Soltos o inferno os monstros furiosos,
A injustiça e a ambição, monstros sedentos
De sangue, estragos, de ruínas, mortes:
Tremem do mundo os pólos.

Emtanto o Bahiense socegado
Do teu possante braço vê pendente
De Thamis a balança, té na dextra
Brilhar bafdo ferro.

Trasborra o coração em doce gozo,
E seus votos fieis ao Ceo supplicio
Que o venturoso dia dos teus annos
Mil vezes se renove.

Bahia 4 de Dezembro de 1807.

M. F. A. G.

STATISTICA.

Mappa comparativo da população de S. Paulo nos annos de 1811, 1812, e 1813: e das alterações, que soffreu a villa Capitania, depois de formado o mappa, copiado do N.º 3, da 1.ª Subscripção pag. 100 e 101.

O Numero das freguezias se acha neste periodo augmentado de 8; a saber — 5 na Comarca de S. Paulo; — 2 na de Parangaguá; — 1 na de Itú.

Na 1.ª as mudanças são: Cidade de S. Paulo 12; Mogy das Cruzes e Lorena 4; Tabaté e Jacarehy, 2; o que faz o referido augmento de 5.

Na Comarca do Parangaguá apparece a Villa de Coritiba com 3 freguezias; e Antonina com 2; tendo cada huma augmentado 1 freguezia; ao todo 2.

N. B. No Jornal citado lê-se Lagos, em vez de Lagos.

Na Comarca de Itú, Porto Felix se acha ter 3 freguezias, o que dá 1 de augmento.

Total das freguezias em 1811, 68, em 1812, 70.

População em 1813.

I. Comarca.

Branços.		Pretos.		Pardos.	
H.	M.	H.	M.	H.	M.
31579	35517	1026 l.	1211 l.	11209 l.	13200 l.
		12476 c.	9882 c.	3108 c.	3275 c.
		Total.		122742	

Nascido 5387, Mórte 2635: Casamentos 2141.

II. Comarca.

Branços.		Pretos.		Pardos.	
H.	M.	H.	M.	H.	M.
9289	10060	409 l.	831 l.	4024 l.	4617 l.
		2585 c.	2228 c.	1103 c.	1227 c.
Nascido 1221 : Morrerio 637 :		Casamentos 644.		Total. 36104	

III. Comarca.

Branços.		Pretos.		Pardos.	
H.	M.	H.	M.	H.	M.
12795	13725	836 l.	836 l.	5641 l.	5162 l.
		6206 c.	4196 c.	447 c.	968 c.
Nascido 2372 : Morrerio 1109 :		Casamentos 681.		Total. 36372	

Resumo total.

Livres		Cativos.	
Branços.	112964		
Pretos.	3957	37602	
Pardos.	42063	10648	
Soma.	160963	48250	
Nascimentos.		9020	
Casamentos.		2466	
Ohitos.		4451	

Comparação.

	Branços.		Pretos.		Pardos.		Total.
	Liv.	Cat.	Liv.	Cat.	Liv.	Cat.	
1811.	109364	3899	24579	45164	10793	800408	
1812.	109618	3780	33900	46408	10995	205667	
1813.	112964	3957	37602	44963	10648	209218	

Leis publicadas nesta Corte no 2º Semestre de 1814.

19 de Julho.

Alvará, que Determina os limites do Termo da Villa da Campanha da Pínceza; Cria as Villas de Santa Maria de Baependy, e de S. Carlos de Jacuhy; e Determina o territorio, que fica pertencendo ao Termo da Villa de S. João d'ElRei.

6 de Agosto.

Decreto de perdoão nos Desertores dos diferentes Corpos do Exército do Brazil.

30 do Dito.

Alvará, originando a Povoação da Barra do Jardim na Capitania do Ceará Grande, com a denominação de Villa de Santo Antonio do Jardim, Desmembramento do Termo da Villa do Crato, Creando as Justicas, e Officias necessarios; e Concedendo-lhe para seu patrimonio huma Sesmaria de huma legoa da terra em quadro, conjuncta ou separadamente.

16 de Setembro.

Alvará, ampliando o de 13 de Maio do anno passado, e Mandando elevar ao trezcentos as multas, penas de dinheiro, e taxas da Lei do Reino, e Dar outras providencias a fim de simplificar a administração da Justica.

24 do Dito.

Alvará, concedendo ás dividas do Banco do Brazil o privilegio executivo para serem cobradas como dividas fiscaes.

24 de Outubro.

Alvará, que manda pôr em effectiva execução as providencias a bem dos Orfãos desamparados estabelecidas no Regimento dos juizes de fey; Notando para Provedor-Mór hum dos Desembargadores da Meza do Desembargo do Paço, e dando entras muitas providencias para o amparo e educação dos mesmos Orfãos.

10 de Dezembro.

Decreto alliviando da imposição de 400 reis, ordenada no Alvará de 10 de Outubro de 1812, todas as canoas de serviço particular e de pescaria, e declarando quaes não são sujeitas á mesma imposição.

Continuação do Estado da atmosfera.

Novembro.

Dia.	Ther.	Bar.		Tempo.
		Grãos.	Pol. Vini. Mil.	
1	73	29	14	claro.
2	74		14	40
3	79		11	40
4	76		12	40
5	80		10	40
6	82		13	16
7	78		13	40
8	76		14	claro.
9	73		11	
10	76		11	40
11	81		11	34
12	80		11	22
13	80		11	10
14	84		11	
15	82		11	60
16	81		11	
17	79		12	10
18	77		12	4
19	75		11	40
20	79		11	
21	79		10	28
22	84		7	20
23	76		11	4
24	70		11	4
25	78		11	chovisco.
26	79		9	38
27	73		14	44
28	73		15	4
29	79		14	4
30	77		13	38

(118)

December (Continued)

Dia.	Ther.	Bar.				Tempo.
		Grãos.	Psl.	Vint.	Mil.	
1	77	89	11	16	chuvozo.	
2	77		11			
3	77		10	16		
4	81		10		claro.	
5	88		9	22		
6	81½		10	20		
7	79		10	30	chuvozo.	
8	89		9	20	claro.	
9	80		9	20		
10	81		9	10		
11	83		8	22	chuvozo trevoada.	
12	79½		9		claro.	
13	80		12	6		
14	80½		11	38		
15	79		9	40		
16	8½		10			
17	85		9	36		
18	83		13	20	chuvozo.	
19	79½		13	10		
20	78		13			
21	78		13	40		
22	77		9	26		
23	81½		9	20	claro.	
24	81		9	48		
25	82		10			
26	83		11	8	chuvozo.	
27	82		11			
28	89½		11	6		
29	85		10	19	pezado.	
30	82		10	40		
31	84		11	36		

(119)

INDICE

HISTORIA.

Conclusão da Memória sobre o Descobrimento, Governo, População, e cousas mais notaveis da Capitania de Goyaz, continuada da N.º antecedente, paginas 3. 3

TOPOGRAFIA.

Conclusão das Reflexões sobre as notas do Roteiro do Maranhão, &c. 37

Da Perlasa, e da Potassa. 65

MINERALOGIA.

Algumas observações Barometricas, e Geognosticas, &c., feitas na Capitania de Minas Geraes por G. B. de E. 72

Ensaio sobre algumas propriedades fisicas de diferentes madeiras. Pelo Tenente General Carlos Antonio Napion. 84

Observações feitas pelo Coronel Carlos Julião sobre algumas madeiras do Brazil. 92

LITTERATURA.

Epistola a Sua Alteza Real o Principe Regente Nosso Senhor. Por Affonso Cynthio. 103

As Anos do Illustrissimo e Excellentissimo Conde da Ponte, Governador e Capitão General da Capitania da Bahia. 110

STATISTICA.

Mapa Comparativo da população de S. Paulo
nos annos de 1811, 1812, e 1833; e das al-
terações, que soffreu aquelle Capitania, de-
pois de formada a mappa copiado no N.º 3.
da 1.ª Subscripção pag. 100 e seg. 115

Leis publicadas nesta Corte. 115
Continuação do estado da Atmosfera. 137

INDICE GERAL DO PATRIOTA.

O primeiro n.º marca a Subscripção, o segundo o
Numero, e terceiro a Pagina.

Introdução I. 1. III.

SCIENCIAS.

Mathematica.

Indagação do solido de maximo vo-
lume entre todos de igual super-
ficie, por José Saturnino da Cos-
ta Pereira. I. 1. 3.

Navegação, e Hydrographia.

Reflexões sobre as derrotas de eslima I. 6. 58.
Continuação II. 3. 9.
Noticia sobre Cabo Negro, por
Joaquim José da Silva I. 6. 71.
Reflexões sobre as viagens dos mais
celebres navegadores, &c. por
Joaquim Bento da Fonseca II. 1. 17.
Continuação II. 2. 12.
dito II. 3. 16.
dito II. 4. 19.
dito II. 5. 14.
Methodo, que se seguiu no traba-
lho Hydrographico da planta do
Rio de Janeiro, por Diogo Juc-
ge de Brito I. 1. 49.

Nova Ilha - - - - -	I.	3.	107.
Pharol na Escossia - - - - -	<i>ibid.</i>		
Baixo na latitude de 35° S. &c.	II.	3.	78.

Hydraulica.

Memoria sobre o meio de esgotar as terras inundadas, por Borges	II.	5.	31
Noticia sobre o meio de esgotamento de hum pantano, pelo mesmo	II.	6.	31

Botanica e Agricultura.

Ensaio sobre algumas propriedades fisicas de diferentes madeiras, por Carlos Antonio Napion - - - - -	III.	6.	84.
Meio empregado pelos Chins para a propagação das arvores fructíferas, por Borges - - - - -	II.	3.	20.
Memoria sobre o algodociro - - - - -	I.	11.	29.
Continuação - - - - -	I.	2.	43.
dito - - - - -	I.	3.	39.
Memoria sobre a cultura e fabrico do Anil, por Borges - - - - -	I.	2.	15.
Memoria sobre o Caffé pelo mesmo	I.	5.	3.
Continuação - - - - -	I.	6.	31.
dito - - - - -	II.	2.	3.
Memoria sobre a Cochoilha, pelo Doutor J. J. S. Quintão - - - - -	II.	4.	11.
Memoria sobre o Urucú, por Borges	I.	1.	31.
Noticia das plantas exoticas transplantadas da Ilha de França, por Luiz de Abreu - - - - -	I.	3.	16.
Observações feitas pelo Coronel Carlos Julião sobre algumas madeiras do Brazil (com hum estampa) - - - - -	III.	6.	92.

Plantas medicinaes indigenas de Minas Geraes pelo Doutor Luiz José de Godoy Torres - - - - -	III.	3.	62.
Plantas do Brazil, suas virtudes, e lugares, em que florecem, &c.	III.	4.	3.
Summario da Historia do descobrimento da Cochoilha no Rio de Janeiro, &c. por M. J. H. de Paiva - - - - -	III.	1.	13.

Chimica.

Cartas sobre o Galvanismo - - - - -	I.	2.	8.
Memoria sobre hum novo principio do Calorico, por Silvestre Pinheiro Ferreira - - - - -	II.	1.	3.
Methodo para a extracção do Oleo de mamona, praticado no Laboratorio do Excellentissimo Conde da Barca - - - - -	I.	2.	12.
Perilassa e Potassa - - - - -	III.	6.	65.

Medicina.

Proposta da Camara do Rio de Janeiro sobre as doencas endemicas e epidemicas da mesma Cidade	I.	1.	58.
Resposta do Dr. Manoel Joaquim Marreiros - - - - -	I.	1.	60.
dita do Dr. Bernardino Antonio Gomes - - - - -	I.	2.	56.
dita do Dr. Antonio Joaquim de Medeiros - - - - -	I.	3.	9.

Mineralogia.

Memoria do Desembargador José Bonifacio de Andrade - - - - -	II.	2.	11.
--	-----	----	-----

Continuação	II.	2.	215
dita	II.	3.	3.
Memoria sobre a ultima erupção volcanica do Pico da Ilha do Fo- go, por João da Silva Feljó	III.	5.	23.
Observações barometricas e geognos- ticas, feitas em Minas Geraes, pelo Barão de Eschwege	III.	6.	72.
Observações Meteorologicas			
Fevereiro de 1813.	I.	2.	118.
Março	I.	3.	111.
Abril	I.	4.	106.
Máio	I.	5.	125.
Junho	I.	6.	99.
Junho e Julho	II.	1.	83.
Julho e Agosto	II.	2.	75.
Agosto e Setembro	II.	3.	81.
Setembro e Outubro	II.	4.	94.
Outubro e Novembro	II.	5.	79.
Novembro e Dezembro	II.	6.	84.
Janeiro e Fevereiro de 1814.	III.	1.	116.
Março e Abril	III.	2.	117.
Máio e Junho	III.	3.	104.
Julho — Outubro	III.	5.	101.
Novembro e Dezembro	III.	6.	117.
Reflexões sobre as observações me- teorologicas	III.	3.	106.

ARTES.

Bianqueação da cera, por Borges	H.	3.	49.
Discurso do Dr. Duarte Ribeiro de Macedo, Enviado em Paris, so- bre a introdução das Artes no Reino (1675)	II.	2.	41.
Continuação	II.	3.	34.
dito	II.	4.	29.
Memoria sobre as novas fôrmas			

para cozer o assucar, por Fr. Arcangelo de Ancona	I.	3.	32.
Memoria sobre o emprego do As- sucar combinado com a polvora	I.	1.	9.
Memoria sobre hum alambique mais commodo, &c. por Gaspar Mar- ques (com 2 Estampas)	I.	2.	99.
Continuação (1 Estampa)	II.	1.	35.
Noticia acerca de varios carros de transporte (1 Estampa) por Borges	I.	4.	68.
Novo modo de refinar assucar	I.	1.	10.
Memoria sobre os muros de apoio (1 Estampa) por Borges	II.	4.	3.

LITTERATURA.

Grammatica.

Questão Grammatical sobre as syl- labas, por Silvestre Pinheiro Fer- reira	I.	1.	93.
Grammatica Filosofica, por Silves- tre Pinheiro Ferreira	I.	4.	21.
Memoria sobre a Grammatica Fi- losofica, por Joaquim José Leite Professor em Macau	I.	5.	18.
Continuação	I.	6.	3.
Discurso sobre as palavras novas, do mesmo Author	III.	5.	69.
Discurso sobre a Tradução	I.	3.	69.
Litteratura da Russia	I.	3.	106.

Eloquencia.

Pratica de Alexandre de Gusmão	I.	4.	29.
Discurso do Dezembargador Vellozo	I.	5.	15.
Exame da Resposta defensiva e ana-			

lytica á Censura, que o Redactor
fez ao Juramento dos Nomes III. 1. 63.

Poesia.

Ode A' partida de S. A. R. para o Brazil, por Borges - - -	I. 1.	68.
A' S. A. R. por Manoel Joaquim Ribeiro - - - - -	III. 1.	33.
Aos Annos da Rainha N. S. por M. F. A. G. - - - - -	II. 1.	38.
No dia da inauguração da es- tatua equestre do Senhor D. José I., por M. J. S. Alvarenga - - - - -	II. 3.	54.
Aos annos do Excellentissimo Conde de Palma, por M. J. R.	II. 6.	18.
Aos annos do Excellentissimo Conde da Ponte, por M. F. A. G.	III. 6.	110.
Do Dr. Antonio Ribeiro dos Santos a F. de B. G. Stockler	I. 1.	74.
Outra - - - - -	I. 2.	74.
De F. de B. G. Stockler ao Dr. Antonio Ribeiro - - -	I. 1.	76.
De Diniz a Affonso de Al- buquerque - - - - -	I. 1.	79.
Aos benemeritos da Patria, por A. da R. Franco - - - - -	III. 2.	99.
A Rinaldi - - - - -	I. 3.	61.
Imitação da precedente - - -	II. 1.	41.
Apotheosi de Luiz de Vascon- cellos, por M. I. S. Alvarenga.	III. 2.	32.
A' Vaidade dos tumulos, por Candido Lusitano - - - - -	III. 3.	55.
De Francisco Manoel a Borges	I. 4.	3.
A D. Manoel de Portugal, por J. da C. de Faria - - - - -	I. 5.	34.
Improvisada a hum amigo - -	II. 4.	71.

Anacreontica de Diniz - - - -	I. 2.	80.
dita - - - - -	I. 3.	67.
dita - - - - -	I. 5.	30 e 31.
Canção aos Annos da Senhora D. Maria I., por M. I. S. A. - - -	II. 3.	52.
Poema aos Annos da Senhora D. Maria I., por M. I. S. A. - - -	I. 6.	15.
Liras Ineditas de Gonzaga - - -	I. 1.	88.
dito - - - - -	I. 4.	8.
Retrato d' Armia, por E. B.	I. 6.	28.
Ausencia d' Armia, pelo mesmo	II. 2.	30.
A liberdade de Metastasio, traduzida por Alexandre de Gusmão - - - - -	II. 1.	42.
A Palinodia do mesmo, tradu- zida por E. B. - - - - -	II. 4.	66.
A Saudade, por Borges - - -	III. 2.	113.
Ecloga de M. I. da S. Alvarenga	II. 5.	43.
Epicedio á morte da Excellentissi- sima Duquesa de Alafões, por B.	I. 2.	64.
Dithyrambo de Diniz - - - - -	I. 2.	75.
dito - - - - -	I. 3.	64.
Epigramma do mesmo - - - - -	I. 1.	88.
dito - - - - -	I. 4.	10.
dito - - - - -	I. 3.	11 e 14.
dito - - - - -	II. 1.	40.
Latinos do Dr. João Ferreira Soares á morte da Senhora Infanta D. Marianna - - -	II. 6.	10.
Satira aos costumes, por Alvarenga	I. 4.	11.
Aos Poetas, por Pedro José da Fonseca. - - - - -	I. 5.	45.
O Carnaval pelo Conego João Pereira - - - - -	III. 3.	57.
Epistola de Borges a Francisco Ma- noel - - - - -	F. 4.	5.
Do mesmo a Elmano Bahiense	II. 6.	11.
Do mesmo a Paulo José Mello	I. 5.	37.

Eufrazia a Melcour, traducção de Bocage	II.	3.	55.
A S. A. R., por Alfeno Cynthio	III.	6.	103.
Soneto de D. Marianna Pimentel	I.	5.	44.
De Claudio Manoel da Costa	I.	2.	82.
Do Dezembargador Antonio Ribeiro	I.	6.	27.
De Ignacio José Alvarenga	II.	1.	46.
Ao Excellentissimo Conde de Palma, por A. R. Franco	III.	1.	44.
Ao dito por J. J. da S. G.	III.	1.	45.
A Lord Strangford	II.	4.	73.
De Fr. João do Prado	II.	5.	474.
Traducção do Ensaio sobre a critica de Pope em versos latinos	II.	4.	63.
De huma passagem de Virgilio, por Borges	III.	1.	41.
De duas passagens de Delille, por Borges	II.	4.	70.
E	III.	2.	111.
Da Ode de Dryden a S. Cecilia	III.	5.	90.
Descripção de huma tormenta, por Borges	II.	2.	38.
Vantagens da vida campestre, pelo mesmo	I.	5.	37.
Discurso na abertura do Theatro da Bahia, pelo mesmo	III.	1.	38.

HISTORIA.

Extracto da viagem, que fez ao Sertão de Benguela o Bacharel Joaquim José da Silva	I.	1.	97.
Continuação	I.	2.	86.
dito	I.	3.	49.
Memoria Historica da descoberta das Minas por Claudio Manoel da Costa	I.	4.	40.

Historia do Rio de Janeiro	I.	5.	61.
Continuação	I.	6.	44.
dito	II.	1.	58.
dito	II.	4.	48.
Extracto da Historia da Capitania de Goyaz, por J. M. A. da Frota	III.	2.	25.
Memoria sobre o Descobrimto, governo, população, &c. da Capitania de Goyaz	III.	4.	33.
Continuação	III.	5.	3.
Fim	III.	6.	3.
Memoria sobre a Capitania do Ceará por João da Silva Feijó	III.	2.	46.
Continuação	III.	2.	17.
Ensaio Politico sobre as Ilhas de Cabo Verde, pelo mesmo	III.	3.	29.
Historia dos Indios Cavalleiros, de nação Guayacú	III.	4.	14.
Continuação	III.	5.	26.
Noticia das novas povoações de S. Pedro de Alcantara, e S. Fernando, &c. estrada para o Pará	II.	3.	61.
Roteiro do Maranhão para o Rio de Janeiro	II.	6.	6.
dito do dito para a Bahia	II.	6.	8.
dito a Goyaz pelo Piauí	III.	3.	3.
Reflexões sobre este roteiro	III.	4.	74.
Continuação	III.	5.	45.
Fim	III.	6.	37.
Descripção Geografica da Capitania de Matto Grosso, pelo Sargento Mór Ricardo Franco de Almeida Serra	II.	1.	47.
Continuação	II.	2.	50.
dito	II.	5.	31.
dito	II.	6.	32.
dito com huma tabela das Longitudes e Latitudes dos prin-			

cigaes lugares	III.	1.	14.
Discurso do Author	III.	2.	3.
Viagem de S. Paulo a Cuiabá	I.	5.	50.
Estradas (novas) do interior	II.	2.	66.
Exame de algumas passagens de hum moderno viajante, &c.	II.	3.	68.
Continuação	II.	5.	65.
Necrologia	I.	3.	108.
dito	I.	4.	81.
dito	I.	6.	87.
dito	III.	5.	109.

Bibliographia.

Obras publicadas no Rio de Janeiro	I.	1.	104.
dito	I.	2.	108.
dito	I.	3.	113.
dito	I.	6.	90.
dito	II.	2.	69.
dito	II.	3.	79.
dito	II.	4.	90.
dito	II.	5.	78.
dito	III.	1.	114.
dito	III.	2.	115.
dito	III.	5.	110.

POLITICA.

Cartas de D. João de Castro	II.	5.	49.
ditas	II.	6.	19.
Carta de D. Fernando de Castro	II.	6.	33.
Calculo sobre a perda do dinheiro do Reino, por A. de Gusmão	I.	1.	101.
Memoria sobre huma estrada entre S. Catharina e a Villa de Lagos	I.	3.	23.
Papel offerecido ao Senhor D. João IV. sobre a Gente da Nação, pelo Padre Vieira	III.	2.	35.

Estado politico da Europa	I.	1.	12.
dito	I.	2.	106.
dito	I.	5.	112.
Ordem do Concelho da Grã Bretanha	I.	3.	81.
Discurso de Mr. Protheroe em elogio de Lord Wellington	I.	3.	82.
Tratado de paz entre a Suécia e a Inglaterra	I.	1.	108.
entre a Hespanha e a Russia	I.	1.	110.
entre a Inglaterra e a Russia	I.	3.	85.
de alliança entre o Imperador d'Austria e o Imperador de França	I.	4.	84.
entre a Grã Bretanha a Suécia	I.	4.	81.
entre a Russia e a Suécia	II.	4.	87.
entre a Russia e a Persia	III.	2.	76.
entre a Suécia e a Dinamarca	III.	2.	77.
entre o Imperador dos Fran- cezes e ElRei de Prussia	I.	4.	87.
de Chaumont, entre a Austria, a Russia, a Grã Bretanha e a Prussia	III.	3.	74.
Artigos principaes do Tratado entre a Russia e a Porta	I.	3.	93.
Manifesto da America contra a Grã Bretanha	I.	5.	701.
da Grã Bretanha contra a America	I.	5.	86.
da Dinamarca	II.	1.	79.
do Imperador d'Austria contra o Imperador dos Fran- cezes	II.	6.	62.
da Prussia contra a Franca	II.	1.	60.
da Franca contra a Prussia	<i>ibid.</i>		73.
Artigos estabelecidos no Parlamento da Sicilia	I.	3.	88.
Dissolução do Parlamento da Sicilia	III.	1.	109.

Proclamação de Lord Bentinck	III.	1.	122.
Ordem do Concelho da Grã-Bretanha	I.	3.	81.
Finanças e Commercio da Grã-Bretanha	II.	4.	77.
Decreto Imperial de Napoleão sobre os ausentes	II.	4.	74.
Sessão do Senado Conservador	III.	1.	101.
Discurso de Bonaparte ao Corpo Legislativo	III.	1.	97.
Falla do Presidente do Senado ao Imperador	III.	1.	99.
Resposta do Imperador	<i>ibid.</i>		100.
Restabelecimento de Luiz XVIII.	III.	2.	56.
Falla do Maire de Bordeaux ao Marechal Beresford	III.	2.	64.
dita ao Duque de Angouleme	III.	2.	65.
dita do Arcebispo de Bordeaux ao dito	<i>ibid.</i>		66.
Declaração de Luiz XVIII.	I.	5.	83.
Príncipes da Casa de Bourbon	III.	2.	84.
Nova Constituição Franceza	III.	2.	90.
Sessão da Camara dos Deputados	III.	5.	97.
Relação do Commissario Provisional da Fazenda a Monsieur	III.	3.	86.
Contribuição de Hamburgo	II.	4.	76.
Confederação Suissa	III.	1.	113.
Declaração dos motivos da dissolução do Tratado de Chatillon	III.	3.	80.
Despedida do Principe Herdeiro da Suecia (hoje Carlos XIV.)	II.	2.	65.
Decreto do Imperador d'Austria sobre o papel Moeda	II.	2.	62.
Bulla para o restabelecimento dos Jesuitas	III.	5.	102.
Leis publicadas na Corte	I.	6.	77.
dito	II.	6.	78.
dito	III.	3.	103.
dito	III.	6.	115.

Statistica.

População, Commercio, &c. da Capitania de Goyaz	I.	3.	95.
dito de S. Paulo	I.	3.	100.
dito de Seará	III.	3.	96.
dito de Santa Catharina	I.	3.	98.
idem.	III.	3.	99.
Produção da mesma em 1812	III.	3.	101.
População da Parahiba do Norte	I.	4.	94.
Mappa comparativo da população de S. Paulo nos annos de 1811, 1812, e 1813	III.	6.	113.
Exportação das quatro Villas principaes do Seará	III.	3.	96.
Descripção Topographica e Estatistica da Capitania do Espirito Santo, por Francisco Manoel da Cunha	II.	3.	24.

Commercio.

Memoria sobre a compra e remessa do marfim de Angola	I.	3.	105.
Mappa das embarcações Portuguezas entradas em Gibraltar em 1811, suas exportações, e importações	I.	1.	122.
Produções, exportação e consumo da Ilha Grande	I.	4.	96.
Importação e exportação Portugueza em Liverpool.	I.	4.	97.